

**Universidade Nova de Lisboa**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**Departamento de Antropologia**

## **Santuário**

**Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total**

Dissertação conducente à obtenção do Grau de Mestre em

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais

**Margarida Paula de Almeida Simões Cardoso**

**Orientadora: Prof. Doutora Paula Godinho**

**Junho de 2007**



*Ao meu Pai e à minha Mãe*



## Agradecimentos

À Teresinha e ao Zé, porque não tinha feito este trabalho sem eles. A Teresinha aturou as minhas ausências, no trabalho de campo e dentro de casa, as leituras, as variações de humor, o cair de sono, os beijinhos de boa-noite quando já estava a dormir. O Zé, sobrecarregado com o seu próprio trabalho, de grande complexidade, esteve comigo em todas as horas.

Ao Rui, meu irmão, porque também não tinha feito este trabalho sem ele. Por tantos motivos e mais um: a sua biblioteca!

À minha Mãe e às minhas irmãs, por todos os motivos e mais uma: a Teresinha.

À minha Orientadora, a Prof. Doutora Paula Godinho, a quem agradeço ter confirmado sempre as primeiras impressões que tive: com a sua inteligência e enorme volume de informação, orientou-me a nível conceptual e metodológico, apoiou-me sempre na resolução das minhas dúvidas... mantendo a exigência, o bom humor e uma tolerância especial às inesperadas mudanças de planos!

Ao Desembargador João Moraes Rocha - e à sua família, a Sónia e as meninas -, porque abrindo as portas da sua casa, da sua impressionante biblioteca e acervo documental, tornou possível a concretização deste trabalho. Num momento particularmente exigente do seu próprio percurso académico, fui sempre acolhida calorosamente, guiada pelo meio dos livros com disponibilidade total, usufruindo de orientação bibliográfica e temática preciosa.

No CITI do INETI: à Doutora Maria Joaquina Barrulas e à Doutora Zita Correia, que me apoiaram, tornaram possível a obtenção da bolsa de mestrado e criaram sempre espaço institucional para eu poder desenvolver o meu trabalho. À Mónica André, pela amizade e pelas discussões conceptuais que nos mantêm alerta! À Rosália Cera e à Maria Dória, as minhas colegas bolseiras, porque estamos neste *barco* e divertimo-nos com isso!

Ao responsável pela comunidade, que me abriu as suas portas. A todos os que, na comunidade, aceitaram participar neste trabalho.



## Resumo

Procura-se compreender se os indivíduos actuam como resistentes no contexto de uma comunidade terapêutica, uma instituição total. Através de uma abordagem qualitativa que junta a observação à recolha das narrativas de vida, interroga-se a forma como os indivíduos vivem o tempo e os seus quotidianos, bem como os sistemas simbólicos hegemónicos que os enquadram. A proposta de análise inclui algumas das abordagens associadas ao interaccionismo, cruzando-os com aspectos associados aos capitais e à descaracterização do *habitus* em função dos percursos de vida. Por fim, apuram-se algumas categorias nucleares, com particular centralidade nos aspectos temporais e em situações de transição específicas, na comunidade, como a da *ressaca*, ou a da separação do contexto de consumo e do mercado capitalista.

## Abstract

The purpose is to understand if informants, drug and alcohol consumers as therapeutic community inmates, act as resitants in a therapeutic community - a total institution. A qualitative approach brings together observation and life stories, seeking to understand how people lead their time and their daily life, as well as the framing hegemonic systems. The analysis of life stories includes interactionist approaches, as well as capital and *habitus* conceptual frameworks. Some important dimensions like time and specific transition situations show up, including the relevance of hangover during first days in the community. Consumption and capitalist system aspects are also discussed.



## Índice

Dedicatória	3
Agradecimentos	5
Resumo	7
Índice	9
1. Introdução	11
1.1. Olhar pelo outro lado: a recuperação na comunidade terapêutica	13
1.2. O objecto e o modo: advertências ao levantamento no terreno	17
1.3. Drogas: de que substâncias se fala?	17
1.3.1. A heroína e a cocaína	17
1.3.2. Alguns aspectos associados ao álcool	18
2. Um "club de cavalheiros"	21
2.1. Substâncias	23
2.1.1. Ópio	23
2.1.2. Coca	24
2.2. A droga de consumo	29
2.3 Em Portugal	32
2.4. Comunidades terapêuticas	35
3. A omissão do triângulo	37
3.1. Campos de forças	39
3.2. Tempo, consumos e estilos de vida desviantes	45
4. Tempo e processo: histórias de vida	47
4.1. Capitais e interconvertibilidade	51
4.2. Tempo e mudança	53
4.3. Tempo e memória	55
5. A nossa maneira de vermos o Outro é uma forma de nos vermos a nós mesmos?	57
5.1. Acesso e unidades de análise	59
5.2. Fazer reflectir o processo	61
5.3. Momentos da comunidade	62
5.4. <i>Récits de vie</i> e análise de discurso	62

6. Santuário: nós aqui e um lugar perigoso lá fora	67
6.1. Introdução	69
6.2. O circuito contextual	70
6.3. O jardim	73
6.4. O chão vermelho das arcadas	75
6.5. A ruína	76
6.6. Atrás da porta, na sombra, as regras da comunidade	78
6.7. Hora do lanche	86
A. Diário: um imigrante em Portugal	89
B. Cristina, estar cá dentro estando lá fora	94
7. Uma <i>ilha</i> no meio da <i>paranóia</i>	101
7.1 O corpo	103
7.2. A auto-imagem	105
7.3 A <i>carreira moral</i>	108
7.4 A dimensão dos quadros de referência.	111
7.5 A instituição total	113
7.6 Palcos e comunicação	115
7.7 O tempo social	117
7.8 A dimensão de memórias do consumo	118
7.9. As omissões	119
8. Conclusões: Fazer perdurar a mudança.	121
Bibliografia	127
Anexos. Análise de discurso	

## 1. Introdução.

**Olhar pelo outro lado: a recuperação na comunidade terapêutica**



### 1.1. Olhar pelo outro lado: a recuperação na comunidade terapêutica

O presente trabalho tem como objectivo compreender se os indivíduos agem, ou não, como resistentes no contexto específico e na relação com uma instituição total, a comunidade terapêutica.

Procura-se apurar sob que forma a hegemonia e a resistência transparecem do discurso, através da expressão do regime da comunidade terapêutica, que terá a ver com a maneira como o tempo social é vivido. Assim se enquadra a primeira hipótese:

- A dominação não é aceite, e a não aceitação dá-se através da opção por uma estrutura simbólica própria, em que o valor de mercado do tempo (ressaca) se perde, mas o valor pessoal aumenta (tempo livre). O valor actualmente associado ao tempo passa a ser o valor trabalho? A ocupação do tempo na comunidade é uma forma de resistência, a ocupação do tempo em dadas tarefas é simbólica?

Por outro lado, procura-se compreender a coincidência dos objectivos da comunidade com o discurso expresso pelos agentes que a integram. Procura-se, assim, compreender se os agentes se encontram no processo de transição esperado ou, pelo contrário, se a sua lógica posicional é diversa. Os residentes na comunidade terapêutica descrevem esta lógica narrando a sua vida, o que os conduz até à comunidade, como vivem o dia-a-dia antes de chegar à comunidade, durante a estadia na comunidade e como perspectivam os dias futuros, quando e se tiverem projectos para sair.

A segunda hipótese de trabalho apresenta-nos o terreno em que a resistência é preferencialmente exercida e ganha maior visibilidade, uma instituição totalitária.

- Em que medida coincidem a expectativa e o pressuposto hegemónico da instituição com o discurso e as expectativas dos indivíduos?

Procura-se distinguir no discurso dos informantes os pontos de referência, ou perspectivas situacionais que adoptam no seu percurso como consumidores, e as distâncias do discurso aos objectivos institucionais do processo, enquadrados historicamente.

“O que é uma vida conseguida, realizada?: a questão convida-nos a tornarmo-nos espectadores de nós mesmos” (Ferry, 2002, p. 59). Historicamente, o Autor refere que sob uma perspectiva cosmológica, a coerência de uma vida encontra-se subordinada a uma entidade e a uma lógica superiores, exteriores – de que o homem se aproxima através da sabedoria sobre as coisas divinas, mas também à sabedoria prática (Ferry, 2002, p. 62-65). Num segundo momento, teológico, a transcendência personifica-se num deus, mantendo-se o pressuposto da aproximação a algo exterior. Num terceiro momento, utópico, procura-se a neutralização do indivíduo perante o todo social, e finalmente, no presente, o materialismo tenta abolir a transcendência mas, na verdade, o individualismo e o humanismo tornam-na de novo possível. Será que a abordagem ao consumo de substâncias (e à transgressão com o recurso a esse consumo) tem, por trás, esta perspectiva da vida realizada, conseguida? Será que se materializaram estes pressupostos numa espécie de etnocentrismo de vida? Pois bem, o pressuposto do abandono ideal deste etnocentrismo (abandono não inocente, não inócuo) é a linha de orientação deste trabalho, associado a uma abordagem qualitativa (Pais, 2002, p. 153). Como afirma Fernandes, “O “mundo da droga” é (...) visto pela cultura dominante como uma perda de sentido. (...) [mas] um mundo que perdura e se reproduz tem de encerrar uma lógica e um sentido.” (Fernandes, 1998, p. 206)

Hunt & Barker chamam a atenção para um dos *demónios* que assolam as pesquisas sobre o consumo de substâncias. Demónio ou demissão, do holismo a que as ciências sociais se vincularam há muito tempo atrás. E o que é? A separação das pesquisas sobre álcool, das pesquisas sobre as drogas (cf. Hunt & Barker, 2001, p. 171). Pois essa separação foi precisamente a que constatei que não posso fazer no meu trabalho. Não posso, porque da *communitas* que abordei fazem parte pessoas que consomem, ou consumiram, ou voltarão a consumir, todo o tipo de substâncias. Mas também porque, como ultimamente se confirma mas já se pressentia no terreno há tempo – e aqui refiro-me especificamente à minha experiência no Casal Ventoso: cada pessoa consome as mais diversas substâncias, em simultâneo ou em diferido no tempo. Assim, é necessário atender à agência dos consumidores de drogas ou bebedores problemáticos, e à sua resistência à ordem dominante (Hunt &

Barker, 2001, p. 177), ou pelo menos, aos pressupostos dominantes. É sobretudo necessário aceitar que o discurso que ouvimos é uma acção paralela a algo que apenas pressentimos.

A proposta de uma antropologia das substâncias, conforme os Autores referem, pode ser um bom ponto de partida, pois implica um único quadro de referência para o estudo. Este inclui o tratamento do consumo como revelador de comportamentos sócio-culturais, preocupações e símbolos; uma abordagem que se debruça sobre grupos e esferas de consumo diferenciados, comportamentos e decisões; a não-diferenciação, não-separação, da análise da produção, da distribuição e do consumo – uma vez que os actores podem ser os mesmos; e a proposta do exame das relações de poder associadas à economia moral das substâncias na sociedade (Hunt & Barker, 2001, p. 178). Esta antropologia das substâncias implica no entanto, no caso deste trabalho, algumas considerações *a priori*:

- a) Não pretendo fazer uma antropologia das substâncias, pelo menos não num sentido lato e abrangente, mas de um conjunto de pessoas, uma *communitas* – segundo Turner, a organização institucional de um conjunto de actores implicados (Turner, [1969] 1989, p. 166-167). Portanto, pessoas que num dado processo chegam a encontrar-se, seguindo por caminhos diferentes – e já agora, que caminhos são estes? Parece-me, por ora, uma antropologia, *tout court*.
- b) O consumo revelará comportamentos sócio-culturais, mas neste caso abordo um conjunto de pessoas que são muito mais não-consumidoras, do que consumidoras – quer porque se definem pela negativa (pararam o consumo das substâncias), quer porque a sua situação em particular as afasta dos mercados onde consumiriam, e aqui não me refiro estritamente às substâncias, às drogas, ao álcool; no entanto, como veremos, este afastamento tem características específicas, visíveis nas declarações de cada um dos entrevistados.
- c) Não diferencio a análise da produção, da distribuição e do consumo, mas em boa verdade o consumo é abordado de forma específica, pelos motivos da alínea anterior, mas porque as características da comunidade ditam o seu afastamento do mercado; a produção e a distribuição são vistas à distância de onde esses processos têm sentido – ou seja, numa perspectiva histórica – que enquadra a circulação dos produtos, mas não as pessoas com quem falo;

- d) Faz sentido uma economia weberiana das substâncias, e faz sentido a economia da acção vivida pelos indivíduos face à comunidade, conforme vão permanecendo: a carreira moral, como refere Goffman, pode enquadrar os indivíduos e a sua vida no grupo.

Por fim, uma última dúvida: como abordar as substâncias que condicionaram a partida destes indivíduos para a comunidade? O peso mais relevante das drogas pareceu-me óbvio, porque a própria comunidade apresenta uma vocação e uma ocupação mais viradas para a abordagem de internamento de heroinómanos tradicional (tradicional na Europa, como refere o Observatório Europeu das Drogas e da Toxicodpendência, OEDT [EMCDDA], 2006).

Pareceu-me lógico no entanto poder deixar transparecer as evoluções históricas, algo lineares, da maneira como se têm encarado as drogas, quer partindo do ópio como mais uma substância que compõe os mercados de consumo quer, por outro lado, a cocaína que alimentou outros mercados (relacionados com a mineração dos metais preciosos), quer a unificação dos percursos e a abordagem dos movimentos de temperança a partir do século XIX, que passarão a impor a perspectiva e o seu contraditório (a redução de danos do séc. XX), tornando algo unívoca a maneira como olhamos estas substâncias.

O presente trabalho compõe-se, assim, de uma introdução de caracterização sobre as substâncias cujo consumo conduz as pessoas à comunidade terapêutica. Não se procura um conhecimento extensivo mas uma noção breve sobre estas drogas, ou mais exactamente, substâncias que provocam dano. De seguida aborda-se historicamente quer o consumo de opiáceos, quer o consumo da coca (que se afastam ambos do contexto europeu, mas não das mãos europeias...) e a situação do álcool tal como ela é abordada pela Organização Mundial de Saúde. De seguida aborda-se o percurso histórico das regulamentações sobre a proibição e o consumo das substâncias de que falamos, movimento que inclui quer as drogas quer o álcool, até ao presente, e uma breve contextualização das comunidades terapêuticas. Faz-se uma leitura crítica das abordagens teóricas à problemática do consumo de drogas, e de seguida enunciam-se os princípios teóricos escolhidos para a leitura do contexto, que incluem as noções de tempo, de consumo, de capital, de palcos, de carreira moral, entre outros, e ainda alguns dos recursos teóricos propostos pelos Autores previamente referidos. De seguida, propõe-se uma abordagem metodológica ao terreno, discutindo as opções em função dos

objectivos do trabalho. Faz-se uma descrição do terreno e analisam-se os elementos recolhidos com recurso às entrevistas etnográficas, em que se propôs às pessoas que descrevam a forma como a sua vida as conduz até à comunidade (como proposta de partida para a narrativa). Por fim, propõe-se um conjunto de conclusões.

## **1.2. O objecto e o modo: advertências ao levantamento no terreno**

O presente trabalho foi desenvolvido numa comunidade terapêutica em relação à qual tenho ligações anteriores como técnica e como familiar de alguns dos associados da instituição que a gere. Foram pesados os prós e os contras das implicações desta proximidade (abordados na metodologia deste trabalho, nomeadamente no que respeita ao acesso) e optou-se por esclarecer de forma clara e objectiva todas as pessoas que optaram por participar no estudo, quer sobre os objectivos quer sobre as ligações em causa. A todas as pessoas foi dada a opção de participação, e alguns optaram por não participar. Assegurou-se o anonimato: os nomes são todos pseudónimos, os locais sensíveis foram omitidos.

## **1.3. Drogas: de que substâncias se fala?**

### **1.3.1. A heroína e a cocaína**

Do ópio extrai-se a heroína e a morfina: a substância é extraída da papoila dormideira (*papaver somniferum*). A seiva que brota do cálice da papoila, seca e fica castanha-escura. O produto compõe-se de vários alcalóides, como a morfina, a codeína, a tebaína e a papaverina (Duarte, 2005, p. 137).

A morfina é inicialmente isolada na Alemanha, por Serturmer (Duarte, 2005, p. 137), e usada como analgésico. Do uso indiscriminado da morfina na guerra civil americana ou na franco-prussiana virá a resultar a primeira vaga de morfinómanos (Duarte, 2005, p. 139).

A partir da morfina, obtém-se a heroína, por um processo de acetilação para o qual são usados diversos precursores (ácido clorídrico, amoníaco, acetona, outros). Dresser descobre a heroína em 1874, na Alemanha (Berridge & Mars, 2004, p. 747), séculos depois do início do consumo do ópio (fumado). A substância é registada pela indústria farmacêutica, que antevê na heroína potencial

vantajoso mas não os inconvenientes da morfina, o que se virá a constatar como errado, já na transição do século XIX para o século XX (Duarte, 2005, p. 139). O aspecto da heroína é o de um pó baço e fino, de cor acastanhada e branca, e é consumida misturada com substâncias de corte como a lactose ou alguns medicamentos. Actua no sistema nervoso central e provoca prostração, sonolência, diminuição de actividade. Pode ser consumida inalada (menos habitual), fumada e injectada. A heroína é frequentemente consumida misturada com cocaína.

A produção coincide, curiosamente, com alguns dos momentos geopolíticos actuais: o Afeganistão, principal fornecedor da Europa (OEDT [EMCDDA], 2006, p. 12), o Paquistão, a Turquia, a Birmânia – ou Myanmar – , o Laos, são produtores, existindo um número de rotas que alimentam a circulação do produto a nível mundial (CIA, 2006).

As folhas de coca (*erythroxylon coca*) provêm de arbustos e são consumidas pelas populações dos Andes há séculos (Ferreira & Martini, 2001, p. 96), sob a forma de uma bola de folhas embebida numa qualquer substância alcalina, como o limão (Dory & Roux, 1998, p. 22). Para a preparação da cocaína colhem-se as folhas e são maceradas, obtendo-se a pasta de coca, escura e mascável. Junta-se a esta pasta ácido sulfúrico e leite de cal e obtém-se a cocaína base, que pode ser fumada. Depois de tratada com ácido clorídrico, é obtido um pó branco e cristalino, que pode ser inalado (veja-se a este propósito a informação pormenorizada no site do Observatório Europeu das Drogas e da Toxicoddependência, em [www.emcdda.europa.eu](http://www.emcdda.europa.eu)).

O consumo da cocaína induz euforia, ansiedade, diminui a fadiga física e desencadeia estados de excitação. Muitas vezes é tomada em combinação com tranquilizantes, para compensar o poder estimulante que tem. É cultivada na Colômbia, origem da maior parte do produto (OEDT [EMCDDA], p. 58), no Peru e na Bolívia.

### **1.3.2. Alguns aspectos associados ao álcool**

A Organização Mundial de Saúde aponta para cerca de setenta e seis milhões de pessoas, a nível mundial, com diagnósticos de desordens alcoólicas (WHO [OMS], 2004, p. 1). Os problemas relacionados com o álcool (e com os padrões complexos de consumo da substância), ganham visibilidade através da intoxicação alcoólica, por exemplo. Mas um dos problemas apontados e sempre

estritamente relacionados com o álcool, na literatura e nos indicadores é, certamente, o dos acidentes de viação – juntamente com o cancro do esófago, do fígado, a cirrose, o homicídio, podendo ainda desencadear as crises epiléticas (WHO [OMS], 2004, p. 1). Entre os problemas associados ao consumo excessivo de álcool, os acidentes de viação são, com efeito, responsáveis pelos danos ocorridos em muitos dos indivíduos, com a particularidade de se repercutirem em vítimas que não consomem. Klingemann & Gmel (WHO [OMS], 2004, p. 35) realçam o impacto económico dos consumos excessivos, nomeadamente por causa do facto de os consumidores desta substância testemunharem um grau de absentismo laboral muito mais elevado que o habitual (WHO [OMS], 2004, p. 59).

Os sujeitos do presente estudo consumiram, basicamente, estas substâncias, embora ocasionalmente tenham ingerido outras, tais como tranquilizantes, eventualmente misturados no *caldo* (a preparação injectável) em substituição de produto que não podiam, no momento, obter.



## 2. Um "club de cavalheiros"



## 2.1 Substâncias

### 2.1.1. Ópio

Ao mesmo tempo que os britânicos se habituam ao chá e ao açúcar, o ópio inicia a sua disseminação no território chinês. Numa abordagem em que constrói a história da vida social do ópio, à maneira de Appadurai ou Kopitoff, a investigadora Zheng Yangwen faz a análise do processo na China. A Autora recorre, ainda, aos pressupostos teóricos de Bourdieu, transportando a crítica social do julgamento e do gosto aplicadas à arte e à música, para o ópio, e também a perspectiva de Baudrillard do consumo como um sistema de símbolos e, em simultâneo, como uma estrutura de trocas (Yangwen, 2005, p. 3).

O ópio começa como erva medicinal e torna-se, em 1483, a “arte de alquimistas, sexo e senhoras da corte” (Yangwen, 2005, p. 2, trad. livre). É originalmente apelidado de fragrância, a fragrância negra, um *xiang*. Usadas como produtos de beleza, combinadas com os alimentos, usadas como perfumes de ambiente ou para o controlo da pestilência, as fragrâncias são ainda usadas como medicamento ou afrodisíaco (Yangwen, 2005, p. 16): afrodisíaco é, assim, o papel que o ópio assume no consumo das elites, portanto, como produto de luxo. O tabaco é descoberto por Colombo, na América, e alastra de Espanha e Portugal para a Europa e para as possessões coloniais do Extremo Oriente. Entra na China no século XVI, e o fumo populariza-se entre os séculos XVI e XVII (bem como o cultivo), supondo-se que a prática do fumo do ópio se virá a associar ao fumo do tabaco: crê-se que o hábito do fumo tenha sido adquirido a partir do fumo do tabaco, introduzido na Formosa pelos Portugueses (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 9-10).

O fumo do ópio é popularizado, num longo percurso até ao século XVIII, e no século XIX dá-se um processo de massificação do consumo, depois da abertura do comércio com a Índia. As mercadorias estrangeiras adquirem um prestígio especial na China, e também o ópio é uma droga estrangeira. Embora o consumo se generalize, ele restringe-se em termos qualitativos às elites, sendo provável que os mais pobres fumem cinzas de sobra, misturadas com tabaco, ou ópio local (Yangwen, 2005, p. 90).

O contrabando de ópio atinge proporções consideráveis, de forma a assegurar o fluxo necessário ao consumo. As características epidémicas inerentes ao consumo maciço levam no entanto o Imperador

Chinês, no século XIX, a decretar a proibição do ópio – alguns príncipes são mesmo privados dos seus títulos e banidos por consumir (Yangwen, 2005, p. 97), o que leva o Império do Meio a desenvolver um combate acentuado contra a entrada de ópio clandestino no país: isto virá a originar a primeira guerra do ópio, entre 1838 e 1842, desencadeada e vencida pela Grã-Bretanha, que consegue a abertura de portos chineses e a entrega de Hong Kong (que virá a ser devolvida em 1997). O conflito voltará entre 1856-60, desta feita desencadeado de novo pelos Britânicos e com a colaboração dos Franceses, sendo de igual forma vencido pelos ocidentais e obrigando a mais um reforço da abertura comercial chinesa, inclusivamente a entrada facilitada de Missionários... que virão a intervir na censura sobre o consumo do ópio, precisamente (Yangwen, 2005, p. 97-98).

### 2.1.2. Coca

Os Espanhóis chegam ao Peru em 1524, e a pressão que exercem sobre a estrutura político-social do império inca leva ao desenvolvimento da cultura generalizada da coca na zona dos Andes. Pelos temores de dificultar a conversão dos índios, e verificando os problemas de saúde que as zonas de cultivo levantam, a Igreja Católica pede a erradicação das culturas. Mas o facto é que a expansão pelos territórios andinos continua. Filipe II de Espanha chega a interditi-la, mas apenas para as práticas pagãs: na realidade, o seu consumo é imposto aos trabalhadores das minas de prata (na actual Bolívia), e os trabalhadores das fazendas *cocaleras* passam a estar protegidos, uma vez que asseguram a energia dos andinos para a mineração (Dory & Roux, 1998, p. 23-25). A Igreja continua o seu protesto face às condições de sanidade dos índios – e a Inquisição, perante as práticas pagãs nas minas – e a coca passa a ser taxada: uma parte do imposto é entregue à Igreja, em géneros (coca), que administrará os hospitais para os índios. Pouco depois, os Dominicanos, como outros, começam a produzir coca nas suas próprias fazendas, e os obstáculos cessam (Dory & Roux, 1998, p. 25), sendo a economia da coca, ao fim e ao cabo, raiz da fortuna das ordens religiosas naquelas paragens.

Esta economia da coca acompanha a expansão da mineração nos territórios andinos, com altos e baixos associados, por exemplo, às migrações dos trabalhadores, a epidemias que os dizimam (no século XVII), ou às revoltas que provocam o abandono das minas (no século XVIII), mas sofre variações mais intensas com a independência dos territórios, no século XIX, conservando-se produção quase só interna até meados do século XX:

“Em 1944, somente 9,5% da produção é exportada, para os Estados Unidos e para a Europa (para a Coca-Cola, e para uso farmacêutico) (...):” (Dory & Roux, 1998, p. 29, trad. livre).

Desde essa altura até aos finais do século XX, as migrações para as zonas de produção da coca são significativas, e indicadoras da renovação dessas mesmas zonas, variando nos períodos em que a repressão sobre a produção se faz sentir com mais força (Dory & Roux, 1998, p. 34-35).

Ao abordar historicamente a produção de drogas, Léonard aponta para um aspecto significativo: embora com posteriores atribuições de responsabilidade por parte dos europeus e, de modo geral, pelos países que tentam controlar o tráfico de drogas, o que é facto é que o ópio ou a cocaína surgem em países produtores, como o ópio na Tailândia, em meados do século XIX, resultado da pressão comercial chinesa (quer se trate de tráfico lícito ou clandestino) para o reequilíbrio da balança da importação de ópio com origem inglesa; ou como a cultura - extensiva - da coca nas regiões montanhosas do Peru, da Colômbia ou da Bolívia, resultado da pressão dos colonizadores espanhóis. Por outro lado, a resposta pronta resulta, também, das necessidades das populações em momentos críticos das respectivas economias nacionais, impostas ou não (Léonard, 1998, p. 7), prolongando-se até hoje integrada no comércio internacional, tendo em conta o facto de o tráfico de drogas representar, nos fins do século XX, cerca de 30% do valor das trocas (Dory & Roux, 1998, p. 21).

As origens da produção em massa residem portanto no próprio processo de mundialização das culturas e da produção, sob o peso da intervenção europeia, e ao fim e ao cabo da economia do colonialismo. Mas, de facto, o processo da crescente rejeição dos consumos e do tráfico virá a ser muito mais complexo, resultante sobretudo do permanente desnível entre interesses económicos e assumpção de opções sócio-políticas face ao “vício”, e mais tarde medidas de saúde pública, pelos Estados – algo que na origem se enuncia como paradoxal.

Segundo Brunn, Pan & Rexed (1975), na obra curiosamente intitulada “*The gentleman's club*”, os movimentos anti-álcool arrancam cedo, no principio do século XIX, nos EUA, sob a forma de *movimentos de temperança*, e associados ao protestantismo (Valentim, 1998, p. 137). Um quarto de século após o seu arranque, estes movimentos enquadram já cerca de um milhão de associados. Ainda nos EUA, é promulgada em 1851 a primeira lei de proibição do álcool (Bruun, Pan & Rexed,

1975, p. 8), movimento que se internacionaliza para a Irlanda, a Grã-Bretanha e os países escandinavos, e que virá a influenciar todo o decurso da política das drogas a nível internacional (Valentim, 1998, p. 137). Em 1878 acontece o primeiro congresso sobre o alcoolismo em Paris (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 8). Entretanto surgem, na viragem do século, as primeiras organizações – e os protestos – anti-ópio. O combate ao álcool surge como uma necessidade doméstica, interna, ao passo que o combate ao ópio é o combate ao Outro, aos hábitos estrangeiros.

Enquanto o movimento anti-álcool congrega países e origina a criação de organizações internacionais para a proibição/ luta contra os fenómenos associados ao seu consumo, o movimento anti-ópio permanece menos disseminado, surgindo no entanto na sequência da campanha britânica interna contra o circuito comercial do ópio, para abastecimento da China, em vigência entre a Grã-Bretanha, a China e a Índia (Bruun, Pan & Rexed, p. 8-9).

Em 1874, é fundada a *Society for the Supression of Opium Trade* (em Londres...), que virá a exercer pressão política, movimento acompanhado pela China e pelos Estados Unidos - surge em Genebra um *Bureau* que virá a acompanhar (e a criticar) a actividade da Liga das Nações no que respeita ao ópio. Por essa altura, a questão põe-se sobretudo em dois planos: o moral e o económico, dado o impacto do comércio europeu com a China. O controlo do álcool acaba por se efectivar na viragem do século, graças à necessidade de controlar o tráfico em África.

Após as guerras do ópio e os tratados subsequentes, a China promulga, no início do século XX, mais um édito que bane o ópio – e, de novo, ineficaz. Os Britânicos aprovam a cessação do tráfico e nos EUA opta-se, também, pela implantação da cessação do tráfico, quando este país se apodera da soberania das Filipinas (tráfico esse com origem na China). Daqui se conclui pela necessidade de medidas internacionais, que virão a ser debatidas em Xangai: discute-se a opção entre proibição e regulação. No debate, entre várias potências que incluem os EUA, a China e a Grã-Bretanha, esta prefere a regulação (para manter o comércio sino-indiano, sob a sua alçada). A opinião pública internacional assume supremacia sobre as situações internas, e as questões do foro médico são evitadas, com o argumento de que os peritos não estão convenientemente representados; recomenda-se a supressão ou cuidadosa regulação do fumo do ópio mas, a par disso, responsabilizam-se os

países exportadores pela prevenção da entrada de ópio nos países proibicionistas. À morfina são destinadas apreciações que procuram travar a sua disseminação (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 11).

No ano de 1912, em Haia, a Grã-Bretanha insere a cocaína e a morfina na agenda, e os Italianos e os Americanos tentam incluir também a *cannabis* – sem no entanto o conseguir. A preocupação com a China e o tráfico sino-indiano internacionalizam-se e agravam-se. A Alemanha, que é neste momento líder na transformação da droga, opõe-se ao controlo da cocaína. Graças a um processo de ratificação complexo e manobrado pelos alemães, a convenção de Haia só entra em vigor já depois da I Guerra Mundial (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 12). No entanto, a proibição e a criminalização ganham preponderância determinante para a futura política internacional (Valentim, 1998, p. 137).

O controlo do álcool vem já a ser feito quer doméstica, quer internacionalmente, através da Liga das Nações, controlo a que a França se opõe por causa da sua indústria do vinho (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 13). A referida Liga das Nações é incumbida, na Conferência de Paz de Paris, após a I Guerra Mundial, da "*supervisão geral dos acordos relativos ao tráfico do ópio e drogas perigosas*" (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 13, trad. livre), criando para isso um Comité que junta a China, a França, a Grã-Bretanha, os Países Baixos, a Índia, o Japão, o Sião e Portugal (os EUA participam como consultores). Mas os parceiros europeus têm, todos eles, monopólios de ópio nas suas colónias do Extremo Oriente... de forma que este "club de cavalheiros" é apelidado de "*Old Opium Block*".

Em 1923, os EUA começam a pressionar os produtores, quer de ópio, quer de folha de coca na América Latina (Bolívia e Colômbia), de forma a limitar a produção. Virão a propor, de igual modo, a limitação quantitativa da produção, na segunda Conferência de Genebra, em 1925 (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 14). A delegação dos Estados Unidos abandona a conferência na sequência da não-aceitação das suas propostas – e a delegação Chinesa por causa do falhanço do acordo sobre a supressão do fumo do ópio. A convenção de 1925 inclui já, no entanto, a *cannabis*, a pedido dos Egípcios.

Na sequência da sucessiva ineficácia dos órgãos internacionais, novos órgãos vão sendo criados, mesmo que a sua acção seja dificultada pela instabilidade internacional no período entre as duas Grandes Guerras. Em 1929, o *Permanent Central Opium Board*, que passará a ser *Permanent Central*

*Narcotics Board*, é constituído por oito peritos não representativos de governos... para evitar a interferência dos governos (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 14-15). Pouco depois é criado o *Drug Supervisory Board*, que passará a administrar um sistema de estimativa das necessidades nacionais de drogas (importação e manufactura). Subsequente ao trabalho dos novos organismos, decresce substancialmente o mercado legal, mas a produção clandestina surge cada vez com mais força (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 15). Em 1936, a *International Police Commission* - mais tarde Interpol – responsabiliza-se pelo tratado para a supressão do tráfico ilícito.

Depois da II Guerra Mundial a responsabilidade pelo controlo das drogas passa a caber às Nações Unidas, que herdaram a estrutura anterior e iniciam a sua acção através da *Division of Narcotic Drugs*. Aumenta o número e variedade de agências envolvidas no controlo da droga, e conseqüentemente a mescla entre diferentes abordagens à questão (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 16), das quais a que virá a assumir maior relevo será a da Organização Mundial de Saúde, ao juntar a problemática do consumo do álcool e a do consumo das drogas numa só entidade (antes o álcool era abordado pela *Mental Health Unit* e as drogas pela *Drug Dependence Unit*).

Os passos são algo contraditórios, depois da II Guerra Mundial, uma vez que se tenta criar um monopólio internacional do ópio, tentativa que falha, e de seguida adopta-se o Protocolo do Ópio, em 1953, procurando limitar a produção de formas menos directas do que as subjacentes à criação do monopólio (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 16). Os países a partir dos quais a exportação é legal são sete: a Bulgária, a Grécia, a Índia, o Irão, a Turquia, a URSS e a Jugoslávia (realce-se que o tratado leva dez anos a ser ratificado...) (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 7).

Em 1961, a *Single Convention on Narcotic Drugs* – ou Convenção Única de Genebra - propõe-se substituir todos os tratados anteriores, à excepção do de 1936 sobre a supressão do tráfico ilícito, mas deixa de fora um conjunto de drogas que haviam entrado no circuito após a II Guerra Mundial, tais como as anfetaminas, os barbitúricos, os tranquilizantes, produzidas pelas indústrias farmacêuticas e um mercado em expansão (Valentim, 1998, p. 138), que virão a ser sujeitas a convenção muito mais tardiamente (na década de setenta).

## 2.2. A droga de consumo

“Desde os anos sessenta, o consumo de drogas torna-se para o conjunto dos países ocidentais um problema social e político. (...) A droga, que fora um fenómeno exótico e marginal, torna-se a partir dos anos sessenta e em pouco tempo, um problema extremamente presente. Começa a era da droga de massas.” (Ehrenberg & Mignon, 1992, p. 9)

Será a partir da Convenção Única de Genebra que deixarão de surgir com a mesma frequência as palavras “mal” ou “vício”, expressão algo *sociologista*, à maneira de Touraine, na medida em que o *mal* determinaria o que é disfuncional na sociedade (Touraine, 2000, p. 113). A Organização Mundial de Saúde faz substituir quer a adicção, quer a habituação, pela dependência (Berridge & Mars, 2004, p. 748).

A expressão *drug abuse control* (controlo do abuso de drogas) torna-se recorrente, passando a representar questões relacionadas, mas distintas, como o controlo ou restrição do uso ilícito de drogas, a redução de fornecimento das drogas ilegais, ou o tratamento da adicção. Valentim aponta para um processo hegemónico gramsciano, isto é, “tendente a gerar um consenso activo de massas” (Valentim, 1998, p. 138), que procura separar as drogas legais e farmacológicas das ilegais e sem valor terapêutico (seguindo a “*mentalidade da temperança*”, como refere Alexander, 2001, p. 19). O proibicionismo recebe crescentes críticas, no entanto, que põem em causa esta separação entre drogas lícitas e ilícitas. Embora o discurso aponte, nesta fase e cada vez mais, para a incidência no consumo, os esforços continuam a procurar reduzir a produção (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 18-19).

Nos Estados Unidos surge, no decurso dos anos setenta, uma nova epidemia de drogas, que acompanha a guerra do Vietname (Escohotado, 2004, p. 156); Nixon virá a propor programas de substituição de metadona, o que dada a má qualidade da droga nas ruas virá a causar mais mortes por sobredosagem que a própria heroína. Virá a associar-se também a cocaína, e o crack aparece no mercado nos anos oitenta. A presidência dos EUA instaura a política da tolerância zero, sobre traficantes, consumidores e em especial sobre consumidores ocasionais (Inciardi, 1993, p. 1-4), o que leva ao sobrepopoamento das prisões e, conseqüentemente, à substituição do encarceramento pelos

programas de tratamento – ou pela integração destes programas nas prisões, com carácter mais alargado.

Os anos oitenta são os anos de disseminação significativa da disponibilidade e do consumo de drogas, em Portugal como noutros países, como confirmam Parker & Egginton (sd). Por exemplo, até aos anos setenta, a heroína só estava disponível nas ruas de Londres, mas, durante os anos oitenta, ela consegue disseminar-se pela maior parte das cidades inglesas e escocesas (Parker & Egginton, s.d., p. 7). Organismos internacionais como o Observatório Europeu para a Droga e a Toxicoddependência (EMCDDA) reforçam a ideia de que a pressão interna nos Estados Unidos, da Era Reagan – Bush, levou ao alastrar do tráfico dos circuitos da cocaína para os mercados europeus (OEDT [EMCDDA], 2007, p. 7).

Os primeiros desenvolvimentos de uma política de drogas das Comunidades Europeias, são tentados nos princípios dos anos noventa (Brentari, 2006, sp), em simultâneo com a relativa estagnação do consumo de heroína e cocaína no contexto das Comunidades, à altura – acompanhado da constância (se não aumento) no consumo de anfetaminas, *cannabis*, solventes, entre os mais jovens, ou aumento do abuso de medicamentos e álcool (muitas vezes em simultâneo) entre os adultos (Comunidades Europeias, [2005]).

Associada à sequência das opções políticas mas, também, à necessidade de controlar a epidemia de HIV/SIDA, surge a intervenção de carácter técnico-político, dita de quatro pilares: tratamento, prevenção, acção legal e redução de danos (movimentos de saúde pública), contestada por exemplo, por Alexander, que integra a generalização da adicção nos processos do mercado livre capitalista. Ou seja, aqueles que não conseguem a integração psicossocial adequada, desenvolvem estilos de vida substitutos (desviantes). (Alexander, 2004, p. 1).

A política da droga surge associada à prevenção da criminalidade, e à luta contra a *toxicoddependência*, para a "redução dos efeitos nocivos da droga sobre a saúde, nomeadamente através da informação e da prevenção" (artigo 152º do Tratado CE)" (Comunidades Europeias, [2005]), implicando duas instituições: o Observatório Europeu das Drogas e da Toxicoddependência (EMCDDA), e a Direcção-Geral da Justiça e dos Assuntos Internos. O parlamento e o Conselho promulgam, em 2002, o

Programa de acção comunitária no domínio da saúde pública, que integra a promoção da saúde, o cancro, a SIDA e certas doenças transmissíveis, a toxicodependência, a vigilância da saúde, as doenças associadas à poluição, a prevenção de ferimentos e as doenças raras (Comunidades Europeias, [2006]). No Conselho da Europa assume particular relevo o Grupo Pompidou (veja-se em [http://www.coe.int/T/dq3/pompidou/Default\\_en.asp](http://www.coe.int/T/dq3/pompidou/Default_en.asp)) cujo objectivo passa pelo desenvolvimento de políticas contra a droga, no contexto dos países membros – grupo que Portugal integra desde 1985.

O OEDT (EMCDDA) reconhece, como crescente, o problema dos policonsumos de drogas e dos perfis diversos de utilizadores. Tal inclui variadas substâncias (drogas, álcool) ou até a passagem por percursos alternativos, como o jogo (veja-se a este propósito Luís Patrício, Correio da Manhã, de 20.5.2007, p. 23). Uma parte substantiva da população de consumidores do Casal Ventoso com acesso à equipa de rua, em 2002 - 2003, já consumia mistura de drogas (injectável), nomeadamente heroína e cocaína juntas. O OEDT (EMCDDA) refere os modelos de tratamento sobretudo destinados aos heroínomanos, na Europa, e destinados a utilizadores de uma só substância, nos EUA, e a necessidade de passar a encarar os policonsumos (OEDT [EMCDDA], 2007, p. 9), melhorando também a eficácia da sua monitorização (OEDT [EMCDDA], 2006, p. 68). Sinais da proliferação actual de drogas no mercado associam-se à diminuição do seu custo, a uma multiplicação do número de apreensões de heroína (que se supõe poder ultrapassar a procura), e à tendência crescente do consumo de cocaína (OEDT [EMCDDA], 2006, p. 13).

Existem quatro modalidades padronizadas de tratamento: a desintoxicação, em clínicas especializadas, os programas livres, em ambulatório e com farmacoterapia associada, eventualmente com psicoterapia ou outro tipo de apoio. Segundo o último relatório do OEDT, a maior parte dos países europeus faz incidir as modalidades de tratamento sobretudo no regime ambulatório, com diversos tipos de apoio psicoterapêutico, introduzindo por vezes outras abordagens (OEDT [EMCDDA], 2006, p. 31).

Incluem-se nas modalidades de tratamento, também, as comunidades terapêuticas, com psicoterapia ou sócio-terapia – todas as três modalidades já referidas pressupõem o objectivo da abstinência. Os programas de manutenção ou substituição, por outro lado, integram o princípio da redução de riscos e

danos (tal como a distribuição de seringas) e baseiam-se frequentemente no recurso à metadona (opiáceo sintético) (Valentim, 1998, p. 154).

### 2.3. Em Portugal

Em Portugal, a legislação sobre drogas sofre uma evolução que acompanha, basicamente, as formas de encarar a problemática a nível social e político. Poiares enuncia um conjunto de paradigmas legislativos que abrangem a relação entre o direito, a droga e o saber, alvo de rupturas e descontinuidades, ora se verificando um pendor mais repressivo, ora uma abordagem mais clínica e psicológica (Poiares, 1998, p. 102).

Numa primeira fase, de 1914 (na sequência da ratificação da convenção de Haia) até 1970, a abordagem portuguesa tem características fiscais (Poiares, 1985, p. 21): a mercadoria (cocaína, heroína, morfina) deve ser alvo de controlo fiscal pelo Estado. De circulação restrita, a droga, como problema, parece abranger uma elite com dinheiro e que consome à porta fechada. A primeira lei portuguesa data de 1923 e debruça-se sobre a substância (não sobre o seu consumidor), associando a importação/ exportação de drogas ao delito de contrabando (Poiares, 1998, p. 182). Como o Autor sustenta, “as iniciativas portuguesas nesta matéria derivaram habitualmente das deliberações tomadas nas instâncias internacionais” (Poiares, 1995, p. 21).

O estatuto especial de Macau, no que respeita à posição portuguesa face ao consumo de drogas, possibilita-lhe ser encarado de forma mais flexível (Poiares, 1998, p. 219). Tal, segundo refere o Autor, será fruto do reconhecimento de diferenças económicas mas, também, culturais e origina não só as primeiras leis anti-droga do contexto jurídico português (ainda no século XIX) mas virá a fazer transparecer a primeira perspectiva clínica e social da questão, em 1962, associada por exemplo à reabilitação de *tóxicomanos* num centro de recuperação social, com assistência prestada por neuropsiquiatra (Poiares, 1998, p. 225).

Numa segunda fase paradigmática, de 1970 a 1975, enquadra-se a droga numa perspectiva criminal (Poiares, 1995, p. 23), com a saída de legislação (veja-se o Dec.-Lei nº 420/ 70, de 3 de Setembro). Com efeito, a transposição da *Single Convention* para o ordenamento jurídico nacional possibilita essa associação entre droga e crime, que se afirma na base da lei: embora se pressintam as características

especiais do consumidor de drogas, não se chega a explorá-las e a equação do problema põe-se na base da criminalização e do conseqüente castigo pelo consumo (Poiães, 1995, p. 24). O consumidor torna-se o objecto da lei, mas um passo algo atrás do que já se passa em Macau, pois ainda não existem em Portugal contextos de reintegração e apoio aos consumidores, ou melhor, *toxicómanos* (Poiães, 1998, p. 249). O fenómeno do consumo de drogas é, paralelamente, alvo de uma campanha e da produção de uma ideia coerente (das drogas e do seu consumo). Tal como o Autor refere, a campanha acaba por despertar a atenção para o assunto (Poiães, 1995, p. 24), com o slogan *Droga Loucura Morte*, menos de carácter criminal, mais sanitário e psicológico

Aquilo a que Poiães se refere como uma abordagem clínico-psicossocial tem início a seguir ao 25 de Abril e prossegue até aos primeiros anos da década de oitenta, enquadrando “um dos períodos mais profícuos do Direito da Droga” (Poiães, 1998, p. 267). O *flagelo da droga* deixa de ser controlável através, exclusivamente, das penas e o consumidor transforma-se em doente (Poiães, 1995, p. 25). Em 1976 é criado o Gabinete Coordenador do Combate à Droga, sob a alçada directa do Primeiro-Ministro, originando posteriormente estruturas, legislação e uma abordagem que reconhece cada vez mais a complexidade do consumo.

A partir dos anos oitenta, o quadro de referência da legislação altera-se para um paradigma que Poiães classifica como biopsicossociológico (Poiães, 2000, p. 8), caracterizado pelo primado das razões do consumidor e pela procura da compatibilização com a análise das ciências sociais e humanas, para compreender essas mesmas razões – associadas ao consumo e posse, mas também aos delitos.

Assim, politicamente, parte-se para uma abordagem à investigação sobre o fenómeno, sobre aqueles que o enformam (e ao seu discurso), procurando delinear as intervenções em consequência (Poiães, 2000, p. 10). A Estratégia Nacional de Luta contra a Droga (Resolução do Conselho de Ministros nº 46/99, de 26 de Maio) descriminaliza o consumo, isto é, deixa de fazer corresponder uma pena ao acto – mantendo no entanto a reprobção social contextualizada na lei. Os princípios que a enformam têm a ver com a cooperação internacional, incluindo a harmonização das políticas portuguesas com as da ONU e entidades internacionais; com a prevenção: primária (escola, meio laboral, forças armadas), recurso à comunicação social, a selecção de grupos alvo e a divulgação sobre a perigosidade

associada ao consumo. Inspira-a, também, um princípio dito humanista, enunciado como “reconhecimento da plena dignidade humana das pessoas envolvidas no fenómeno das drogas” (RCM 46/99, p. 2981), assumindo a toxicod dependência como doença e introduzindo a questão das políticas de redução de danos. A Resolução inclui, também, um princípio de pragmatismo que possa “defender a sociedade, favorecendo a diminuição do risco de propagação de doenças infecto-contagiosas e a redução da criminalidade associada” (RCM 46/99, p. 2981), o princípio da segurança (de pessoas e bens), conservando na sua alínea c) a manutenção do desvalor legal do consumo e da posse de drogas, o princípio da coordenação e da racionalização de meios, e outros associados à rede de cuidados.

A Lei nº 30/2000, de 29 de Novembro, afirma “a protecção sanitária e social” das pessoas que consomem substâncias estupefacientes ou psicotrópicas sem prescrição médica, define os limites das quantidades na posse das pessoas, a sua sujeição a contra-ordenação se não optarem pelo tratamento espontâneo, e as competências das “comissões para a dissuasão da toxicod dependência” sobre a alçada do IPDT e dos governos civis.

Em 2003 são reorganizadas as estruturas para a coordenação do combate às drogas (extintas umas, alvo de junção ou criação outras) e em 2006, uma dessas novas estruturas, o Conselho Interministerial do Combate à Droga e à Toxicod dependência, faz aprovar o Plano Nacional contra a Droga e as Toxicod dependências, para 2005-2012, bem como um plano de curto prazo até 2008, através da Resolução de Conselho de Ministros nº 115/2006, de 18 de Setembro. Nesta Resolução transparece a relevância de entidades transnacionais como o Grupo Pompidou (Conselho da Europa), os pressupostos de protecção da saúde, da segurança e de coordenação europeia, que são objectivos da União Europeia materializados no seu Grupo Horizontal Drogas e no Plano de Acção europeu, e o seu peso no contexto da estratégia nacional. Alguns dos objectivos do Plano de Acção Horizonte 2008 (que materializa a estratégia de longo prazo) incluem a informação, investigação, formação e avaliação para melhor conhecer o fenómeno das drogas (RCM 115/2006, p. 6864), aumentar a qualidade da intervenção preventiva (RCM 115/2006, p. 6868), um vector de redução de riscos e minimização de danos e a respectiva rede associada (RCM/2006, p. 6871) e a garantia do acesso em tempo útil ao tratamento, no vector tratamento (RCM/ 2006, p. 6872) – entre muitos outros aspectos.

## 2.4. Comunidades terapêuticas

As comunidades terapêuticas partem do pressuposto da existência de um internamento prolongado, que varia entre os modelos terapêuticos mas varia também conforme a pessoa que é internada. Frequentemente recebem pessoas que passaram por tratamento ambulatorio (Patrício, 1995, p. 175) mas, ou integraram o internamento na comunidade no projecto de tratamento, como se verificou frequentemente nos utentes do Centro de Abrigo do Casal Ventoso – iniciavam o programa de substituição em ambulatorio (não passavam por nenhum processo de abstinência em ambulatorio), e passavam para a desintoxicação seguida, de imediato, de internamento numa comunidade - ou, noutros casos, optaram pelo internamento porque o ambulatorio não resultou.

Na origem das comunidades terapêuticas estão instituições com características de acolhimento, como a de Homer Lane, em Detroit: em 1907, Lane superintende uma instituição para rapazes delinquentes, em Detroit, regida por um documento algo semelhante à constituição americana. Os objectivos do projecto passam por encorajar a responsabilidade e a concretização de tarefas diversas (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 31).

Tal como virá a referir Maxwell Jones, o precursor, no contexto psiquiátrico, das primeiras comunidades terapêuticas de facto - destinadas a alcoólicos ou consumidores de drogas - não existe um modelo único para as comunidades. O clínico aponta para a necessidade de existir liberdade de acção, para a criação de condições de vida optimizadas. O desenvolvimento deste tipo de instituições é suportado, ao nível da psicoterapia, por J. L. Moreno, que dá início às terapias de grupo e ao psicodrama. A organização em pequenos grupos permite a integração da participação dos pacientes e ex-pacientes, como coadjuvantes nos processos.

A meio do século XX, será fundada a primeira comunidade terapêutica para o tratamento do *abuso de substâncias*, por Charles E. Dederich, nos Estados Unidos (Morel, Hervé & Fontaine, 1998, p. 279): a Synanon, resultante do sucesso de Dederich com terapias de grupo, de consumidores de drogas e álcool (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 32). Algumas das estruturas de recuperação regem-se pelo chamado modelo Minnesotta, ou dos doze passos (ou da auto-responsabilização), modelo que tem por base, exactamente, as práticas de desabitação e recuperação clínica da adicção do álcool e que

arranca em 1935 (mantendo o pressuposto associado ao conceito de abstinência total) (Bruun, Pan & Rexed, 1975, p. 32).

Patrício secunda a distinção entre comunidades hierárquicas ou democráticas (1995, p. 177-178), tal como referem Morel, Hervé & Fontaine (1998, p. 278) quando falam das primeiras comunidades, de origem americana, e as segundas de origem britânica. A distinção está associada à forma de aplicação do programa terapêutico, e que reside essencialmente na existência de mais ou menos liberdade de acção e expressão, a imposição, ou não, de regras muito estritas de funcionamento, o exercício da liberdade individual pelos utentes ou por outro lado, da autoridade pelos responsáveis, ou pelos monitores. Patrício afirma, no entanto, a necessidade de existência de um programa terapêutico específico e aplicado (independentemente da disciplina comunitária). Senão, como salienta o Autor, com o internamento "apenas se promoveu uma paragem no consumo de drogas, um afastamento da família e uma paragem no tempo, o que é muito pouco para quem necessita de tempo e de mudanças para reaprender a gerir a sua vida." (Patrício, 1995, p. 178).

Morel, Hervé & Fontaine apontam os pressupostos do funcionamento das comunidades terapêuticas: estreitamente associadas à perspectiva da toxicod dependência não como doença, mas como comportamento inadaptado, o funcionamento das comunidades é o de micro-sociedades, em que se procura a correcção da actividade anti-social através de comportamentos positivos (1998, p. 279). Muito críticos, os Autores afirmam que "de tais concepções, baseadas nos mais coercivos potenciais de um grupo num sistema de poder erquido em nome das normas inatingíveis, só poderiam engendrar desvios."... Mas reconhecem, no entanto, que nem todas as comunidades são afectadas ou por pressupostos abusivos, ou por estes desvios (Morel, Hervé & Fontaine, 1998, p. 279).

### 3. A omissão do triângulo



### 3.1. Campos de forças

A abordagem ao consumo de drogas passa por diversos modelos, que se cruzam num campo - enquanto campo de forças, de lutas entre os agentes (Bourdieu, 2001, p. 32) e que nele se distribuem segundo o seu volume de capital (Bourdieu, 1989, p. 135). Predomina o modelo de análise bio-médico, e os pressupostos associados às características farmacológicas das drogas. Fernandes & Carvalho (2000, p. 17) ou Valentim (1998), cooptando Agra (1995), reforçam a existência de um princípio hegemónico transversal ao senso comum, ao saber técnico e científico (Valentim, 2000, p. 1007) que, ao abordar a droga, pressupõe que esta "não deixa espaço para a escolha, quer às sociedades, quer aos indivíduos" (Valentim, 1998, p. 139). Este pressuposto é reforçado pelo discurso dos meios de comunicação social, repetitivo e estereotipado, que recorre a linguagem "punitiva e ameaçadora" (Dias, 2001, p. 232), baseado num "(...) equilíbrio homeostático entre repressão e cura (...) abstinência e destruição (...)" (Valentim, 1998, p. 156). O Autor refere as principais abordagens teóricas na análise das dependências, realçando duas perspectivas com impacto dominante, essencialmente positivistas e determinísticas, baseadas numa mistura entre os normativos sócio-políticos e uma perspectiva preponderante da droga sujeita a um modelo médico e simultaneamente legal: a primeira, subjacente ao enunciado da toxicodependência, que é inerente às drogas ilegais e que portanto não enquadra o uso, mas o abuso.

Enquanto Neto caracteriza a droga como "(...) tudo aquilo que induz o regime farmacotímico, isto é, que provoca alterações do humor e da consciência dos utilizadores (...)" (Neto, 1996, p. 25), Macedo refere a toxicodependência, ou o "uso das drogas de abuso", como tendo sido "(...) durante largo tempo considerada uma doença comportamental (...)" (Macedo, 2000, p. 3). Archambault & Mormont referem, numa obra sobre as perícias médico-legais psiquiátricas, que, para o psicólogo ou o psiquiatra, "(...) o acto incriminante é pensado em termos de transgressão, mais do que delito; a sua materialidade é de importância secundária, uma vez que a sua significação é essencial (...)" (Archambault & Mormont, 1998, p. 3). A droga é pensada como um atentado à saúde, uma perspectiva técnica colonizada pelos aspectos morais (Valentim, 2000, p. 1037).

A droga, associada a factores bio-psico-sociais e encarada como doença (logo controlável mediante cuidados médicos), parte de um problema maior associado a uma deficiente aprendizagem social, assumindo-se a inexorabilidade da escalada dos consumos, o descontrolo do consumidor - associado ao *craving*, a pulsão para o consumo. A dopamina controla o reforço positivo, a antecipação, a expectativa e as respostas de consumo, a que o indivíduo além do mais se encontra exposto em função do *stress* ambiental (Macedo, 2000, p. 16). Ocorre ainda uma fuga perante a realidade, a par de efeitos que, no indivíduo são (em potencial) fisicamente visíveis e irreversíveis (Valentim, 1998, p. 139-143).

Uma segunda perspectiva, que reflecte sobre a produção sócio-cultural dos factores associados à dependência – mantendo a aceitação de um predomínio simbólico associado ao conceito de toxicodependência - enuncia a noção de consumos problemáticos, procurando operacionalizar, para efeitos técnicos, a construção teórica do consumo de drogas (Fernandes & Carvalho, 2000, p. 18).

O modelo, económico-compulsivo, implica por vezes o enunciado de uma relação de linearidade entre a droga e o crime (Brochu & Parent, 1999, p. 1). Define-se em padrões de persistência da utilização de drogas e aponta para noções de disfuncionalidade e prejuízo, como directamente associados às relações interpessoais dos indivíduos – e transparece nas representações sociais associadas ao fenómeno do consumo de droga, tal como é referido por Artur Valentim (1996). O Autor analisa a percepção social do consumo, e da variação no consumo de drogas, recorrendo a informantes com responsabilidade em unidades paroquiais, e verifica que as atribuições causais correspondem sobretudo a três tipos, micro-sociais – problemas na família, influência de colegas e amigos; individuais – curiosidade; e macro-sociais – desemprego (Valentim, 1996, p. 189-190).

A questão da definição de consumo problemático, no entanto, confunde-se com a própria definição de dependência – bem como outras noções-chave optativamente adoptadas.

Os estudos com base na psicologia clínica cruzam frequentemente este proposto do consumo problemático, tentando perceber factores dos comportamentos de adicção (Walton-Moss & McCaul, 2005) ou o processo de transição do abuso para a dependência (Ridenour et al., 2005). Walton-Moss & McCaul (2005), por exemplo, analisam os factores associados ao historial de tratamento de um

conjunto de mulheres, equacionando os aspectos sócio-demográficos e os resultados do índice de severidade da adicção (ASI) (Walton-Moss & McCaul, 2005, p. 247), apurado através de uma entrevista (clínica) que inclui a componente médica, o emprego, o apoio, o uso de drogas, o uso de álcool, os problemas legais, as relações sócio-familiares e o estado psicológico (e ainda aspectos específicos associados ao género).

Autores como Hunt & Barker afirmam um número relativamente reduzido de trabalhos na área do consumo de drogas, por parte dos antropólogos (Hunt & Barker, 2001, p. 166). Releva-se a deflação do problema, assinalada por Room, por pressupostos ontológicos que o integram na auto-regulação social, em correntes liberais ou em contextos historicamente pouco caracterizados, ou a falha, apontada por Singer, em conseguir um enquadramento macro do estudo do alcoolismo (Hunt & Barker, 2001, p. 168). Estes são aspectos que os Autores salientam como relevantes, no contexto da abordagem das Ciências Sociais aos consumos de drogas e álcool – abordagens que escasseiam ainda mais quando o assunto passa a ser o processo de recuperação (Hunt & Barker, 2001, p. 169). Os Autores põem a hipótese de as abordagens se restringirem, por abarcarem separadamente o consumo de drogas e o consumo de álcool, ou por optarem por seguir a linha dos consumos problemáticos, e da corrente dos movimentos de saúde pública, associada à redução de riscos e danos (Hunt & Barker, 2001, p. 176). No entanto, torna-se necessário encarar a agência dos consumidores de drogas, ou bebidas alcoólicas, de forma englobada, e analisar os processos de resistência que desenvolvem (Hunt & Barker, 2001, p. 177).

Assim, uma terceira abordagem será a consideração do consumo de drogas como uma manifestação, menos individual, mas mais da problemática sócio-cultural inerente a um dado contexto social, mais característica da sociologia ou da antropologia, resultando na subversão, mais ou menos conseguida, da lógica do modelo bio-médico.

Segundo Valentim (1998), a abordagem passa por encarar o consumo como resultado de uma aprendizagem social, em que o actor é actuante (passe a redundância), os padrões de consumo das drogas (sejam elas quais forem) são variáveis e associados às trajectórias biográficas (Agra & Matos, 1997), portanto reveladores de comportamentos sócio-culturais e simbólicos (Hunt & Barker, 2001, p. 178):

“(...) uma pluralidade de comportamentos agrupa-se sob a designação única de desviantes, alguns sintomáticos de patologias, outros de problemas psicológicos, outros, desvio da arbitrariedade social ou das normas e valores, outros ainda que infringem as leis penais.” (Coslin, 1996, p. 213, trad. livre).

Embora a análise sob o ponto de vista do sujeito não seja frequente (Hunt & Barker, 2001, p. 166), a estratégia *emic* apreciativa, desenvolvida pelo interaccionismo ou pela etnometodologia nos estudos urbanos dos anos 60 e 70, deixa transparecer o *toxicodependente* como um *actor social comum* (Valentim, 1998, p. 150). Vários Autores como Norman Zinberg, durante os anos 70, Crawford (et al.) ou Judith Blackwell, durante os anos 80, comprovam a existência de padrões de consumo diversificados (especificamente dos consumidores de heroína). Quanto à cocaína, os estudos dos anos 90 de Cohen, Waldorf (et al.) e Ingold confirmam também a diversidade nos padrões, mas não só, que as normas e os rituais são mobilizados para controlar os factores bioquímicos em causa (Valentim, 1998, p. 150).

A dependência e a irreversibilidade não agem como variáveis dependentes, antes se constituem como a fixação de cenários que, no espaço social (Bourdieu, 2001, p. 32), se tornam muito diversos, e a problemática relacionada com as drogas, porque ilegais, advém mais do seu enquadramento sócio-político de interdição - a que se associa o agravamento da dependência (Mosher & Yanagisako, 1991) - do que das suas propriedades químicas (Valentim, 1998, p. 142). Confirmando Nowlis, o efeito das drogas é variável, e subjacente a múltiplos factores (Nowlis, 1979, p. 26): os grupos e esferas de consumo são diferenciados, tal como os comportamentos e decisões (Hunt & Barker, 2001, p. 178).

O facto de, implícita na análise, se encontrar a perspectiva relacional, em que o indivíduo estabelece contacto com as substâncias, implica que o contacto em si mesmo integra aspectos simbólicos e culturais (Fernandes & Carvalho, 2000, p. 19). Este processo relacional origina desenvolvimentos na construção teórica das abordagens, associando-se, para tal, à noção de trajetória ou, de forma mais específica, à noção que propõe Vasconcelos (2003), secundando Joan Pallarés (1995), de itinerário de uso, que integra a destrinça entre vários tipos de consumidores – do ocasional ao dependente (Vasconcelos, 2003, p. 23)

A noção de trajetória recupera, no entanto, os interaccionismos e a metodologia das histórias de vida (Kokoreff & Faugeron, 2002, p. 51-52). O conceito traduz o percurso do actor em relação a momentos-chave, a opções e à noção, algo objectificadora, de diferentes segmentos de vida alternativos (Pernanen, 2002, p.xi). Implica também a relação entre sistemas (Brochu, Agra & Cousineau, 2002, p. 2), e segundo os pressupostos fenomenológicos destes Autores, traduz a auto-organização através de descontinuidades, ou segmentos descontínuos de comportamento, num processo desviante. As trajetórias desviantes são, portanto, processos em que o sujeito se envolve em diversas acções desviantes, um sistema que liga esses segmentos existenciais uns aos outros, um movimento que gera, de forma determinística ou não, significado, e um conjunto de interacções entre o comportamento individual e o sistema de controlo social (Brochu, Agra & Cousineau, 2002, p. 2).

Da análise sobre os pressupostos apresentados resulta a conclusão da existência de uma relação, não entre o consumo de drogas e o crime, mas de uma triangulação, que inclui os comportamentos desviantes na raiz do padrão de actuação dos consumidores. A exploração passa a demonstrar o triângulo, quer se aborde a noção de comportamentos desviantes sob um paradigma estrutural, através de uma análise correlacional, quer se opte pela noção de uma sucessão de eventos – um processo desviante (Agra, 2002, p. 13), ou uma carreira, definida por Inciardi como uma "(...) série de estatutos relacionados e com significado, papéis, e actividades a propósito dos quais o individuo organiza aspectos da sua vida (...)"(Agra, 2002, p. 14, trad. livre). A construção parte do conceito de Goffman de carreira moral, que o Autor aborda a propósito dos estigmatizados (Goffman, 1981, p. 45-49), ou dos internos nas instituições totais (Goffman, 1974, p. 119). Causa e efeito de uma sequência de ajustes pessoais, a carreira implica, para Goffman, aspectos intrínsecos e extrínsecos, relacionados com o *self* ou identidade social. O *self* é uma realidade pública, que ganha relevo através da interacção, e que é exigido para que essa interacção se concretize (Collins, 1994, p. 73). Assimila-se à noção de trajetória, com a distinção particular do acompanhamento de percurso pelas instituições que exercem controlo social sobre os agentes.

As contingências da carreira de um consumidor (heroinómano) definem-se segundo dois factores, para Faupel: a disponibilidade da droga, e a estrutura de vida, e originam o adicto estável, o utilizador ocasional, o adicto em roda livre (ou queda livre?) e o *junkie* de rua (Agra, 2002, p. 14). Nesta situação, as práticas destrutivas de consumo associam-se a situações de pauperização, de resto para o

consumo de heroína como para o consumo de álcool (Valentim, 1998, p. 146). A noção de carreira íntegra, no entanto, a orientação para uma análise com uma razoável dose de previsibilidade e determinismo, assimilada porventura pela psiquiatria, na descrição das suas fases (Valentim, 1998, p. 147).

Mas o modelo comporta ainda a perspectiva de um estilo de vida desviante, como refere por exemplo Alexander, que fala de um *estilo de vida prejudicial*, e aponta a inevitabilidade dos comportamentos de adicção, produzidos em massa numa sociedade de mercado livre (Alexander, 2001, p. 19).

Para Agra, seguindo uma abordagem fenomenológica, é o estilo de vida que fornece lógica ao consumo de drogas e à delinquência (Agra, 2002, p. 14), tendo particular relevância a subjectividade e a intencionalidade do actor. Será, potencialmente, este estilo de vida desviante que se enquadra no conceito de cultura de resistência, referido por Fernandes & Neves (2002, p. 72), ou no percurso identitário tal como refere Machado Pais, no estudo sobre os jovens arrumadores (2001) que, ao recorrer aos conceitos de Goffman, caracteriza a sua acção como uma forma de resistência, estratégias componentes da carreira moral dos indivíduos. O Autor refere a construção de uma imagem estigmatizante como produção simbólica da marginalidade, integrando um conjunto de noções do senso comum e constituindo assim uma identidade-reflexo (Pais, 2001, p. 395-397).

As abordagens teóricas mantêm também, no entanto, o pressuposto dos sujeitos como actores, com capacidade de gestão dos seus papéis (Kokoreff & Faugeron, 2002, p. 57): Weinberg analisa particularmente a problemática do *craving* e da recaída, e afirma que só mediante o pressuposto da apreensão do significado sem necessidade de reflexão racional, isto é, de forma pré-reflexiva, através de formas corporizadas de prática colaborativa, só assim se poderá enquadrar teoricamente o *craving* e a recaída subsequente (Weinberg, 2002, p. 14-15).

A cultura de resistência marca histórica e permanentemente um sistema de reprodução de símbolos e crenças, a oposição simbólica a um conjunto de exclusões – ou a oposição às normas que definem o comportamento desviante (Brochu, Agra & Cousineau, 2002, pp. 1-6). A abordagem de um processo histórico exemplar desta perspectiva torna-se visível na obra de Miguel Chaves, *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico*, precisamente na constatação de que a população do Casal Ventoso se

encontra no “(...) limite material e simbólico [do] sistema (...)” (Chaves, 1999, p. 300), assumindo o valor da condenação do tráfico, mas rehierarquizando a escala de valores centrais (Chaves, 1999, p. 314-315) que tornam inteligível a vida no bairro.

### 3.2. Tempo, consumos e estilos de vida desviantes

A abordagem ao tempo no contexto do consumo de drogas – ou de álcool - surge transversal aos modelos teóricos, incidindo, por exemplo, sobre aspectos associados ao processo de consumo e substituição (Magura, 1998), ou aos aspectos de perspectiva, atitude e orientação face ao tempo, numa abordagem cognitiva ao alcoolismo (Hulbert & Lens, 1988). Klingemann & Schibli (2004) falam dos ritmos, sequências, planeamento e atitude face ao tempo, e propõem uma abordagem conjunta aos processos nas clínicas suíças de álcool e drogas (Klingemann & Schibli, 2004, p. 1427), tal como Hunt & Barker (2001), que propõem uma antropologia das substâncias com um enquadramento único, o consumo como manifestação de comportamentos sócio-culturais, a análise dos grupos e esferas de consumo diferenciados, a vantagem em analisar conjuntamente a produção, a distribuição e o consumo e o exame das relações de poder implicadas na economia moral das substâncias na sociedade (Hunt & Barker, 2001, p. 178).

Dentro de uma análise dos estilos de vida desviantes, o modelo processual implica a introdução das noções de tempo (Agra, 2002, p. 13) e interacção, porque se baseia e defende uma perspectiva dinâmica da noção de trajectória (ou de itinerário). O pressuposto de um sistema em movimento, inerente a este conceito, implica a relação inter-sistémica entre os pontos ou estados sucessivos que o compõem, partindo da subjectividade e da intenção do agente. Para Vasconcelos, os itinerários de uso implicam uma temporalidade hiperquotidiana, que impossibilita a antecipação dos recursos para o planeamento da vida (Vasconcelos, 2003, p. 91), e até à *paragem* (de consumo), e é agenciada entre os locais de obtenção de dinheiro e os territórios psicotrópicos (Fernandes, 1998, p. 115), onde as drogas são vendidas – territórios esses que, sem uma delimitação linear, acabam por se definir como toda a cidade (Vasconcelos, 2003, p. 137).



#### 4. Tempo e processo: histórias de vida



Na sociedade contemporânea, Touraine defende a impossibilidade de classificar as condutas sociais como normais ou patológicas, como conformes ou desviantes à norma, embora esteja cada vez mais presente a noção do intolerável (Touraine, 2000, p. 116). Este paradoxo, resolve-o o Autor alargando a sua análise, e chamando a atenção para o facto das sociologias do actor ganharem o passo sobre as do sistema, e o facto de o relevo dado à ordem se submeter ao relevo dado à mudança (Touraine, 2000, p. 118). Cabral enuncia a marginalidade como a essência das relações sociais, enquanto que a centralidade, delimitada, está em constante processo de erosão: “a vida sócio-cultural tem de ser abordada como um campo de negociação de significados, tendencialmente estruturado pelo exercício do poder simbólico.” (Cabral, 2000, p. 888-889).

A teoria social actual, para Touraine, passa pela necessidade crítica de encarar os mecanismos de dominação por trás dos pressupostos universalistas abstractos, e também de compreender a desigualdade social: torna-se imperativo conhecer os pressupostos do poder, do interesse e da liberdade (Touraine, 2000, p. 126-127), substituindo a noção da interiorização das normas sociais pelas características associadas aos pressupostos hegemónicos gramscianos, ou à violência simbólica de Bourdieu. Para este Autor, o agente é o operador prático de construções de objecto (Bourdieu, 1989, p. 61), ou como Max Weber diria, alguém que tem em si, simultaneamente, a capacidade de poder ser fonte de actos e origem desses mesmos actos: “Para Weber (...) a acção consiste nos significados subjectivos que o actor atribui ao seu comportamento.” (Cohen, 1996, p. 113): a conduta orienta-se subjectivamente em virtude e face ao comportamento dos outros, estimula a relação social em função dos significados mútuos das acções de vários actores (Cohen, 1996, p. 114), e determinados conteúdos poderão ter carácter estável e significativo (os tipos-ideais). É a procura do agente que conduz a esta elaboração conceptual, o mesmo agente que se sujeita e simultaneamente se liberta dos vários constrangimentos da estrutura social que derivam de uma visão durkheimiana, da determinação de representações colectivas hegemónicas (Vala, 1997, p. 9).

Ao reagir contra Althusser, e a sua “natureza naturante e naturada” (Lopes, 1973, p. 658), Pierre Bourdieu acompanha Engels numa visão da estrutura que deixa perpassar o poder hegemónico: esta ancoragem, o *habitus*, a posição social por reprodução, um *ciclo de reprodutibilidade* que refracta as

maneiras de ver (Pais, 1995, p. 248-249) mas também a agência que ultrapassa a hegemonia, é talvez nesta sequência que se encontram os agentes deste trabalho.

Segundo Gramsci, a hegemonia, forma de ascendência ideológica, é exercida pela sociedade civil, ou seja, o conjunto dos organismos privados, face à dominação directa, ou efectivamente o comando, exercida pelo Estado. A sociedade civil obtém o consentimento espontâneo, e o Estado exerce a disciplina legalmente quando esse consentimento falha. O pensamento hegemónico é, assim, imposto através de um conjunto de instituições culturais tais como a escola, os *media*, a religião, ou mesmo as práticas do dia-a-dia (Bellamy, 1994, p. 33).

O grupo existe enquanto associado ao processo de categorização social, em função da interdependência entre os seus membros (Vala, 1997, p. 8). Este processo de auto-categorização social do qual se faz derivar uma identidade, mas que se associa também a fenómenos de comunicação, aprendizagem e reflexividade (Vala, 1997, p. 10), será aí que termina a complexidade do agente?

Adicionemos a este composto as estruturas objectivas valoradas quer por Durkheim, quer por Weber, quer por Bourdieu (os campos), as esferas onde se dá a metamorfose das mercadorias, para Marx – de produto a bem de consumo. É exactamente esta metamorfose que se procura, porque certamente que os agentes em estudo também a processam, e constantemente a desenvolvem.

“(…) Weber viria a defender que (…) todos os actores humanos, interpretam e constroem o sentido do mundo social em seu redor. Este sentido não é intrínseco aos factos sociais (…) é antes construído socialmente de acordo com uma pluralidade de pontos de vista diferentes que incorporam diferentes valores e interesses.” (Holton, 1996, p. 39).

O consumo expressa a pertença mas também a distinção, constituindo-se assim como um elemento crucial na materialização complexa do sistema capitalista, que exige um mercado amplo de protagonistas de escolhas, de consumidores. Estas escolhas estratificam o campo em causa, em função de grupos e símbolos, marcadores de posição nomeados mercadorias. A noção simbólica de Baudrillard aponta o consumo com recurso a uma lógica manipuladora subjacente, pois o consumidor

manipula as mercadorias cumprindo determinados códigos e regras sociais, atendendo a um mercado simbólico partilhado e a ciclos incessantes dos objectos (Baudrillard, 1994, p. 362).

#### 4.1. Capitais e interconvertibilidade

Marx refere, n' *O Capital*, que são as relações sociais as estruturas englobantes, tendo como base a propriedade (Holton, 1996, p. 25-26), propriedade essa que virá a ser exactamente o que permite a divisão social e sustenta o surgimento do capitalismo enquanto processo dissociativo entre quem possui os meios de produção, e quem trabalha – será esta afirmação, da relevância das bases materiais da sociedade, demasiado extrema? Durkheim reforça-a, indirectamente, ao afirmar que ganhará peso a solidariedade orgânica, precisamente com base nas relações funcionais (Holton, 1996, p. 30).

Mas a interpretação do sentido do mundo e a multiplicidade de sentidos da acção, defendidas por Weber, e que ultrapassam o peso das estruturas objectivas (Bourdieu, 2001, p. IX-X) projectam-se nas estruturas estruturadas e estruturantes que sustentam as relações sociais.

Afinal de contas, a conversão de sentidos corresponde à máscara sobre a intencionalidade que Bourdieu defende: “A teoria da acção (...) equivale a dizer que a maior parte das acções humanas tem por princípio uma coisa completamente diferente da intenção, (...) disposições adquiridas (...)” (Cohen, 1996, p. 126).

Weber defende esta máscara consciente, e mais, publicita a sua assumpção como determinante para o próprio espírito do capitalismo, preconizada nas orientações das palavras de Benjamin Franklin. Curiosamente, o exemplo referido por Weber, recorrendo às máximas daquele autor (Weber, sd, pp. 33-35), apropria-se exactamente da conversão de capital simbólico em capital financeiro (num sentido abrangente em que incluirá o crédito).

Mais ainda, Weber refere como pressupostos da boa aceitação do jovem capitalista exactamente aqueles que se incluem no capital *habitus* (tal como Bourdieu virá a referir: “(...) o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (...).”(Bourdieu, 1989, p. 61).

Focando quer um Autor, quer o outro, o agente em acção, recuperando tal como Bourdieu salienta, na mesma obra, o pressuposto de Marx do primado da prática (enquanto produção social da existência humana) sobre todas as coisas, embora rejeitando a sua estaticidade, mas em vez disso, carregando a acção de sentido novo, a estratégia em vez da inconsequência vinda de uma "(...) análise das instituições sociais extremamente estruturalista (...) concede pouco espaço para a acção humana activa (...)". (Turner, 1996, p. 28).

Este sentido do jogo converte sucessivamente os capitais conforme os campos em que se oferecem à preponderância, possível a cada momento.

É assim em cada momento, em cada campo particular, que o agente age: constrói e apropria-se do objecto construído, hegelianamente, e fá-lo incorporando a representação das práticas e desenvolvendo as práticas em coerência (ou talvez nem sempre) com as representações apropriadas.

Deste processo, em que as representações se ocultam e apenas o discurso e as práticas são visíveis, acabamos por isso mesmo, por saber mais sobre as partes, do que sobre a ligação entre elas (Taug, 2003, sp); as peças, mas não o jogo de conversão em si: no espaço social,

"(...) os agentes distribuem-se segundo o volume global do capital, (...) segundo a estrutura desse capital; (...) segundo a evolução no tempo do volume e da estrutura do seu capital."  
(Bourdieu, 2001, p. 16)

O jogo não é, claro, sempre o mesmo, e o sentido primordial que o regula, o *habitus*, acaba por ser o mais próximo da individualidade a que Bourdieu se aproxima, ou se calhar o mais próximo da individualidade a que um sociólogo/ um antropólogo se pode aproximar? O *habitus*, como veículo de uma transmissão social da individualidade, no sentido em que não se incorpora um hábito durável momentaneamente (Lahire, 2005, p. 21).

O sentido do jogo nos agentes, em si mesmo a conversão dos pressupostos de uma aprendizagem iniciada no contexto familiar para a reprodução, é de facto a reconversão da mercadoria simbólica, do produto, com vista à obtenção da vantagem, de uma espécie de lucro simbólico que se traduz por sua

vez e frequentemente num lucro a vários níveis: Será a agência (Rapport & Overing, 2004, p. 2-3) a conversão permanente de capitais, como forma de transição entre sistemas simbólicos?

A transmissão do capital cultural ou do capital simbólico, ou de qualquer outro, não deixa de ser equacionada como princípio da determinante do agente, que neste caso será o ganho próprio.

James Scott afirma que todos, por sistema, têm estratégias não só de minimização de perdas como de procura dos ganhos, quanto mais não seja na ponderação dos cuidados inerentes ao registo escondido, utilizado como sistema de protesto e perturbação (Scott, 1985, p. 286). As estratégias dos agentes são mediadas pelo seu *habitus* (Bourdieu, 2001, p. 44).

Para Durkheim são os sinais exteriores que tornam a realidade social sensível, e logo possível." (Pais, p. 244-245). De uma maneira (visível) ou de outra (registo escondido), os marcadores, sinais exteriores, manifestam-se e constituem-se também como alternativa quando não é suficiente a mera análise do estereótipo, a representação mútua expressa em palavras.

A questão será, antes, o estabelecimento das prioridades numa economia de campos diferente, com pressupostos constantes e que implicam a delimitação das perdas e a procura de um ganho em capital convertível: como afirma Scott, a resistência começa em casa, nas realidades significativas do dia-a-dia (Scott, 1985, p. 348). Esta noção está provavelmente sempre presente nos agentes, e a conversão implícita de capitais, sempre muito mais óbvia, do que em quaisquer outros protagonistas de determinada acção. Como se fora uma permanente estratégia de sobrevivência, e resistência, a conversão de todos os *adquiridos* no capital procurado pelo agente.

#### **4.2. Tempo e mudança**

Para Goody, a existência de uma organização ou sistema social implica a organização do tempo, a sua medição, regulação e as atitudes face ao passado, presente e futuro dos indivíduos (Goody, 1977, p. 329-330). Existe uma distribuição específica do tempo segundo os papéis desempenhados pelo indivíduo (Goody, 1977, p. 336). A este propósito, afirma Appadurai que as periodicidades se contextualizam na vida do consumidor, linear e aberta, tornando-se formas de trabalho na medida em que asseguram a forma de subsistência do consumidor. Para este Autor o trabalho de consumir é tão

social como simbólico (Appadurai, 1996, p. 115-117). No entanto, o potencial de consumo nem sempre se consegue concretizar: a impossibilidade de assumir determinados papéis pode levar a que ocorra um desfazamento. Hall refere que se torna necessário arrastar o tempo, quando o corpo e o relógio não estão sincronizados (Hall, 1983, p. 131). A noção de que o tempo se arrasta traduz-se na sua própria consciência: "Vladimir Jankélévitch observava que, caprichosamente, quanto mais vazio é o tempo, mais nos pesa;" (Klein, 1995, p. 18). Algo que Goffman exprime de forma admirável ao dizer que "(...) os internos sofrem extremos de aborrecimento." (Goffman, 1974, p. 20-21, trad. livre).

Bates (2006) analisa as correntes do realismo crítico de Archer e Giddens: as implicações que a proposta de morfogênese/ morfoestase de Margaret Archer, ou a teoria da estruturação de Giddens têm, na conceptualização da estrutura (enquanto pressuposto de estratificação do mundo real), no conceito de agência, como a conduta do actor sobre a estrutura, e ainda as noções essenciais de espaço-tempo – essenciais quer à compreensão, enquanto categorias básicas do entendimento, quer para as propostas teóricas em análise. Dadas as estruturas serem uma forma estratificada de (encarar) a realidade, a sua historicidade é relevante para o seu conhecimento – logo, também para a mudança implícita – tal como as variações normativas.

A ideia é compreender como enquadrar a mudança, intrinsecamente associada à noção de tempo, nas concepções de tempo que os Autores apresentam. Ambas as abordagens assentam no dualismo entre repetição e transformação, e Bates questiona-se: para Archer, como será possível passar do tempo cíclico para o linear, e portanto levar a mudança para além da mera diferença entre períodos históricos; por outro lado, a afirmação da estrutura como anterior à agência surge como a reificação da estrutura – ocasionalmente independente dos indivíduos que a compõem (Bates, 2006, p. 149). Giddens, por outro lado, apresenta a mesma questão relativa à mudança, uma vez que o agente existe num tempo irreversível... e reversível, conforme o nível micro, macro ou individual em que seja perspectivado; por outro lado, a noção de reversibilidade não só é fisicamente impossível, uma vez que a segunda lei da termodinâmica confirma a tendência do universo para o caos, logo o tempo como um vector, como é também paradoxal com a noção de reprodução.

Bates propõe a cooptação do conceito de tempo circadiano de Adams (Bates, 2006, p. 155), e a aceitação da ritmicidade do tempo. O Autor propõe a analogia com uma dupla hélice que exprime a

circunstância da estrutura e integra a agência, num cruzamento de sincronia e diacronia que permite integrar o actor no contexto – as estruturas pré-existem para alguns, mas nunca pré-existem para todos.

### 4.3. Tempo e memória

Halbwachs defende a ideia de uma memória que intersecta as memórias grupais, e que por isso contraria os pressupostos da memória pura.

As categorias exprimem, assim, representações comuns dentro do grupo, e é nesses contextos que fazem sentido, o que implica à partida uma perda de sentido para os elementos que estão de fora ou entram de novo. Para Halbwachs, as nossas recordações são colectivas, lembradas pelos outros, mesmo quando só conosco aconteceu: quando se proporciona recordar o passado, pode ser necessário recorrer às recordações de outros (Halbwachs, 1968, p. 36). O Autor refere duas memórias: uma interna, a memória pessoal ou auto-biográfica, e outra externa, a memória social ou histórica (Halbwachs, 1968, p. 37).

A memória é assim, por estes motivos, independente face à consciência individual, e surge da dialéctica entre o passado e o presente: “A continuidade assegurada pela memória colectiva estrutura-se numa temporalidade em que se distingue passado, presente e futuro” (Attias-Donfut, 1988, p. 184).

Goffman afirma, a propósito da recuperação da história individual, essa reconstrução que implicará uma imagem da própria vida (passado, presente, futuro). A reconstrução selecciona e distorce de forma a fazer surgir um produto de uso corrente, uma imagem do *self* de acordo com valores básicos, uma *apologia* do agente (Goffman, 1974, p. 139-140). A carreira do agente acaba, assim, por derivar da sua própria reconstrução (Goffman, 1974, p. 135). Existe uma dialéctica entre passado e presente em que este contamina as versões de passado, e os registos são adaptados mediante, inclusivamente, as necessidades de ocasião. Halbwachs refere que o exercício de lembrança deriva das necessidades do grupo, que ao recordar permite a reconstrução do passado tendo por base, também, informação actual. O esquecimento advém do afastamento do grupo no qual as memórias ganham sentido: “Assim, entre os momentos comuns e sucessivos em que supomos guardar a recordação, será

possível imaginar que se desenrola uma espécie de tempo vazio, resguardo das durações passadas..." (Halbwachs, 1968, p. 83).

Para Halbwachs, assim, a memória individual é função da memória colectiva, que tem o papel preponderante na caracterização da ideologia do grupo. Recordar é reconstruir esta memória, através da partilha dos cenários comuns. O Autor afirma que cada palavra se faz acompanhar de memórias, e os quadros em que essas memórias residem são quadros sociais: as memórias tomam, nesses quadros, pontos de referência, e assim podem ser recuperadas (Halbwachs, 1994, p. 279-281).

Os quadros sociais são assim as instituições que dão sentido às memórias, os grupos, a família, marcados pela existência de um esquema comum de significações, um contexto que fornece sentido e que pode de facto associar-se ao conceito de *communitas* de Turner. O que é a *communitas*? Esta entidade deriva de relações entre indivíduos concretos, idiossincráticos, históricos: não se define uma segmentação de papéis e estatutos mas antes a existência de cada indivíduo face a outro, o que contraria os pressupostos de solidariedade mecânica de Durkheim, ou as referências subjacentes à teoria das representações, aos endogrupos e aos exogrupos (Vala, 1997, p. 11). Tal não impede o desenvolvimento de uma estrutura, até à concretização de uma *communitas* normativa, por exemplo (Turner, 1989, p. 131-132).

A pluralidade interna de disposições, de cada um, referida por Lahire (2005, p. 38) ganha relevo face a este conceito de *communitas*, pois como afirma o Autor, podemos ser portadores de disposições que não coincidem com os quadros de referência logo, não se actualizam, podemos não as conseguir adequar ao contexto ou, por fim, o nosso investimento de adequação pode não ter retorno. Assim sendo, a economia pessoal da acção (Goffman, 1974, p. 43) também gere a desordem e o inesperado, mas pode tornar-se difícil em função da imposição de regras exteriores. Lahire opta pela aceitação da perspectiva situacional, ao admitir que os princípios de coerência dos actores não são únicos (Lahire, 2005, p. 2).

5. A nossa maneira de vermos o Outro  
é uma forma de nos vermos a nós mesmos?



### 5.1. Acesso e unidades de análise

Desde o início do projecto, e mesmo da própria procura de um tema de investigação, houve uma preocupação com o acesso à informação e a um grupo com uma determinada coerência, que permitisse a análise de pressupostos que já haviam sido levantados, outrora, quer através de leituras quer através do trabalho como técnica.

Se a proposta inicial desta investigação se tivesse concretizado, e o trabalho tivesse ocorrido no centro de abrigo do Casal Ventoso, o conhecimento prévio adviria muito da exploração feita enquanto técnica, nos dias e nas noites em que aí desenvolvi trabalho como monitora. Portanto, um dos pressupostos importantes, o do acesso ao contexto e às pessoas (Burgess, 1997, p. 33-56), poderia ser assegurado. No entanto, algumas das pistas que permitiram a formulação das hipóteses vinham em equivalentes contributos das leituras – sobre os consumidores de drogas e os aspectos temporais (referidos por autores como Hulbert & Lens, 1988; Vasconcelos, 2003; Kilngemann & Schibli, 2004), sobre a observação no terreno das dissonâncias em matéria de vivência do tempo, entre os utentes do centro de abrigo e, basicamente, aquilo que me rodeava – portanto, o senso comum. O que parece confirmar que uma hipótese não passa de uma “conjectura bem fundamentada” (Burgess, 1997, p. 37).

A unidade de análise redefine-se, no entanto, precisamente porque a primeira deixa de estar acessível e, esperando que a obtenção da informação já fosse por si difícil, dados os múltiplos motivos – ligados por exemplo à ocorrência de percursos criminais conexos – foi mantida a preocupação com o acesso, mas numa dupla perspectiva, a dissociação possível em relação ao papel anterior, e às ligações institucionais existentes, e a escolha de uma nova unidade de análise que permitisse manter a coerência do projecto.

Portanto, foi escolhida a comunidade terapêutica. Mantinham-se alguns receios no que respeita à abordagem, relacionados (também na comunidade) com a posição institucionalmente referenciada, receios esses que se poderiam tornar em vantagens, como mais tarde se verificou para alguns informantes.

Perspectivou-se a possibilidade da observação das práticas do dia-a-dia, a entrada sucessiva de pessoas que estariam em pontos diversos da sua recuperação, sob a coerência de uma instituição praticamente fechada. Equacionou-se assim a produção de um terreno (Mapril, 2006, p. 56) com uma difícil delimitação dos fluxos de indivíduos, mas em que a instituição total os encerra e permite a sua abordagem diferida no tempo, enquadrando essa dialéctica (Lima e Sarró, 2006, p. 26) na procura do outro dentro e fora da relação (Lechner, 2006, p. 103).

Esta comunidade é substancialmente aproximada a uma instituição total segundo o pressuposto weberiano de Erving Goffman, no sentido em que materializa um tipo ideal (Goffman, 1974, p. 17): a esfera da vida privada dos residentes mistura-se com os aspectos partilhados no dia-a-dia, trabalho, tempos livres. Todas as vivências decorrem no mesmo lugar, todas as actividades são partilhadas pelo mesmo grupo, existe uma calendarização detalhada para as actividades (que depois, como veremos, não é estritamente cumprida) e as actividades diárias servem o propósito geral da própria instituição, isto é, a função de recuperação na comunidade mas também a sua manutenção.

Como veremos, a separação entre o pessoal e utentes sujeita-se à particularidade de que o monitor é escolhido entre os internos, o que implica uma interpretação específica do pressuposto de separação referido, e por outro lado a inexistência de uma distância social marcada entre os dois grupos (grupo vs monitor, melhor dizendo). Este aspecto reforça a existência de uma carreira moral (Goffman, 1981, p. 45-49), a apreensão completa do facto de ser estigmatizado, mas com um culminar que passa quase por uma porta de saída, em que o papel se abandona.

A condição de cada um implica a modificação do seu *self*, o que se associa directamente, no caso do objecto deste estudo, à maneira como o tempo é ou passa a ser vivido.

Assim, a unidade de análise estabiliza-se na comunidade, que encerra a coerência pressuposta à partida para as acções de realinhamento dos indivíduos (Goffman, 1993, p. 225). Isto é, a necessidade de ajuste em função das expectativas de acção e as práticas de rotina no grupo (e face ao outro), embora se pressuponha à partida a manutenção do *status quo* pela existência de comunicação conivente, implica um “desvio de um tipo inacessível à consciência” do espectador (Goffman, 1993, p. 225), neste caso, quem investiga.

A comunidade é abordada em momentos diferentes, com o objectivo de caracterizar as pessoas que passam pelo grupo, e ao mesmo tempo, o grupo em vários momentos. Tal significa que, de cada uma das vezes que a comunidade é abordada, as pessoas que ainda lá permanecem voltam a ser entrevistadas, numa sequência em que se procura saber sobre o percurso até à comunidade, e depois sobre o percurso dentro dela. Os períodos de permanência foram concentrados em 3 dias, de cada vez, em momentos distribuídos no tempo, um deles sem a componente do levantamento das entrevistas: o caso das vésperas do Natal de 2005, em que se procurou não contaminar o tempo de características especiais com registos gravados e processos de revivência difíceis no momento.

## 5.2. Fazer reflectir o processo

A abordagem metodológica deste trabalho procura, desde os seus fundamentos ontológicos, fazer reflectir um processo. Assim, desde a conceptualização, estreitamente associada a uma perspectiva qualitativa de aproximação à razão do agente, aos pressupostos de trabalho associados quer ao tempo, como objecto antropológico e central da tese, quer à memória, no eixo do discursos dos indivíduos, enuncia-se o princípio da recolha junto dos informantes.

Segundo Atkinson, as narrativas são fonte de dados que intersectam o individual e o social (Atkinson, 1999, p. 191), ou, como refere Dhunpath,

“(...) a abordagem das histórias de vida será, provavelmente, uma forma de entender como os motivos e as práticas reflectem a intersecção íntima das experiências institucional e individual, num mundo pós-moderno.”(Dhunpath, 2000, p. 544, trad. livre)

Num mundo pós-moderno, como acreditamos noutro mundo qualquer, a proposta de um “narradigma” (Dhunpath, 2000), deixa transparecer a própria noção da vida como narrativa, na medida em que nos representamos no mundo sob essa perspectiva (Dhunpath, 2000, p. 544-545), o que ao mesmo tempo que fornece a perspectiva individual, precisa de ser integrado na panorâmica do grupo, ou da comunidade, se se quiser.

### 5.3. Momentos da comunidade

Uma vez que se procura perceber a alteração na forma como o tempo é vivido, e como a transformação nessa vivência se reflecte nos momentos da comunidade, opta-se por recolher o testemunho das pessoas sob a forma de entrevistas etnográficas, com o fim de recolher as histórias ou extractos de vida:

“O melhor é conceber a entrevista etnográfica como uma série de conversas amistosas, em que se introduzem paulatinamente novos elementos, para ajudar o interlocutor a responder como informante.” (Flick, 2005, p. 93)

O processo passa por um eixo central no qual se coloca uma questão essencial na entrevista, que procura dar início a uma narrativa por parte dos informantes (Bertaux, 2006, p. 62), uma vez que a liberdade da palavra deve ser total... mas controlada (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983, p. 25).

Mas o que distingue uma entrevista de uma conversa, então? Um pedido específico de entrevista, subsequente à apresentação da investigação. Esta apresentação é feita ao grupo, e depois particularmente, a cada um dos informantes, juntamente com a existência de clarificações adequadas e o levantamento dos elementos relevantes para o estudo (Flick, 2005, p. 94).

O trecho de vida recolhido que encaminha o indivíduo para a presença na comunidade, dá simultaneamente coerência à recolha do discurso, e à observação não participante efectuada nos períodos de permanência na referida comunidade terapêutica. Segundo Flick, “(...) um critério essencial da validade da informação é o relato do entrevistado ser primariamente uma narrativa.” (Flick, 2005, p. 101), em que no entanto o Autor prevê como alternativa a introdução de “(...) diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, próprio da entrevista de episódio.” (Flick, 2005, p. 112).

### 5.4. *Récits de vie* e análise de discurso

O objecto social de estudo em que se foca esta investigação enquadra-se naquilo que Bertaux apelida de “categoria de situação” (Bertaux, 2006, p. 20), categorias constituídas na base do senso comum, mas que se torna possível apropriar na medida em que constituem grupos em determinados momentos

e situações da sua diacronia, e que vêm a ser apropriados como tal. No caso presente, a situação torna-se o internamento comum na comunidade terapêutica, e a vivência de momentos de percurso semelhantes quer até à chegada dos indivíduos quer, posteriormente, no decurso do internamento na comunidade, o que proporciona não a partilha de memórias colectivas mas, talvez, a partilha de episódios associados a uma prática comum.

A diacronia expressa na narrativa pode ser linearmente usada, por exemplo, na análise das trajectórias (Bertaux, 2006, p. 21), mas ao caso optou-se pela separação em categorias e dimensões, com vista à análise do discurso e à percepção das categorias comuns, e das referências, que permitem a saturação da informação, quando comparadas com a documentação e bibliografia já consultada (Cf. Klingemann & Schibli, 2004; Brochu & Parent, 1999; Vasconcelos, 2003).

Assim, "Uma concepção minimalista da história de vida será proposta: existe história de vida desde que ocorra a descrição, sob forma narrativa, dum fragmento da experiência vivida" (Bertaux, 2006, p. 14, trad. livre), o que decorre das entrevistas dos visados.

Põe-se a questão da reprodução integral ou da reconstrução das histórias de vida (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983, p. 27), mas neste caso a opção foi obter a narrativa para que esta pudesse ilustrar as categorias mais relevantes para a compreensão dos contextos prévios e do contexto da comunidade, e para o percurso dos agentes. Bertaux recomenda a análise temática sempre que o objectivo das histórias de vida visa a comparação de conteúdos (Bertaux, 2006, p. 93). Embora isolando as passagens do discurso, o que exige cuidado na manutenção da coerência e sentido das frases, a análise possibilita a expressão de ideologias pessoais. Mas possibilita, sobretudo, a ilustração coerente de práticas e contextos, e a observação de categorias comuns. Franzosi, por exemplo, defende que a manutenção da narrativa intacta torna difícil a sua análise, pelo contrário facilitada pelo tratamento temático (Franzosi, 1998, p. 548).

Assim, sobre as narrações aplicou-se uma técnica sobre a alçada da análise temática, a análise de discurso, que possibilita a obtenção das dimensões e das categorias referidas, técnica essa aplicada de forma que as dimensões pudessem ocorrer segundo os pressupostos de cada entrevistado, e não

segundo os da investigadora, e que assim se traduzisse o conjunto de elementos relevantes no *contar da vida* de cada pessoa.

O facto é que da mesma forma que se possibilita a maiêutica do sujeito, encontra-se também o recontar da história e as distorções a ela associadas (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983, p. 42, trad. livre). A reconstrução-transposição para uma unidade de vida, como referem Bertaux e Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut é sistemática, mas em contrapartida a omissão das passagens complicadas (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983, p. 43, trad. livre), no caso destes informantes, não é comum, porque é precisamente nessas passagens complicadas que todo o seu discurso assenta. Por outro lado, a expectativa de que se procura conhecer o tipo de discurso que inúmeros técnicos procuraram conhecer antes, pode conduzir a uma saturação das referências a passagens complicadas, e a omissão de detalhes relevantes para o objecto de estudo, que respeitam ao modo de viver o tempo, antes e depois da entrada na comunidade.

Isto equivale a afirmar que a saturação da informação, se torna óbvia na ilustração de categorias equivalentes, intra e extra estudo, mas a ocorrência de categorias únicas torna-se relevante, nos destaques do inesperado (Godinho, 2001, p. 74) ou, mais particularmente, nas omissões.

Segundo Barker & Galasinski, a compreensão é uma questão posicional, porque tem a ver com o posicionamento de quem comunica, onde está, com quem fala, e com que objectivos (Barker & Galasinski, 2001, pp. 63-64). Este pressuposto é antecedente à própria realização deste trabalho, em função do conhecimento do contexto anterior mas, também, do facto de se abordar um contexto sobre uma perspectiva de observação não-participante, ou seja, descontinuada e sem recurso à imersão no meio.

Os Autores referem que o discurso é enquadrado num determinado contexto, deixa transparecer um dado quadro de referência, os papéis sociais e comunicacionais assumidos, os objectivos dos agentes, dos elementos que definem o conhecimento social relevante, as normas e valores e as estruturas organizacionais ou institucionais. Procura-se que estes aspectos se projectem nas dimensões e nas categorias que respondem, de forma estruturada, à abordagem que os entrevistados fazem da sua vida, e como a contam. Isto significa que não ocorre a reconstrução das histórias de vida mas o re-

arranjo das categorias segundo os temas abordados pelos indivíduos, procurando-se assim uma forma de sustentar os temas de análise e a coerência – ou incoerências, ou paradoxos – que constroem este trabalho.

O discurso é, assim, enquadrado no grupo – mas até certo ponto, não no grupo da comunidade. As sequências do discurso, mediante as suas unidades e a sua lógica, são de alguma forma abstraídas em função da enunciação das unidades comuns a todos os elementos que são entrevistados neste trabalho, de forma a que seja possível agrupar as unidades do discurso segundo categorias e dimensões apropriadas por todos os elementos. Porque é que uma determinada frase é dita, e o que significa numa dada situação? Para os Autores o discurso é socialmente constitutivo, é uma forma de prática social que deixa transparecer as escolhas dos agentes, e revela uma determinada ideologia, ou se se quiser, a adopção de um predomínio simbólico com um modelo específico. O texto é multifuncional, faz cruzar diversas realidades, estereótipos ou não, que se procurou fossem projectadas na compreensão dos percursos dos indivíduos. O discurso é interpessoal, mas não se refere apenas à relação entre a pessoa e o seu interlocutor, antes pelo contrário integra diálogos e múltiplos agentes em função dos quais o discurso é enunciado. O discurso é textual, porque estabelece relações entre o discurso e as condições que enquadram esse mesmo discurso, ou seja, o contexto (Barker & Galasinski, 2001, p. 64). Por fim, o discurso permite descobrir as redes que os indivíduos integram, incluindo as transformações por que os discursos passam – mediante contextos sucessivos. Esta objectificação concretiza-se no recurso à memória mas também ao esquecimento, pois tal como refere Augé, ocorrem três formas de esquecimento: o regresso do passado, esquecendo o presente, o reencontro com o presente separando-o momentaneamente do passado e do futuro, e o reencontro com o futuro esquecendo o passado (Augé, 2001, p. 77-78).

Dá-se o caso de existirem memórias partilhadas na *communitas* em apreciação. No entanto, o que se reforça no discurso, de facto, é a partilha de estereótipos externos ao grupo, nas não as memórias concretas ou a reconstrução delas. Não há, de facto, partilha de conhecimento nesta *communitas*. Por outro lado, os estereótipos coincidem com memórias hegemónicas, figuras de referência que autenticam simbolicamente determinadas recuperações. Ou seja, a partir de um determinado grau de disseminação estaremos a falar de memória social, no sentido em que advém dos grupos dominantes. Há, assim, tipos de informação que nos chegam de forma hegemónica, e esta hegemonia transparece

nas categorias aplicadas ao levantamento, por exemplo, na aceitação do termo *toxicodependência* como recurso de categorização.

É importante notar, na reconstrução do passado, a ocorrência de ucronias ou raciocínios contrafactuais, "se tivesse sido assim, as coisas seriam diferentes...". Nas histórias de vida ocorrem frequentemente situações míticas que, no caso presente, se podem relacionar com a categorização estabelecida, ou eventualmente com as omissões patentes no discurso dos agentes.

## 6. Santuário: nós aqui e um lugar perigoso lá fora



## 6.1. Introdução

A comunidade terapêutica em análise neste estudo, a que chamo o Centro, é criada através da instituição de uma IPSS em Março de 1996: constitui-se como associação de solidariedade social, por tempo indeterminado, com um número de associados que vai variando ligeiramente ao longo do tempo, mas que se restringe a cerca de vinte pessoas. Tem a sua sede num concelho da Margem Sul, e tem como objectivos principais a prestação de cuidados de saúde, a higiene mental e a assistência social. A actividade na comunidade é iniciada em colaboração com a Câmara Municipal, que cede, através de protocolo, o espaço onde se situará a comunidade terapêutica, um palacete em ruínas do século XIX. O SPTT - Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência e, mais tarde, após a extinção deste, o IDT – Instituto da Droga e da Toxicodependência, comparticipará o pagamento das estadias prolongadas das pessoas sujeitas ao processo de internamento. Segundo o Despacho conjunto da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério da Saúde Nº 261-A/ 99 de 22 de Março, a criação de uma rede nacional de unidades de tratamento de toxicodependentes, que inclui as comunidades terapêuticas, as clínicas de desabilitação e os centros de dia, prevê que o Estado comparta o tratamento dos indivíduos através de convenções, entre o SPTT e cada unidade, considerando para o internamento nas comunidades um valor mensal por indivíduo que ascenderá a 165 000\$00 (em 1999). Este valor é circunscrito no mesmo despacho conjunto a um financiamento assegurado de oitenta por cento do montante, às comunidades.

A comunidade tem um número de camas restrito, onze, resultado do facto de funcionar no Palacete – palacete esse que, pelo seu estado de ruína, virá a ter de sofrer algumas obras de reconstrução do andar térreo, a construção da zona de refeições, a recuperação de um quarto e instalações sanitárias no primeiro andar (que virá a ser reservado para a Direcção), e ainda a recuperação de algumas divisões distribuídas como a despensa de secos também no primeiro andar, a zona da lavagem de roupas, e o quarto do monitor - no sótão.

O consultório do dentista virá a ser instalado, de forma pouco conseqüente, alguns anos mais tarde (a partir de 2003), embora até ao momento em que dou por terminado o trabalho de campo, não tenha funcionado. No primeiro andar situar-se-á também a sala de reunião da equipa de rua que conduz a sua acção localmente, uma sala habitualmente fechada onde a equipa armazena os materiais para os

kits (seringas, água destilada, toalhetes, preservativos, filtros) - equipa que cessa a sua actividade no concelho, por escassez de trocas, ainda antes de 2004.

## 6.2. O circuito contextual

A maior parte dos indivíduos vai entrando na comunidade através das redes sociais de alguns dos associados, que trabalham no contexto de bairros lisboetas com problemas sociais. Contextos como o Casal Ventoso (Chaves, 1999), mesmo depois das mudanças no outrora *supermercado da droga*, ou o Bairro da Boavista, na margem Norte do Tejo, proporcionam a entrada de pessoas. Também através do trabalho das equipas de rua da instituição, entram pessoas, através das redes interpessoais associadas às equipas que operam na margem Norte e na margem Sul, em zonas problemáticas com forte penetração de drogas como, por exemplo, o Vale da Amoreira. Alguns dos internos entram em função de contactos familiares ou contactos com outros elementos que já anteriormente haviam entrado no Centro. Na sua maior parte, estas pessoas passam por um circuito de comunidades:

“(..) já estive em dois, antes de ser cá... já estive em [outro país], não me lembro do nome daquilo... mas calhou-me sempre, para onde eu fui, só apanhei drogados... é raro apanhar gajos alcoólicos (...)” (Carlos, A3)

Ou como refere Óscar, ao explicar como convenceu o director do Centro a aceitá-lo juntamente com a sua mulher, grávida, e um filho de sete anos, depois de verificar que mais ninguém no País aceitava a família completa:

“[O director da comunidade não queria que o miúdo viesse] Por causa do ambiente, (...) aqui como não havia miúdos, que era um ambiente um pouco pesado para ele, a gente explicou-lhe porque felizmente a Nela desde que o miúdo nasceu, pois... tem estado sempre em centros, (Óscar, N3)

O circuito integra instituições com características mais ou menos rígidas (Patrício, 1995, p. 177-178), incluindo quer as clínicas quer outras comunidades terapêuticas, e não é exclusivamente nacional. O próprio Óscar esteve internado sete anos, numa organização onde primeiro o internam numa comunidade, e depois virá a ser responsável por outra comunidade. Conheceu a mulher, Nela, após o

que rumam a Portugal. As duas comunidades integram, respectivamente, pessoas em estágios diferentes do processo de recuperação, tal como aquela em que Óscar foi monitor:

“(...) era diferente, daqui... era já uma segunda fase, onde o pessoal já vinha todo já com quatro, cinco meses, reabilitado das drogas, bom reabilitado não vinha, mas pelo menos com o que é ressaca, e essas coisas, (...)” (Óscar, N6-1)

E, ocasionalmente, com um regime de trabalho integrado na segunda fase, ao contrário do que se passa no Centro:

(...) bom lá dentro, tínhamos uns dezoito ou dezanove camiões...e era diferente, o pessoal chegava pela manhã, (...) havia uma reuniãozita da parte deles, falávamos todos os dias, e depois cada um saía com o seu camião, com os seus ajudantes, cada homem o seu trabalho, eu distribuía a chave dos camiões, o trabalho, cada um ia à sua vida...” (Óscar, N6-2)

A escolha do Centro resulta também da experimentação de uma sequência de modelos diferentes de tratamento, aos quais cada um dos indivíduos se vai adaptando melhor ou pior.

“(...) nas Taipas não havia meio de me resolver o assunto (...) Eu (...) andei nas Taipas, na CAT de Sintra... de Mira Sintra... durante três anos e tal... três anos e quase quatro anos (...) [No CAT não me faziam] nada... nada, rigorosamente nada... eu cheguei ao ponto de andar a consumir e eles nunca... nunca me fazerem uma análise!... eu disse isso à minha psicóloga... “eu não sei para que é que eu ando aqui...”, “ah, mas porquê, Maria? não te estás a sentir (...) bem?”, “ah, estou-me a sentir muito bem, mas é assim, eu acho que o vosso sistema... (...) para mim não pega, porque é assim... eu até posso estar aqui com uma *ganda pedra*... a bater com a testa no joelho... e vocês continuam (...) com essa terapia... para mim, não me diz nada (...) eu estou aqui há... há três anos, nunca me fizeram uma análise... como é que vocês sabem se eu ando a consumir ou não? Acreditam-se naquilo que eu digo?!...”(Maria, E21)

Por vezes, a opção anterior não é pelo tratamento, mas pelas terapêuticas de substituição de baixo limiar, a metadona:

"(...) entretanto ouço falar no CAT (...), na metadona (...) vou ao CAT (...) no Barreiro... peço ajuda a eles... eles sim senhor, (...) metem-me na metadona... (...) [o CAT] estava num sítio esquisito, porque (...) é três bairros de droga, ali à volta do CAT... para ir ao CAT tem que passar por um deles, [de outra maneira] não chega lá...só se... só se vier por Lisboa, de barco (...) é que não passa... pelos bairros da droga, para chegar ao CAT..." (António, D23)

Outras vezes, as pessoas retornam ao Centro onde já haviam estado, e o regime do Centro muda com os monitores:

"Ah, por um lado é bom, por outro lado... tenho que estar sempre aqui, vinte e quatro horas... quando estive cá a primeira vez, já há quatro anos, estava cá o senhor Né [monitor], a gente saía, a gente ia ao café, agora já não vamos ao café, já não vamos sair... agora não, não pode (...) depois agora está cá este casal [Cristina e João Miguel]e a gente não pode sair..."(Mário, L8)

Monitor esse que chega a decidir, de forma algo absoluta, como corre o dia-a-dia dentro da comunidade, não tanto na perspectiva disciplinar de "parar o mal, interromper a comunicação e suspender o tempo" (Foucault, 1975, p. 244), mas mais para fazer face ao descontrolo prévio ao internamento (Goffman,1974, p. 123):

"(...) sim, mas o Monitor, por exemplo, [se] tiver um erro, ou uma coisa assim... que é para corrigir, ou para chegar a uma reunião... para falar disso... praticamente isto é tipo de... partido político (...) como um partido único, aqui dentro..." (Dário, C23)

Assim, acontece na comunidade que o grupo que encontro tem uma permanência variada, às vezes composto por um núcleo de pessoas que já lá está há anos, outras vezes na sua maior parte composto por pessoas que chegaram há alguns meses:

"(...) no grupo [quando entrei], destes que estão aqui, só cá estava o Francisco, mais ninguém, é o único sobrevivente... alguns já fizeram uma passagem, de dias só, uma semana, duas, a do Rogério, por exemplo... estive cá doze dias... foi-se embora, e agora regressou e está cá há dois meses (...) agora o resto é tudo malta que está aí há um mês, um mês e pouco (...)" (José, G5)

Esta transitoriedade poderia ter colocado em causa a delimitação da unidade de análise, certamente, mas se virmos pelo outro lado, possibilita uma caracterização mais complexa da referida unidade, em função de uma recolha mais rica de casos inerente a um grupo em permanente mudança. Portanto, o Centro encerra uma coerência espacial, mas não uma coerência temporal única, aproximando-se também assim do sentido que Turner atribui à sua *communitas*, onde “sob a influência do tempo é necessário mobilizar e organizar recursos” (Turner, 1989, p. 132, trad. livre) e que deriva do estabelecimento de relações entre indivíduos, “estando para fora” (Turner, 1989, p. 138, trad. livre). Tal como anteriormente referido, procura-se interrogar a comunidade como espaço de fluxos de pessoas e relações (Mapril, 2006, p. 54).

### 6.3. O jardim

Quando entro na comunidade pelo enorme portão verde de ferro forjado, a primeira coisa que vejo à minha direita é a parede lateral do palacete e uma porta, pequena, com um arco de estilo gótico a encimá-la. Está fechada, mas já sei que é por aí que se entra para o *hall* onde são guardados alguns produtos alimentares, como a fruta ou os caixotes de *ketchup* doados pelo Banco Alimentar contra a Fome. O *hall* dá acesso ao consultório de medicina dentária, instalado com a maquinaria necessária... mas fechado. Consultório que é algo extemporâneo, embora bem intencionado. A sua instalação procurava responder à necessidade de tratamentos dentários típicos dos consumidores de drogas com um historial longo, mas de facto a intenção nunca se veio a concretizar.

Do jardim espreito para o consultório pela janela semi-aberta e vejo na penumbra a mesinha, a cadeira de dentista, e o cano da água por fora da parede. Volto para trás passando por cima do relvado, e reparo que o espaço é amplo e agradável: em frente ao portão existe um pequeno terreiro onde é possível estacionar três ou quatro carros, circundado por um murete, e onde frequentemente se encontra a carrinha de nove lugares que transporta o grupo nas saídas ocasionais. O terreiro é ainda limitado por uma sebe e uma gaiola de pássaros vazia (construída na correnteza do murete), uma vez que a maior parte deles foi morta pelos cães da comunidade, numa só investida feroz.

À direita, vejo o jardim relvado, a rede pendurada ao fundo entre as duas palmeiras mais altas, e uma vista para um descampado gigantesco e algo vazio:

"(...) a distância longe, ali eu... vejo a paisagem... vejo os montes, fica mais... eu vou ali e melhora a cabeça... vou lá dentro e só penso que estou lá dentro... fica mais... se calhar não sei explicar direito, mas fica mais... independente, não é... a vida...[lá dentro] fica um bocadinho mais fechado..." (Dário, C9)

Descampado esse onde, de vez em quando, passa o rebanho de ovelhas, o pastor e os cães do pastor, já fora dos limites da comunidade - a seguir à horta plantada para fornecer as saladas e as sopas, uma horta plantada de forma absolutamente anárquica pelo *Mandrake*,

*O bom do Mandrake (...) fez uma plantação anárquica de milho com tomateiros e couves tudo misturado, em cima... de um limoeiro que estavam à espera que crescesse. Ora bem. O milho cresceu, os tomates também (têm tomate normal e tomate xuxa, com muito bom aspecto), as couves cresceram, há por lá umas alfaces minúsculas... mas o limoeiro nem se vê. (DC, 9.05)*

Horta essa, tratada pelo Carlos ou, mais tarde, pela Nela:

"O J[filho] anda atrás, anda atrás dos animais, atrás de um, de outro, ao pé dos pombinhos, dos coelhos, da horta (...)" (Nela, M19)

De tarde, pelas quatro horas, encontro três rapazes – entre os trinta e os quarenta e tal anos - que jogam futebol. Se continuar a caminhar, sempre para a direita depois de ter entrado o portão, fico de face para o relvado, com o frontispício amarelo do palacete do século XIX por trás e, ao fundo, ao pé do poço, o tanque onde alguém toma banho.

"Prefiro o verão, não o inverno, depois aproveito sempre ali o tanquezinho, para dar uns mergulhos, e apanhar ali um bocado de sol, fazemos sempre ginástica, corremos..."(Rogério, Q21)

Encontro um dos rapazes a varrer o átrio, outro sentado numa cadeira, algo silencioso, por baixo das arcadas, e a rede nas janelas anuncia a proximidade de correntes de água e, no verão, uma dose de mosquitos absolutamente anormal... e extraordinariamente incómoda, que me impedirá mais tarde de dormir (mesmo com repelente e veneno para insectos).

Se olhar para os varandins do primeiro andar do palacete, apercebo-me que há algo errado. Com efeito, o primeiro andar parece desocupado, as janelas abertas, e a ruína à vista. Na varanda principal encontram-se os andaimes que vão ficando, ou porque serviram para mais uma obra, ou porque vão ser usados para pintar o palacete.

A seguir ao edifício principal está a pequena capela, sem altar, com alguns aparelhos de ginástica lá dentro, um deles em uso intenso mas algo displicente.

“(...) a minha mãe ficou encantada [com a capela da comunidade]... ela veio aqui ver-me, um dia... pronto, eu andei a mostrar a casa, aí... e a minha mãe é muito agarrada, a isso (...) e então levei-a, sabia que ela ia gostar... mesmo estando naquele estado (...) e ela ficou encantada e realmente é verdade... ela é bonita... se estivesse recuperada, estando bem... bem estimadinha... mas pronto, é o que se pode arranjar, não é (risos).” (Maria, E36)

A seguir a entrada, sempre fechada, para o quarto maior, e depois surge uma construção atípica, recente, um pouco mais baixa do que o palacete, ocupada por coelhos e pombos, um cheiro intenso e os fundos reservados para uma oficina e o depósito de objectos à espera de recuperação. Os coelhos são, volta que não volta, selvaticamente dizimados pelos cães, rafeiros, guardas e companhia, que por isso desde há uns tempos para cá permanecem presos a maior parte do dia, acorrentados nas cercanias das casotas situadas entre o edifício novo (se é que se pode chamar novo, naquele estado) e o tanque transformado em piscina. Por vezes vejo, ao fundo do jardim, perto das palmeiras, a única rapariga na comunidade a estender a roupa ou, mais propriamente, nas horas perto do lanche, a apanhá-la.

#### **6.4. O chão vermelho das arcadas**

Entrei. Passo pelo chão vermelho das arcadas e à esquerda está o ninho da andorinha, ocupado todas as primaveras e à espera do regresso. Os matraquilhos e a mesa, de azulejos retirados do palacete. Os degraus que saem debaixo das arcadas e fazem caminho para a capela. As escadinhas da porta de acesso ao quarto mais espaçoso, onde dormem talvez dois ou três rapazes, e um deles sentado nas escadas. O rádio-leitor de cassetes está a tocar a música bem alto, mas pela janela de rede da sala, logo ali ao pé da porta, percebo que a televisão também está ligada.

A porta de entrada no palacete é verde escura, de madeira, de duas portadas, e piso o chão interior, de quadrados pretos e brancos. À minha frente está a escadaria, os degraus com uma aparência muito recente e de madeira esbranquiçada, e o corrimão desenhado em espiral e pintado em tons de beterraba. O santinho, em azulejo azul na parede branca, protege certamente a casa (de cair...): “Sagrado Coração de Jesus abençoe este lar”.

À direita está o escritório, com um balcão de repartição pública que ocupa quase todo o espaço, um computador poucas vezes ligado, o armário dos medicamentos e a secretária do monitor. Uma fotocopiadora, um aquecedor e uma casa de banho que dá, de vez em quando, sinal da fossa demasiado cheia que, enquanto aguarda o vazamento da Câmara, deixa um cheiro pestilento na zona administrativa, e uma série de dossiers e papéis com ar pouco consistente, como se de facto o centro da casa não fosse ali. Encontro o monitor ali sentado, a distribuir medicação, a dar os cêntimos para o café e até para o tabaco, a falar ao telefone, a receber familiares (raramente), mas o mais certo, mesmo, é olhar para a porta do escritório fechada à chave, com o pequeno letreiro “Escritório” a chamar a atenção para o seu lugar periférico.

## **6.5. A ruína**

Subo a escada, meio desequilibrada (faz-me pensar que perdi o centro de gravidade) chego ao andar nobre do palacete: como certos nobres... está em ruínas. À minha direita está uma das duas entradas para o salão da antiga equipa de rua, magnífico: uma sala pequena seguida de um salão grande, o Salão da Lareira, situado na esquina do Palacete, com uma janela de cada lado. Uma janela para a entrada da comunidade, e outra que dá para o jardim. A parede está forrada a azulejos, mas vejo uma sequência de baldes de plástico no chão que me dizem que a chuva não perdoa. Em cima ouço os pombos, cujos dejectos infernais chegam por portas travessas ao salão.

Depois da portada nas escadas vejo, ao fundo, a zona da lavandaria, as máquinas de lavar e secar, e à direita, a despensa de secos com uma porta fechada a cadeado. É na zona da lavandaria que registo sinais escritos significativos do que se passa com as pessoas da casa:

“Cuidados a ter nos sectores:

## Sector lavanderia

- Calçar luvas de borracha;
- No caso de a roupa apresentar vestígios de sangue e/ ou fluídos genitais, colocar a mesma previamente em lexívia durante 30 minutos ou lavar à parte da outra roupa, da seguinte forma:
  - misturar lexívia com o detergente e o amaciador numa proporção de 1/2 tampa (ou uma colher de sobremesa), por cada quilo de roupa;
  - fazer a pré-lavagem a 50 graus durante 10 minutos.
  - fazer a lavagem posterior a 60 graus.
- retirar a roupa da máquina e estendê-la.
- entregar a roupa já dobrada."

Com efeito, metade dos habitantes da comunidade são portadores de uma qualquer doença infecto-contagiosa, e os cuidados dirigem-se a quem faz a lavagem da roupa o que, pela distribuição das tarefas, cabe a uma determinada pessoa em cada semana.

No secador de roupa, lembram-se os cuidados necessários para manter a máquina – o que faz pensar que já houve algum descuido:

"Lembra-se que após utilizar o secador da roupa é imperativo limpar o filtro do mesmo para assim continuarmos a ter o privilégio de poder secar a roupa quando o tempo não o permitir (e assim zelar pelas máquinas e materiais do centro)."

É aqui, no primeiro andar, que durmo. Se virar à esquerda mal subo as escadas, entro por uma porta que avisa o perigo da ruína, deparo logo em frente com uma estante de esquina onde se guardam as coisas de Natal e, à direita, a sala a que chamo eufemisticamente Sala em Obras – mas que não tem tecto, não tem chão, com uma janela sem portadas sequer, por onde vejo a estrada. A seguir, à minha esquerda, está a Sala dos Pombos, por motivos óbvios, pois aí também a ausência de tecto faz com que se torne residência permanente dos animais; a sala tem uma pequena lareira de estilo meio árabe,

ao gosto do homem que mandou construir o palacete; ainda alguns azulejos, e um conjunto de janelas a dar para a varanda onde estão os andaimes.

Passo pelo corredor meio destroçado - uma varanda mais à direita, que dá para o pátio da sala de refeições (ou *refeitório*, como alguns dos entrevistados lhe chamam), outra janela à esquerda, que dá para o jardim - no corredor existe uma célula fotoelétrica que acciona uma lâmpada mas, à noite, demora demasiado tempo a reagir à minha passagem, tornando o trajecto algo assustador.

Vejo no fundo do corredor a casa de banho do monitor, subindo uns dois degraus, viro à esquerda e encontro a porta do quarto onde durmo, que tem uma casa de banho própria, e a porta da saleta contígua, que corresponde a um dos dois avançados de esquina, do palacete.

*Não resisto a ir à noite à saleta ao lado do quarto, tem janelas nas três paredes (a quarta parede é a que dá para o quarto) e uma vista nocturna maravilhosa. E o sol da manhã é fantástico, infinitamente mais interessante que o telhado que posso ver da janela do meu quarto. Posso estar (...) na ala ruínosa do palacete, mas é intrinsecamente um palacete, de facto (DC, 12.05)*

## **6.6. Atrás da porta, na sombra, as regras da comunidade**

À esquerda da porta de entrada no palacete, cá em baixo, é a sala de estar. Entro e vejo um conjunto de dois sofás beijos, e dois cadeirões, uma mesa em vidro com algumas cadeiras em volta, uma televisão no canto, em cima, mesmo em frente à porta por onde espreito e, por trás dessa porta, um quadro com as regras e procedimentos de recuperação que o Centro afixa na parede, mas que me parecem distantes do processo diário.

As regras enunciam os princípios do programa de recuperação, mas o papel amarelado e a troca nos trimestres, da segunda e da terceira fases, denunciam que ninguém olha para o quadro já há uns tempos. Enuncia-se a separação de um mundo anterior (Van Gennep, 1978, p. 37) em que se confronta e é confrontado, em que não se tem comunicação com o exterior. Esta fase assegura a passagem entre dois mundos e a separação entre "dois movimentos de sentido contrário" (Van Gennep, 1978, p. 152), o que decorre lá fora e o que decorre na comunidade, um ponto morto marginal.

*“Valores e regras das fases do programa, 1ª fase (entre 1 a 3 meses)*

*Valores: ruptura com a droga e outros contextos disfuncionais; adaptação, investigação e envolvimento com o grupo; tomar consciência de si próprio (quem é e o que quer mudar); seguir o exemplo dos mais velhos e aprender a confiar em si e nos outros; confrontar e ser confrontado; ser honesto, frontal e directo; respeitar os outros; obedecer às regras da casa.*

*Regras: não fazem chamadas telefónicas (telefone e telemóvel) durante a semana e ao fim-de-semana só com autorização; não têm acesso ao seu dinheiro; não podem ir a casa de fim-de-semana; em caso de necessidade de saída só o fazem acompanhados por um elemento mais velho.*

Na segunda fase, a passagem vive-se o confronto com a origem mas também a responsabilização, quem sabe um lugar e a responsabilidade mais próximos ao monitor.

*2ª fase (entre 6 a 9 meses)*

*Valores: assumir responsabilidades na organização e funcionamento da casa (podem ocupar um lugar de maior responsabilidade); confronto com o meio social de origem (bairro, casa familiar); tornar consistentes as mudanças que se vão operando (maturação); consolidar o valor das regras defendendo-as e transmitindo-as; dar o exemplo aos mais novos; elaboração de um projecto de vida e objectivos a alcançar; obedecer às regras da casa.*

*Regras: podem sair ao sábado e voltar ao domingo; podem telefonar durante a semana mas sempre com autorização e em casos importantes (tratar de assuntos importantes); não têm acesso ao seu dinheiro.*

Depois de agir e parar, esperar e repousar, como afirma Van Genep (1978, p. 157), recomeça-se a agir, se bem que de forma diferente. Retorna-se a um ciclo. Depois da suspensão da vida social, restabelece-se o laço de união com a sociedade e a vida social recomeça (Van Genep, 1978, p. 151).

### *3ª fase (entre 3 a 6 meses)*

*Valores: desenvolver a auto-segurança para restabelecer relações com a vida exterior à comunidade; alargar e diversificar o leque de relações no exterior; servir de modelo para os mais novos na casa e ajudá-los no seu desenvolvimento; continuar a desenvolver o seu projecto de vida e procurar emprego; obedecer às regras da casa.*

*Regras: podem sair ao fim-de-semana; gerem o seu próprio dinheiro; obedecer às regras da casa; podem ligar três vezes por semana (telemóvel); têm direito a mais uma saída semanal entre as 15.00 e as 19.00."*

Verifica-se que algumas regras estão interiorizadas, pois ocasionalmente ouve-se o pedido para fazer um telefonema, mas nunca ouço ninguém a falar a partir de um telemóvel – o que se torna estranho, comparando com o que se passa lá fora...; mas a acção das pessoas difere em função do tempo de estada, por exemplo no que respeita a detalhes como uma saída do grupo para tomar café, no bairro de realojamento do outro lado da estrada.

Estas saídas só estão acessíveis àqueles que já se encontram na comunidade há algum tempo. Talvez por verificar este aspecto também suponho que uma parte das regras será cumprida de forma flexível, como por exemplo o facto de não serem necessários, exactamente, os três meses de permanência para poder começar a ir a casa.

*"(...) não é que eu acredite que as regras tenham de ser quebradas, não é por aí, é... às vezes faz falta um bocadinho de flexibilidade... e acho que a partir daí se tornou um bocadinho mais fácil, deixei de ter aqui zaragatas (...)" (António como monitor, P7)*

Existe, além disso, um aspecto que se relaciona também com as oportunidades externas, e ao mesmo tempo com as particularidades de cada indivíduo: alguns dos elementos na comunidade começam a trabalhar fora, ao fim de algum tempo (em princípio, pelo menos depois dos seis meses de permanência). Outros recusam-se a sair e sentem mesmo dificuldade em ir a casa, com o receio de voltar a conviver com o grupo antigo (tipicamente associado ao consumo de droga).

“(...) é uma luta, (...) eu actualmente, só me sinto bem quando estou aqui dentro do centro, e mesmo quando vou a casa, eu sei lá, eu ouvir as pessoas, vou lá à zona, vou ver aquela malta, sei que andam metidos na droga, eu não me sinto bem, só de olhar para eles (...)” (José, G22)

Continuando no *placard* atrás da porta, abaixo, encontra-se a escala da loiça. Começa a uma 5ª feira, o que é algo estranho, uma vez que em princípio as escalas começam à 2ª feira... talvez coincida com a minha chegada, porque não me parece que as tarefas sejam assim tão rigidamente escaladas: alguns dos elementos sei que habitualmente fazem outro tipo de tarefas, o que lhes dá um capital de substituição para não lavarem a loiça ou para não porem a mesa.

Aquilo a que chamarei o *regime da comunidade* integra, de forma ideal – ou ideológica, pelo menos – a roda, tal como ela é referida por Joaquim Pais de Brito: “A roda supõe uma sequência ordenada dos agentes ou das coisas sobre que incide a sua acção” (Brito, 1990, p. 512). O Autor questiona a existência de uma ordem pré-estabelecida que possibilita a concretização de tarefas rotativas, às quais subjaz um princípio de igualdade dos intervenientes (Brito, 1990, p. 513). O pressuposto estruturante desta roda aplica-se à comunidade, ao estatuto dos indivíduos que ali coabitam, exceptuando-se os recém-chegados em situação de desintoxicação. É também sobre estes elementos que reside a maior incerteza da permanência no lugar, por serem comuns os abandonos nos primeiros dias.

“De manhã levantamo-nos, tomamos o pequeno almoço, e depois fazemos as tarefas da casa, metemo-nos cada um no seu quarto, cada um arranja o seu quarto, limpa-se o quarto, a mim cabe-me a casa de banho, há duas casas de banho, há a casa de banho das mulheres e a dos homens, e como eu estava sozinha antes de chegar este casal [Cristina e João Miguel], fazia eu sempre, mas agora temos que alternar, um dia ela, outro dia eu, mas como ela agora está a passar um pouco mal, também [está no período de desintoxicação], ainda não falei nada com ela... faço eu todos os dias... e também a cozinha, a cozinha também me cabe nalguns dos dias, não são todos os dias, um dia por semana cabe-me servir à mesa, cabe a uma pessoa servir à mesa, também me encarrego da lavandaria, cada dia... trato da roupa (...)” (Nela, M17)

Existe um horário de actividades afixado:

08h00 – 08h30	Despertar - higiene
08h30 – 09h00	Pequeno-almoço
09h00 – 12h15	Tarefas ( <i>Que me serão descritas pelos intervenientes</i> )
12h30 – 15h00	Almoço – tempo livre
15h00 – 16h30	Tarefas
16h30 – 17h00	Lanche
17h00 – 18h30	Tarefas
18h30 – 20h00	Higiene ( <i>a hora do banho</i> ) – tempo livre
20h00 – 20h30	Jantar
20h30 – 23h00	TV – tempo livre
23h00	Ceia
00h00	Silêncio

“(TV ou DVD após as 00h só com a autorização do monitor).”

Aqueles que estão na ressaca constituem um horário paralelo:

“(...) não sei, parece que me sabe tudo à mesma coisa, a comida.... não sei se.... se será de mim... talvez seja, ainda (...) eu não tenho muita vontade de comer... mas se calhar devido à medicação (...) mesmo assim tento lá ir, comer (...) Que é para não tomar os comprimidos sem nada (...) e para arrebitar...” (João Miguel, H19).

Mas não tão paralelo que não exija a presença à refeição, logo que tal se torna possível, a expressão de um verdadeiro “princípio estrutural de organização e partilha” (Brito, 1990, p. 516) mas associado à instituição total, na medida em que condiciona a economia pessoal da acção (Goffman, 1974, p. 43), ao perturbar a gestão autónoma do tempo e tarefas associadas, pois a linha de actividade de cada um dos indivíduos sujeita-se aos horários, regulamentos, ao julgamento do monitor e ao controlo social.

“(...) por média é sempre (...) à mesma hora do que os outros, que é para não haver... ninguém a dizer “ah, aquele está a fugir”, ou “aquele levanta-se mais cedo”, ou “é engraxador, é isto...” ,

não sei quê, portanto isto é muito... isto aqui somos quase como uma família dentro, (...) e então se houver um que faça uma coisa diferente, os outros reparam, e para que não repare ninguém, bem, vamos levantar-nos todos à mesma hora, e vamos todos comer a horas, (...) que é para não haver chatices, nem problemas uns com os outros..." (José, G26)

Alguns sinais que confirmam que as regras nem sempre são cumpridas: lado a lado com as regras do programa, um comunicado que avisa:

"Informa-se os utentes que o dia estipulado para o visionamento de filmes de DVD fica a partir desta data estipulado para as sextas-feiras, em virtude do cumprimento das regras do recolher e despertar não estarem a ser cumpridas. "

O comunicado está assinado pelo monitor à data, em 2004, Rodrigo. Ao lado, outro comunicado sobre a utilização do telefone:

"Por ordem superior o telefone só poderá ser utilizado em serviço e a título excepcional (emergência) ou por motivos pessoais urgentes e inadiáveis.

Para qualquer outro caso, as chamadas serão registadas em impresso próprio do centro."

Por fim, as regras são reforçadas de novo. As "regras proibitivas:

- Não às drogas
- Não ao álcool
- Não aos psicofármacos
- Não à violência física e verbal ou ameaças

Porque ela ocorre, ocasionalmente:

"(...) ainda há pouco tempo tive... tive que expulsar uma pessoa de cá, começou ai ao soco, deu ai um soco fodido, e puxou duma faca e começou a correr atrás do José, com a faca... tive que chamar a GNR..." (António como monitor, P16)

- Não às relações sexuais.

Algo difícil, uma vez que a comunidade aceita casais, mas no entanto antevêem-se questões relacionadas com a transmissão das doenças infecto-contagiosas (que afectam alguns dos utentes da comunidade, como referido). Por outro lado, alguns dos abandonos são ciclicamente protagonizados por casais. Neste aspecto recorro ao conhecimento anterior do local, mas também ao sucedido depois da primeira vez que vou ao contexto, em 2005: um casal que se constitui dentro da comunidade abandona-a junto. Alguns dos entrevistados afirmam:

“(...) por isso é que é mais difícil, porque se for o casal, é mais difícil de deixar [de consumir] do que se for individual...” (Cristina, F36)

- Não às cumplicidades

As “cumplicidades” parecem ser uma palavra-chave, um elemento simbólico partilhado e associado às práticas de consumo:

“... a nossa vida era uma vida de... o negócio era um negócio que é muito de bar, de café, de restaurante... a gente comprávamos e vendíamos automóveis batidos, e essas coisas assim (...) então isso é um negócio onde se bebe muito à mesa e come-se muito à mesa... está-se três quatro horas... há um dia... (risos) já... com uma *ganda touca* (...) até fui eu que olhei para ele... e ele olhou para mim e disse-me “não, nem penses nisso” (...) nesse dia não fomos... no dia a seguir ele faz-me o olhar e sou eu que digo... “não não, não vamos não”... ao terceiro dia, o olhar é dos dois... montámos no carro fomos direitos a Lisboa... “ah, é só desta vez, para... a gente (...) desanuviar”... assim foi... consumimos esse dia...” (António, D12).

“(...) nós já temos tanta cumplicidade os dois (...) que basta (...) nós olharmos um para o outro e eu já sei o que é que ele está a pensar, e ele sabe o que é que eu estou a pensar, eu já sei se ele tem alguma coisa, ele já sabe se eu tenho alguma coisa (...) De consumir...” (Cristina, F38;39)

A instituição enuncia, também, "Regras valorativas":

- Sim às relações "limpas" de amizade."

Acreditando que por trás desta afirmação se encerre o pressuposto de que a ambiguidade possa originar desníveis de sentido (Douglas, s.d., p. 55), no entanto parece patente o sinal de que a transição encerra o perigo (Douglas, referindo Van Genneep, s.d., p.117), e a poluição nos limites transpostos – limites tanto mais definidos quanto resultam do enunciar das normas (Douglas, s.d., p. 135).

- Sim à sinceridade
- Sim à honestidade
- Sim à comunicação clara e frontal
- Sim à entre-ajuda
- Sim ao respeito por si e pelos outros
- Sim à responsabilização por si e pelos outros
- Sim à firmeza

No canto inferior direito, um postal pequeno em que o director da comunidade delega a sua autoridade no monitor:

"Informação. Para os legais e devidos efeitos, delego no senhor António... todas as responsabilidades inerentes às funções de monitor deste Centro.

Como tal deverá ser obedecido nas indicações que der aos demais interessados tendo ainda o direito de designar como seus auxiliares quem como tal for julgado útil"

Auxiliares, papéis assumidos mas no entanto não declarados pelo monitor, como os de Jaime ou, mais tarde, do José:

"(...) ajudo o Rodrigo [monitor], o problema é que ele está sozinho... .. não é fácil... também é uma pessoa sozinha (...) também já estive, e sei que não é fácil... viver ou conviver... ainda por

cima responsabilizar-se por (...) todo o género de pessoas, não é... umas mais problemáticas, outras mais... mais ponderadas (...)" (Jaime, B13)

"(...) e ele [António] tem-me agradecido imenso (...) porque o tenho estado a ajudar, e faço os possíveis para que isto corra tudo bem, aqui dentro, isto é uma coisa que não custa nada (...)" (José, G30)

### 6.7. Hora do lanche

Chego perto da hora do lanche, e o António está-me a dizer "quer vir lanchar?", vou, "claro que sim", passo da sala para o corredor, vejo a cozinha muito verde, mesmo muito verde, à minha frente, "o que é que aconteceu à cozinha, estiveram a pintá-la?", que sim, "tínhamos aí umas tintas e aproveitámos", diz-me o José com as cafeteiras prontas a ir para a mesa. A cozinha parece um espaço central na comunidade, sobre o qual cada um dos elementos fornece uma referência:

"(...) é pá, (...) não vou ter agora a cozinha aberta, a qualquer hora e qualquer minuto lhes apetece, vão para dentro da cozinha e vão-se servindo... isto não é assim, aqui tem que haver umas regras, e tem que haver..." (José, G28; 29)

"(...) às vezes umas coisas, por exemplo que eu não gosto, (...) uma pessoa está na cozinha em tronco nu... a fazer comida para comer... mas também eu não me vou meter nisso... tudo porque o António [monitor] permite..." (Dário, J10)

"(...) [mudava o que se passa na cozinha] , o tema da cozinha, sempre foi um sitio que eu tive por sagrado, haver um cozinheiro fixo, e não entrar ninguém na cozinha, isso sim, disso não gosto..." (Óscar, N31).

A necessidade de limites apela de novo à noção de poluição e de pureza de Mary Douglas. Bourdieu afirma que o espaço se compõe da exterioridade mútua dos elementos que o compõem, enunciando relações de ordem e desvio (Bourdieu, 2001, p. 7) e Douglas chama a atenção para a forma e a ausência de forma: "Muitas das noções relativas ao poder assentam na ideia de que a sociedade é constituída por uma série de formas que se opõem à ausência de forma circundante" (Douglas, s.d., p.

119), poder esse materializado e reconhecido na relação com a cozinha, a preservação do seu espaço e a definição do seu uso segundo uma regra – que é permanentemente transgredida, o que gera perturbação.

Afasto-me da porta da cozinha, continuo virando à esquerda pelo corredor, passo pela porta do primeiro quarto grande, e viro à direita. Fico virada para a rua: à minha esquerda está a continuação do corredor, a porta da casa de banho das raparigas, à minha direita está o único quarto para raparigas da comunidade, antes ocupado pela Maria, e agora ocupado pela Cristina. A Cristina não aparece para lanchar, está a *ressacar* e está mal disposta, e o João Miguel faz um esforço, mas está a *ressacar* como ela: estão ambos no processo de desintoxicação inicial, que é levado a cabo na comunidade (pois tem médicos de apoio), não no sentido em que Patrício refere, “tratamento de urgência feito na sequência de uma *overdose* ou absorção súbita de droga” (Patrício, 1995, p. 170), mas no sentido em que se constitui como suspensão, apoiada por medicamentos, do consumo – o que todavia não deixa de produzir transtorno físico e psíquico.

“Mas eu estou mais [abalado] desta vez, do que das outras duas vezes... muito mais (...) Não sei, talvez a medicação, há aí qualquer coisa... ou vimos mais debilitados, não sei... sinto... que está a custar muito mais... estou no quarto dia e ainda estou todo partido... nos outros já... ao terceiro dia, já andava aí na boa (...) talvez a idade, talvez... também possa ser [razão]...” (João Miguel, H12)

Saio a porta das traseiras, que dá para o pequeno pátio em ruínas, onde está o churrasco, e tenho à minha frente a porta de alumínio da sala de jantar, construída de propósito para ser a zona de comer do grupo, separada do resto do edifício. Entro, e a primeira coisa que vejo à minha frente é um muro em “L” com um lava-louça e uma arca frigorífica pequena, lá por dentro, e um forno em tijolo que nunca vi a funcionar: é neste sítio que põem os tachos do almoço e do jantar. Por fora há a outra arca, que tem os sumos do Banco Alimentar, e usada também como mesa de apoio. A sala é comprida, com uma mesa, com as cadeiras para toda a gente. No cantinho à direita aparece uma televisão que não estava cá da última vez que cá vim, no suporte lá em cima, tal como a da sala.

A cabeceira da mesa fica para o monitor, sempre ficou, vi lá sentado o Rodrigo, o monitor que morreu (com cancro, no início do ano). Mas agora o António sentou-se a meio da mesa, e instou-me a sentar-me na cabeceira, o que acabo por fazer. À minha direita está o Rogério, o ginasta da capela, depois o António, o monitor, depois o Mário e a Nela, grávida, que está cá com o filho e o Óscar, o marido (que se senta na cabeceira da mesa contrária à minha). O filho da Nela senta-se à sua frente, depois, de lá para cá, vem o João Miguel, a Cristina (que chegou a meio da refeição), o José, o Dário e o Luís A. Onde se senta o José poderia estar o Francisco, que também trabalha na cozinha. O Francisco nunca quis falar comigo, ou melhor, nunca quis ficar gravado. O José actualmente faz os cozinhados porque o Francisco está a passar uma temporada em casa.

A mesa do lanche compõe-se de uma cafeteira com leite quente, uma cafeteira de café ou de chicória, um *tupperware* de fiambre fatiado, outro de queijo fatiado, e o pão e a manteiga. Às quatro horas estamos todos sentados em volta da mesa a comer, e os recém-chegados é que comem menos, porque o transtorno que lhes causa a ressaca (mesmo medicados, claro), deixa-os com pouca vontade de comer. De resto, ou porque uns foram tomar banho no tanque, ou porque outros estiveram a jogar à bola no relvado, ou a tratar da horta, ou a correr atrás do miúdo, ou sentados a deixar passar as horas, ou porque é preciso fazer alguma coisa, e comer é uma actividade como qualquer outra, todos comemos, e falamos, durante a refeição, enquanto bebemos o café com leite em canecas inox.

A seguir à refeição levantamos os nossos artefactos de inox, com que estivemos a comer, transportamo-los para a cozinha e cada um passa o seu por água e põe na máquina.

Encaminhamo-nos a pouco e pouco para a pequena sala de estar, onde nos sentamos no sofá: o casal em desintoxicação (Cristina e João Miguel) senta-se no sofá maior, na parede do fundo, e ficam meio lá meio cá, adormecidos. O Dário, talvez porque já é decano na casa, senta-se num sofá só seu, praticamente em cima da televisão e com um ângulo que torna quase impossível olhar para cima e ver as imagens. Algumas das outras pessoas vão lá para fora, o miúdo corre dentro e fora. No sofá comprido lateral sento-me eu, e no pequeno sofá de um lugar ao meu lado, senta-se o José, que me conta que andou pelas sete partidas do mundo. Emigrou, trabalhou no País Basco, nos portos de pesca. O João Miguel, ao lado, começa a contar que também está farto de trabalhar, e que até teve um acidente no outro dia, porque saiu do trabalho tarde - trabalha na hotelaria - e capotou o carro num

semáforo a caminho de casa. O António passa e diz “acidentes, com *ressacados* a conduzir?! É o que mais há para aí!” e de repente perspectivou os excessos de velocidade que se transformam em histórias muito diferentes e bastante mais complicadas – tal como confirma Bagagem (1999, p. 42) quando refere a frequência de acidentes de viação mas a ausência de estudo sobre os mesmos. Com efeito, os acidentes de viação sistematicamente referidos quando se aborda o consumo do álcool, não deveriam começar a ser incluídos no conjunto dos problemas associados ao consumo de substâncias que provocam dano, de uma forma mais ampla (a nível das políticas)?

#### A. Dário: um imigrante em Portugal

Saio a porta porque no momento me parece que a conversa se esgota, e venho até cá fora sentar-me em frente ao pavilhão dos coelhos, onde relembro a primeira entrevista com o Dário, no ano anterior, em cima do andaime.

O Dário instalou um andaime para acabar a pintura da fachada lateral do edifício, e o andaime está relativamente perto da janela do meu quarto. (DC, 9.05)

O Dário chega à comunidade no ano de 2003, dois anos antes desta primeira conversa, e como interno, chega a iniciar a terceira parte do programa, em que trabalha no exterior.

“(...) andava aqui (...) ia para o meu trabalho, saía, vinha cá... pronto, de vez em quando tomava uns copinhos, às vezes com um cheirinho, não sei quê... e depois sentiam... aquele cheirinho, e não sei quê... depois... e... começaram a telefonar [ao director da comunidade], e não sei quê, que eu andava... andava assim... bom,(...) fizeram isso [umas] três ou quatro vezes... até que... pronto, chegaram a uma conclusão... que eu senti-me mesmo perseguido, não sei quê... que tinha que sair(...) eu não me sinto bem aqui... saí. (Dário, C18)

mas regressa, relatando os problemas que o trouxeram até aqui:

“(...) aquela casa [que aluguei] não tinha condições... e aguentámo-nos (...) mas... depois a casa tinha problemas de esgotos... aquilo encheu mesmo (...) com a gente... andava água (...) na casa de banho de cima, e aquilo (...) ia parar à de baixo (...) um dia, entrou lá senhora [e disse que] ou

eu ia arranjar aquilo ou chegou a dizer que eu tinha mesmo, mesmo de sair de lá... e pronto eu fui falar com amigo (...) é traficante (...) a coisa não correu nada [bem]..." (Dário, C1)

Durante algum tempo ainda trabalha,

"(...) trabalhava... não todos os dias, assim seguidos, mas... há dias que eu vou, há dias que não vou... porque eu não gosto de beber na obra... beber... bebo fora de obra... a obra como você sabe é andaime, e não sei quê..." (Dário, C4)

Mas a sequência dos acontecimentos complica-se.

"(...) às vezes o rapaz [amigo traficante] chegava a casa fechava a porta... tinha dois três dias fora... e eu dormia às vezes na rua, ou não sei quê, em casa dos amigos... pronto, também... com álcool também... cheguei a uma situação que tinha de pedir socorro..." (Dário, C3)

Dário pede socorro e entra na comunidade.

"... [entrei na comunidade] há dois meses atrás..." (Dário, C5)

Onde passa a integrar o dia-a-dia, o regime da comunidade.

"(...) aqui dentro... ah, eu faço... acordar de manhã, como ... hoje... de manhã, às oito... e... despertar, limpar a casa... e... depois [de] limpar a casa e cada um faz as actividades que quiser, ou... como eu, estou aqui a pintar, os outros... pode fazer outra coisa...depende... o que é que é mais necessário, fazer... " (Dário, C6)

Que para Dário, no entanto, se condiciona à *vida dos tóxicos e alcoólicos* .

"(...) não é falar mal (...) de nós... da nossa vida de tóxicos, ou de alcoólicos, mas (...) os tóxicos [e] nós os alcoólicos, e estou a meter também a minha parte... é difícil, ... é uma coisa muito difícil (...) trabalham bocadinhos e depois dizem [que] já está cansados... não... depois esperam pelos outros... os outros não fazem eles também não fazem... e é sempre problemas, não é... se um lava a louça, e o outro tem que lavar (...) confusões (...) " (Dário, C13)

Não custa nada:

"(...) não custa nada uma pessoa lavar louça... ou dez ou vinte trinta louças... até é bom para terapia, porque... não está parado, não é... o que eu não gosto é de estar parado... não quero saber se os outros fazem, ou se os outros não fazem... deixam de fazer..." (Dário, C14)

E Dário diz que prefere trabalhar, pois

"... quando estou a trabalhar... estou mais distraído, mais divertido... o tempo passa melhor... o tempo passa, enquanto uma pessoa... sentada, assim, uma hora não passa... depois é bom para o corpo, também..." (Dário, C16).

Para trabalhar, é melhor cá fora.

"(...) gosto de estar mais cá fora... mais cá fora, [lá] dentro... há momentos em que tenho que lá ir... para ver televisão " (Dário, C7); "... bom, sinto-me fechado, sinto-me (...) num mundo, num mundo que não vê, não vejo as coisas... não vejo horizonte..." (Dário, C8)

Dário, como outros, assinala problemas na comunidade.

"(...) o monitor às vezes... uma vez ou outra... [está] num estado de... praticamente embriagado, não é... depois... fica lá em cima, não dá totalmente apoio às... aos utentes, não é..." (Dário, C19; 20) "... depois eu também sou amigo dele, ...não querer divulgar..." (Dário, C21)

Os projectos de Dário, porque

"Uma pessoa na vida tem que ter planos, tem que ter decisões... se ficar só na mesma rotina, na mesma rotina mesmo esquecido... acho que não é..."(Dário, J20)

são voltar a trabalhar, mesmo como interno.

"[O patrão] ... ele está à espera... para eu... aparecer no trabalho, não é... " (Dário, C29; 33)

E visitar o seu País:

"(...)... eu tenho vontade em dar uma visita [ao meu País]... para visitar, só que não consigo...(Dário, C15a),

Onde tem a família,

"(...) tenho os filhos lá em [País], pronto, eu tenho quatro filhos, sou pai de quatro filhos... estão lá, tenho mãe, tenho pai..." (Dário, C15).

Este projecto está, em 2006, muito mais claro.

"(...)... estou a fazer tudo para ir para [País natal] de férias... quando eu tiver já dinheiro, e logo logo... vou no mês de Maio... mês de Maio, pronto, acho que o mês de Maio dá tempo para eu me preparar... vou-me preparar, até Maio, e se tudo correr bem vou..." (Dário, J8; 17), "(...) ao passo que antes se calhar ainda não estou mesmo bem preparado, porque tenho a família, tenho mãe, tenho pai, tenho que levar algum dinheiro, e no caso vou ver quanto é que ia arranjar.... para fazer uma casa lá, talvez como a que os miúdos estão, e pronto para iniciar qualquer trabalho, para deixar qualquer trabalho iniciado... porque ali para o mês de Maio já estou mais preparado..." (Dário, J19)

O mês de Maio é especial, pois é o mês da festa mais importante.

"[Tenho que chegar à minha terra num] dia de festa, ou um dia importante... e pelos planos que eu fiz, até ao mês de Maio é o tempo para eu estar preparado... exacto, tenho tempo para pôr as passagens na mão..."(Dário, J18)

Segundo Dário, os problemas na comunidade, entretanto, mudam (mudou o monitor)

"(...) precisamos de uma escala, (...) por exemplo, "isto não é hora de tomar banho", tem momento de tomar banho, tem momento de tudo, por exemplo o momento de comer temos as horas, não é... mas por exemplo o momento de tomar banho, o momento de ir cada um... tem que distribuir as tarefas a cada um, também não se percebe as tarefas, não tem muito assim... não está muito programado, não está muito estabelecido...e o António [monitor] também às vezes deixa muitas coisas passar, (...) mas não tenho razão de queixa, porque ele é um bom

colega, (... ) e uma pessoa que tem bom coração, e isso junto conta muito, para já e eu gosto muito do António, é meu amigo de há muito tempo, eu ajudo a ele naquilo que for preciso, eu estou do lado dele..."(Dário, J4)

Mas continua a preferir estar sozinho, o que afirma em 2005,

"... sozinho já sei o que eu vou fazer, e deixo de fazer... mas (...) com outra pessoa (...) dou as ideias, depois (...) há sempre uma ideia má... outra ideia bem, depois... a coisa aqui nunca combina... as pessoas não são bem... profissionais, não... outros não têm mesmo... mesmo (...) vontade... de maneira que, para trabalhar, [com] uma pessoa sem vontade... melhor trabalhar sozinho (...) agora chega aqui um... uns dois minutos, depois já vai... deitar, ou vai para casa, ou está lá dentro... não sei quê..." (Dário, C12),

E confirma em 2006...

"Sim, sim, e eu também gosto muito da minha privacidade, compreende, é porque quando estou sozinho... enquanto estou no meio fica-me um bocadinho sem ideias... quer dizer, sem miolos, sem ideias, e... e eles ficam sempre com ideias, (...)" (Dário, J15); "Não é sem conversa, programação, estou a falar da minha vida, a programar a minha vida, e quando eles entram no quarto, eu estou com eles, e não tenho tempo de tratar do que é que distinguir o que é que é com a minha vida, ..." (Dário, J16).

Dário está de novo a trabalhar,

"(...) o trabalho está bom, o meu patrão, dou-me muito bem com ele... já há muito tempo que estou a trabalhar para ele, sempre... e já acabei algumas obras, naquelas onde eu lá estive, o patrão não tem obras definidas só para mim..." (Dário, J13)

E tem um novo objectivo (mais do que um projecto), que parece ligar à saída da comunidade:

"(...) tenho a televisão a preto e branco, mas eu preciso de uma, vou comprar uma... uma televisão como deve ser, nova... uma televisão, uma aparelhagem, coisa assim, e aí começo a juntar as minhas coisas, aquilo que der para comprar e mais dia menos dia posso... já tenho as

minhas coisas organizadas... e já posso meter a cabeça no raciocínio, para pensar isso aqui... pronto, quando eu tiver umas coisas... uma casa, quando me for embora já tenho umas coisas (...)" (Dário, J6).

Dário mantém-se na comunidade até ao fim deste levantamento.

Da primeira vez que chego à comunidade, e apresento o meu trabalho ao grupo, em Junho de 2005, encontro três elementos em processo de desintoxicação, ou seja, a *ressaca*: o João Miguel, a Cristina e a Maria. Quando inicio a recolha individual de informação, a Maria ainda se encontra na comunidade e é uma das entrevistadas, João Miguel e a Cristina haviam chegado juntos:

"Eu conheci-a [à Cristina] em 96... 96, ela trabalhava também no restaurante também, quando eu a conheci... depois desde aí começámos a andar, mais ou menos em 97, em 98 talvez tenha começado a consumir com ela, depois foi sempre a abrir, até... [ri]... até 2006."(João Miguel, H16)

Mas saem antes do início das entrevistas. Assim, em 2005 recolho as entrevistas do Jaime, do Dário, da Maria, do António e do Carlos. Em 2006 volto a falar com o Dário e com o António, o Rogério, o Óscar e a Nela, o Mário, o José, o Luís A e desta feita reencontro o João Miguel e a Cristina, que estão na comunidade há poucos dias:

"(...) quatro dias foi o máximo, tenho a impressão (...) nesta comunidade (...) já noutras não, nas outras (...) estivemos aqui três vezes, já estivemos mais três vezes noutros sítios, são curas de dez dias, e quando entras não podes sair (...) Eu prefiro este [sistema] (...) se pudesse (...) ficava mais tempo de boa vontade (...)" (Cristina, F47)

Espero pelo dia da desintoxicação em que já se encontram fisicamente mais confortáveis, de forma a que possam falar comigo.

## **B. Cristina, estar cá dentro estando lá fora**

Começou a consumir:

"(...) comecei com amigos que não... que fumavam charros, eu não fumava, comecei por fumar o meu primeiro charro sozinha, sem ninguém, e depois foi um caminhar..." (Cristina, F4)

É uma das duas pessoas que entrevisto, que situa historicamente o arranque do consumo.

"(...) foi (...) naquela altura da independência, quando vieram muitos... os *retornados*, começou a haver muitas drogas, muito haxixe, muita erva, foi nessa altura que eu comecei a drogar-me..." (Cristina, F7)

A Cristina consome heroína – mas não só - há cerca de vinte e dois anos:

"(...) consumo intensivo de heroína, digamos que é (...) o que causa mais mal, o que deixa mais sequelas (...) é desde os meus vinte anos, tenho quarenta e dois, foram vinte anos... comecei... comecei a fumar charros (...)" (Cristina, F3).

Nesse tempo faz duas paragens mais longas:

"(...) [Parei por duas vezes] e mais nada, o resto é consumir, trabalhar e consumir..." (Cristina, F10)

Em que, segundo diz, aproveita para alterar a forma como consome:

"[Consumo] A fumar... já houve algum tempo que me injectei, mas depois parei [depois de uma paragem de dois anos e meio], porque achei que não valia a pena, porque comecei a ver que a degradação era muito maior, e... apesar da pedra ser muito maior também... só que acho que... pá, só o acto de me estar a espicaçar a mim própria, acho que me metia um pouco de confusão, e portanto deixei de fazer isso (...)" (Cristina, F13)

"(...) houve uma altura em (...) estive dois anos e meio parada, entretanto, (...) quando recomecei novamente, não voltei a pensar na seringa, pensei que seria mais indicado fumar, e portanto recomecei a fumar..." (Cristina, F14)

Quando conhece o João Miguel , este começa a consumir com ela:

"(...) foi com ela que comecei isso, não é... conheci-a, ela já era tocodependente... eu não... sabia e não sabia, mais ou menos... o problema... ela fumava sempre ao lado comigo, no carro, até um dia... experimentei..." (João Miguel, H23).

A dada altura, vão os dois trabalhar para uma ilha onde, segundo Cristina conta, não há droga. Aí, vêm-se obrigados a *ressacar a frio*, e permanecem sete meses, a trabalhar, sem conseguir comprar nem consumir.

"Encontrámos uns portugueses [na ilha onde estivemos], (..) e eles disseram logo, "eh pá, aqui não, aqui é muito difícil, porque ainda é tudo muito controlado, e só se conheceres muito bem a pessoa, e tem que ser uma pessoa que tenha conhecimentos para entrar com droga dentro da ilha", porque não entrava (...) na ilha..." (Cristina, F21)

A Cristina trabalha num gabinete de contabilidade, onde é das pessoas que ganha mais:

"(...) salarialmente, a tabela é mais baixa [para] Uma pessoa que não tenha o curso... eu por acaso no meu gabinete não tenho esse problema, porque sou uma das pessoas que ganha mais (...), porque fui uma das últimas a entrar. E como fui uma das últimas a entrar, e eles precisavam muito de mim, eu disse a eles... foram eles que me convidaram para eu ir para o gabinete (...) Eu estava a trabalhar, e eu despedi-me de um outro gabinete para ir para aquele gabinete, portanto eu disse-lhes "se vocês quiserem dar *xís*, eu aceito, venho-me embora, e ficamos todos, se vocês não quiserem, eu não venho..." e foi assim, eles concordaram, eles quiseram, e eu ganho mais do que quase todas as pessoas, excepto p'rai duas ou três, (...). Sem elas saberem, porque pagam-me um *xís* por fora, outro *xís*, (...) senão havia confusão...portanto eu no recibo recebo um *xís*, no banco depositam-me um *ypsilon*." (Cristina, F11)

No entanto, não lhe é suficiente para possuir tudo o que quer,

"Eu acho (...) que o que leva o tocodependente a curar-se, normalmente, é a parte económica... penso que... pouca gente deve falar nisso, mas acho que resume-se quase sempre a isso... penso que seja isso..." (João Miguel, H2)

Consegue conciliar o trabalho com o consumo – ou o consumo com o trabalho:

“Consumo antes de ir trabalhar, e antes do João Miguel ir trabalhar, é quando nós consumimos, ou quando podemos nos encontrar, (...), porque de resto ou é de manhã, ou à hora do almoço, ou ao fim da tarde, e à noite, quando ele chega (...). [Chego a consumir] Quatro vezes por dia (...)” (Cristina, F12)

“(...) eu saio do trabalho ao meio dia e meia, entro às duas da tarde... do meio dia e meia às duas da tarde eu vou à Cova da Moura, compro, consumo, ainda vou comer uma sopa ao café...” (Cristina, F31a)

Apesar de trabalhar e consumir, consumir e trabalhar, pressente uma ruptura:

“Tenho dívidas, (...) que consigo ir pagando (...) até que há-de chegar um dia em que, se continuar na minha situação, (...) há-de haver uma ruptura...espero que não aconteça isso, não é (...) eu tenho que parar...”(Cristina, F49)

Na primeira vez que vem para a comunidade, vem na sequência de serem apanhados a comprar:

“[Da primeira vez] Vim aqui ter à comunidade porque, num dos bairros de consumo, fomos apanhados pela polícia, tivemos uma multa, e (...) houve uma pessoa que trabalhou com o [director da comunidade], que nos encaminhou para irmos para o Centro. Falámos com o [director da comunidade], abriu-nos as portas para nós irmos [eu e o João Miguel] e nós viemos...” (Cristina, F1)

Vem normalmente nas férias, juntamente com o João Miguel, embora tenham já vindo, cada um, separadamente.

“Tenho vindo quase sempre nas férias, só uma vez é que pus baixa... acho que a primeira vez... a primeira vez que vim para aqui foi em Julho, que pus baixa, exactamente... eu normalmente tenho férias só quinze dias de Agosto, (...) a partir de Janeiro, temos férias outra vez, mais quinze dias, é a parte de Inverno... nós dois conciliamos com... com as férias [de Verão]...” (João Miguel, H13; 24)

"(...) parámos sempre os dois (...) um poder parar e o outro não... não pode ser, então (...) como é que está um parado e o outro ao lado a dar (...)" (Cristina, F37)

Assim, vem para a comunidade com o João Miguel, agora,

"Porque estou de férias, e queria-me (...), pura e simplesmente deixar de me drogar, (...) porque cada vez eu tenho menos (...) cada vez as coisas são mais caras, cada vez há menos dinheiro, (...) cada vez tenho mais dívidas, (...)" (Cristina, F28a)

A comunidade tem um espaço agradável, mas:

"Acho um espaço agradável, bonito, podia ser mais aproveitado, podia ser mais bem cuidado, mas se calhar não há mais, paciência..." (Cristina, F40)

Porque é que não fica mais tempo na comunidade? Pelos mesmos motivos que a trazem à comunidade, tal como confirma João Miguel. Embora não consuma tudo o que pode,

"O que é que já perdi!... Já podia ter tanta coisa! Já podia ter a minha casa paga, já podia ter um bruto Mercedes (...), uma casa no Algarve (...) ou no Norte, (...) desde os meus dezasseis anos que eu trabalho, por isso, veja bem o que é que eu já não perdi... não tenho nada, só tenho uma casa (...) nem está toda paga (...)" (Cristina, F50)

Consegue manter o consumo.

"Não dá porque olhe, quem é que vai trabalhar por mim? Ninguém. Quem é que me vai pagar a casa, ninguém. Portanto, vou ter mesmo que ir trabalhar, Porque senão não vou ter dinheiro para pagar as minhas coisas, (...) "ah se calhar mais valia não trabalhar, do que ir lá dar na droga...", eh pá mas o que é certo é que eu continuo a dar na droga e continuo a ter as minhas coisas, não é..."(Cristina, F48)

"Tenho que trabalhar, para pagar as despesas que temos... as casas...(...) Tem sido sempre trabalho... sempre no mesmo sítio... e ela também, graças a Deus..." (João Miguel, H15)

Mas também porque, embora o núcleo familiar saiba que consome,

“[Quem sabe que eu consumo]: Sabe a minha mãe, sabe o meu filho, sabe a minha irmã, o meu pai, a seguir há mais pessoas que me conhecem... devem saber...”(Cristina, F24; 51); “(...) não sabem do João Miguel, (...) bem se o meu filho soubesse do João Miguel, ia ser um [problema]” (Cristina, F52)

O João Miguel não quer dar a conhecer que consome, no local onde trabalham.

“(..) no nosso caso é complicado porque nós trabalhamos... normalmente não temos baixa... nós estamos de férias, agora, aproveitámos para vir... o [director da comunidade] até nos deu baixa, a mim, mas eu não quis a baixa... mas é complicado (...) Vou ficar até... até dia trinta, dia um tenho que ir trabalhar... a baixa é só durante os meses, doze dias... que era para depois poder ter as férias outra vez (...) Preferi não por a baixa... não, ninguém tem que saber que eu estou doente...” (João Miguel, H10)

O projecto de Cristina passa por encontrar uma ilha parecida com aquela onde esteve, e onde a droga não entra.

“[O meu objectivo](...) é eu sair daqui, manter-me limpa até ao final do ano, e arrancar para os Açores (...) nos Açores também não me vou *safar*, por isso... não há lá droga (...) Em Santa Maria, não há...” (Cristina, F30; 30a).

Mas.

“(..) agora imagine, eu sair daqui, no dia trinta, chego no dia trinta, vou trabalhar no dia trinta e um, deste mês, dia trinta quando for ao banco já lá tenho o meu ordenado, não é? E... o que é que me vai apetecer fazer? ...(Cristina, F32).

Os dois mantêm a previsão de saída para dia 30, quando abandono a comunidade, no dia 25 de Agosto.



## 7. Uma *ilha no meio da paranóia*



As categorias propostas para a análise de discurso são inferidas, a partir da coerência dos pontos comuns, do testemunho das pessoas entrevistadas.

As dimensões levantadas são oito, e as categorias encontram-se sublinhadas.

### 7.1. O corpo

Os momentos que antecedem o internamento na comunidade podem ser momentos de exclusão extrema, ou de sofrimento físico extremo, em que uma situação de limite, origina a necessidade de cruzar o percurso de consumo com o percurso institucional da pessoa. O corpo constitui-se na memória como objecto e cifra (Foucault, 1975, p. 160), como recurso manipulável para a apropriação por uma representação que o converte no motivo acessório deste cruzamento entre percursos.

As crises e acontecimentos simultâneos ao consumo denunciam uma objectificação das crises a benefício da escolha:

“[Estou] Com melhor aspecto, quando entrei aqui parecia uma caveira... estava muito magrinho... o médico disse-me logo “Hum, não deves aguentar muito tempo”, depois tinha problemas do pulmão... do peito, já não comia nada... só bebia líquidos, água, água (...) tive um quisto de um pulmão... e isto começou a infectar tudo... estava tudo infectado, garganta, tudo... (Mário, L41); “(...) foi aqui dentro é que eu soube que tinha aqueles problemas... do pulmão... mas têm-me ajudado muito, aqui...”(Mário, L42)

A centralidade da ressaca, reposiciona esta objectificação, agora metodológica e expressiva do cruzamento de percursos dos indivíduos, um percurso institucional e um percurso de consumo. A ressaca é uma antevisão permanente, à medida que o percurso de consumo avança torna-se perceptível e estabelece a sua centralidade.

“(...) eu não me tinha apercebido que era falta de heroína, que o organismo estava a sentir, pensava que era gripe, estava com os sintomas, são parecidos, são idênticos, é o pinga no nariz, é os arrepios, espirros, essa coisa toda, as dores no corpo, o mal estar geral, pronto, é uma coisa que... porque é esquisita, mesmo, e pensava que era gripe, mas não era...” (Rogério, Q8)

Por ser um dos elementos que cruza o percurso de consumo com o percurso institucional, parece ser um elemento de controlo. Como tal, associa-se à transição e a uma certa intocabilidade, uma vez que não só os elementos em desintoxicação não são incluídos nas rotinas, como não se prevê a sua inclusão nessas mesmas rotinas. Esta transição é também uma conversão, uma vez que a ressaca resulta não de uma re-poluição, mas antes da passagem de um estado de caos para um estado de pureza. Com efeito, retirando das ideias de impureza quer a patogenia, quer a higiene, restará a noção de qualquer coisa deslocada do seu contexto (Douglas, s.d., p. 50)

“(...) desde a última vez que você cá esteve eu estava aqui para aí há um mês (...) nem tanto. Se calhar era naquela altura em que a cabeça estava ainda cheia de confusão... só se sente é confusão, não se sente mais nada... a partir daí o tempo já passa, as ideias vão começando a ficar mais claras, torna-se... torna-se mais fácil, mesmo a forma como se sente o dia a dia, não tem nada a ver (...)” (António, P1)

O tempo da recaída, pelo contrário, é a contradição do sistema, donde se associa a expressões de choque e anomalia, à ambiguidade (Douglas, s.d., p.50) contrariada por uma delimitação nítida no tempo, uma clara marcação do limite que aparenta um reencontro com o presente (Augé, 2001, p. 77-78).

“(...) é o pouco tempo é que nos faz voltar à vida que levamos... a pessoa sai muito debilitada, aquilo é um choque muito grande (...)” (João Miguel, H11a)

Quando analisadas as situações directamente associadas ao consumo, ganha relevo o contacto com o perigo, tem implícita uma carga simbólica: a impureza resume um conjunto de elementos distantes da ordem do sistema (Douglas, s.d., p. 16-50). A associação do consumo ao corpo produz em regra a expressão de sensações de impureza e contágio, castigo, punição, descontrolo, sofrimento e aproximação da morte. A proximidade do consumo exige compreensão, e a separação entre *junkies* (os consumidores das drogas ditas duras) e os consumidores de ecstasy não é clara, antes pelo contrário nos percursos de consumo os grupos cruzam-se – não sabemos se os consumos se cruzam.

“(…)… cheguei aqui com perto de quarenta quilos, eu não comia nada (…) eu não me conseguia assentar… eu doía-me o rabo… só tinha ossos, não tinha nada… rigorosamente nada… eu digo quarenta quilos, porque… prontos, na volta se eu me fosse a pesar ainda pesava menos… ”  
(Maria, E32)

Não ter nada é não ter nada é não ter nenhum capital materializável a benefício? Mas então a única conversão possível é a institucional, aquela que é feita recorrendo à exclusão do espaço (Bourdieu, 2001, p. 7), para um espaço distinto, circunscrito e esperado.

A noção de estigma reproduz fielmente a desqualificação social apropriada fisicamente, as abominações de corpo e de carácter (Goffman, 1981, p. 9-10) implícitas na questão da aceitação ou da rejeição.

“(…) se olhar para mim não diz que eu sou toxicodependente?(…) Fica a saber que é uma das minhas paranóias, o João Miguel também já diz que às vezes que é paranóia minha, e eu acho que não é, eu acho que às vezes as pessoas identificam que as pessoas são toxicodependentes, ou que são adictas de alguma coisa…” (Cristina, F26)

## 7.2. A auto-imagem

A reconstrução de uma imagem para o outro selecciona, e distorce, de forma a fazer surgir um produto de uso corrente, uma imagem do *self* de acordo com valores básicos, uma *apologia* do agente (Goffman, 1974, p. 139-140). Mas, para que tal se concretize, deve existir um acordo tácito entre os actores e a audiência (Goffman, 1993, p. 279).

As paragens reconstroem momentos ideais em que o discurso se cola perfeitamente a estereótipos de bem-estar socialmente aceites, a contextos idílicos (e que reforçam a ideia de responsabilidade do contexto). A paragem ou a sua impossibilidade resultam de vencer ou não uma luta ou, paradoxalmente de um afastamento gradual. Há uma história de paragens, uma contabilidade de paragens. A paragem faz parte da gestão do percurso de consumo, é instrumental, e esta gestão não é feita só pelo consumidor, mas também pelos que o rodeiam e dependem dessa imagem.

“... têm um emprego, pronto, vão pagando, vão andando com aquele dinheiro a comprar a droga que faz falta, e têm mil e uma desculpas... e depois é assim, apanham um período de férias, uma semana ou duas que têm de férias... “vou... vou-me tratar” (...) eu já fiz isso tanta vez também! (...) tudo bem, estás aqui uns dias, vais para casa, se tiveres lá em casa alguém que te controle, de uma certa forma, com um antagónico, com uma coisa do género, andas ali... três ou quatro meses... depois comesças a inventar desculpas... “ah, já estou bom, não preciso do antagónico” e tal (...) é uma forma de regressar para ao pé da família, “ah agora desta é que é”, quem já não lhe dava dinheiro já vai começar a dar outra vez, vão dar para um maço de tabaquito, já ajuda, uma pessoa que tenha quinze ou vinte euros para gastar, se não tiver que comprar tabaco, se só tiver que comprar a dose, meter-se no carro...” (António, P17).

Este enunciado da gestão de uma carreira apela à noção da redução de perdas e danos, mas a de James Scott. As estratégias de ponderação dos cuidados inerentes ao registo escondido (Scott, 1985, p. 286) são um recurso de ganhos não no sentido do protesto mas certamente no sentido da evitação da perturbação, implicando um agir tácito que traduz símbolos e subverte os pressupostos hegemónicos (Bellamy, 1994, p. 33) do bem-estar e cura, reconhecidos pelas instituições sociais reconhecendo-se a cultura de resistência (Fernandes & Neves, 2002) mas também um percurso identitário que gere uma identidade-reflexo (Pais, 2001). A este propósito ocorrem os aspectos materiais, e a perspectiva situacional implícita de normalidade e regularidade (Goffman, 1975, p.8). Os problemas financeiros são comuns, ou são traduzidos como comuns, o que parece fazer parte de uma estereotipia dos problemas. O rendimento dos consumidores e a sua motivação em função de rendimento não acontecem exclusivamente na perspectiva do consumo, mas na perspectiva comum da melhoria de vida. A noção de perda acontece em função de paralelos de consumo, ou seja, se não consumisse isto poderia estar a consumir aquilo, o que significa que está implícito um pressuposto de consumo em sentido lato, muito antes da noção técnica de consumo de drogas se instalar. A economia de vida e de percurso inclui aspectos geográficos e a instrumentalização da comunidade como parte da gestão do percurso de consumo. A comunidade é um recurso no contexto da economia dos consumos.

“(...) [eu] era mesmo verdinho naquilo... o dinheiro não faltava... droga também não...” (António, D7)

No discurso sobre o próprio, torna-se possível relacionar a pluralidade interna de disposições com os quadros de referência situacionais. Veja-se por exemplo Lahire quando refere a posição do agente em função de diversos princípios de coerência, (Lahire, 2005, p. 32), ou a referência a expectativas de palco e bastidores de Goffman, que ainda se submete a ajustes e ganhos secundários (Goffman, [1961] 1974, p. 247), uma reacção ao panóptico ou melhor, aos mecanismos de poder que visam controlar ou modificar o anormal (Foucault, p. 232-233). Quando referem os ideais, as pessoas já não falam na ressaca, mas no consumo, ou seja, estão a falar não do centro das suas preocupações mas, idealmente, do centro das minhas preocupações; o princípio de coerência muda, portanto.

“(...) não nos podemos refugiar na droga... quando nos passam estes problemas, a última coisa que podemos fazer é refugiar na droga...refugiar na droga não nos ajuda a nada... ajuda naquele momento, mas... logo no outro dia te levantas, e tens o mesmo problema...” (Óscar, N35)

“(...) aquela pessoa, aquela pessoa que a gente tinha perdido há... mais atrás, vai começando a vir ao de cima, e isso sente-se, à medida que vamos fazendo retrospectivas, vai aparecendo, muita vez...” (António, P2)

Perder a pessoa e ganhar a pessoa através de retrospectivas pode, muito simplesmente, querer dizer que se reganha pressupostos do *habitus* (perdido, transtornado?), “reganhar a face” (Lechner, 2006, p. 101) ou a tentativa de retorno às referências da memória colectiva dos grupos de pertença – referências hegemónicas, de certa forma.

As razões de entrada na comunidade seguem estes pressupostos também, pois falam de separar, afastar de, recorrer às redes sociais, encarar momentos de crise ou catástrofe e associar a eles a decisão, alternativas perante o descontrolo, iminência da morte.

“A gente morava no B.[local]... agora vim morar aqui para a minha tia, para o meu tio, têm-me ajudado, mas desta vez vim mesmo fazer a cura porque já estava quase no fim... foi por esse motivo... se não me tratasse agora, já não havia nada a fazer...”(Mário, L5)

Os papéis na comunidade assumem relevo pela proximidade ao monitor e pela autonomia que o protagonista consegue demonstrar na gestão da sua estadia e do que faz todos os dias, nomeadamente do seu tempo (Goody, 1977, p. 336). Enuncia-se um discurso de poder e distinção que põe em causa a inteligibilidade do agente, independente de uma unificação do eu (Bourdieu, 2001, p. 55), por uma espécie de inconstância diacrónica que induz o recomeço.

“(...) então actualmente sou a pessoa abaixo do Rodrigo, (...) ele é o monitor, é responsável por isto, e eu tento ajudar noutras situações, em que ele não pode estar presente (...) gerir a casa, e gerir o ambiente da casa...” (Jaime, B14).

A saída da comunidade não é bem vista, é um elemento de percurso negativo e que se tenta constituir como inevitável, embora não mencionado. O tempo de permanência nunca é visto como suficiente, pelos que ficam. A permanência é programada, mas a saída não.

“(...) já estive para ir-me embora, mas o António [monitor] disse-me logo “vais para a rua, vais-te desgraçar...”(Mário, L28)

### 7.3. A carreira moral

Não se associa neste contexto às práticas destrutivas, mas à noção associada ao percurso dentro da instituição total de Goffman, e que implica um conceito cêntrico de pré-paciente, paciente e pós-paciente. Como o Autor diria, sobre o pós-paciente só temos os projectos, mas o trabalho não fala disso...Goffman acentua a noção de poluição total (à maneira de Douglas) no período prévio ao internamento (Goffman, 1974, p. 123-124), já aqui referida, e que podemos associar à manutenção de categorias com uma carga simbólica elevada, como a inevitabilidade do consumo, mas contrariada por uma expectativa inicial na história de consumo que induz normalmente o contrário. A caracterização dos toxicodependentes e dos alcoólicos recorre ao predomínio simbólico referido por Valentim (2000, p. 1007) mas também à noção de transgressão tal como ela é expressa em função dos pressupostos morais implícitos a uma noção de não-fazer, não-ser, que parece negar inclusivamente os pressupostos de vida conseguida, realizada, a que Ferry faz referência (2002, p. 62-65).

"(...) um alcoólico é um indivíduo.... eu já fui, já pude ultrapassa[ssar]... cheguei mesmo ao limite, um alcoólico é uma pessoa que fica mesmo dependente do álcool, não... não faz nada, rigorosamente nada, nem com ele, nem com os outros, nada... só... só bebe álcool, não é... não vê mais nada..." (Carlos, A11)

Trabalhar e consumir, é possível? Sim, implica no entanto baixas, precauções por causa do risco, implica atrasos, implica adaptar o consumo ao horário de trabalho, e conciliar o circuito do trabalho com o do consumo. Implica arriscar para recompor o tempo, esconder, sentir cansaço e desistir, implica ter bom ar, ou sujeitar-se ao trabalho que houver, e trabalhar bem se houver droga disponível e constante; o trabalho pode ser a referência para o consumo, no sentido em que este é feito nos intervalos; os padrões sabem e acompanham os percursos de consumo, e os grupos de trabalho misturam-se com os grupos de consumo – há cruzamento de papéis. A relação linear entre droga e crime posta em causa por Brochu & Parent (1999), mas algo confirmada através de uma triangulação com os estilos de vida desviantes, proposta por Agra (2002), coloca-se como uma opção num repertório de alternativas não tanto de estilos de vida, supõem-se, mas de episódios de vida, uma vez considerado o decurso desta carreira moral como um conjunto episódico de situações em que o percurso de consumo se cruza com o percurso institucional, tal como Dhunpath propõe (2000, p. 544).

"(...) eu a maior parte das vezes ia para os mercados, e pronto, andava tipo aos recados, as pessoas me pediam para acarretar [sacos] (...) eu ia para o mercado do Campo Grande, e aí era onde eu a maior parte das vezes arranjava o dinheiro para [comprar droga] (...)" (José, G14b)

No que respeita às experiências em ambulatório, alguns dos pressupostos das instituições parecem não coincidir com o esperado – geograficamente, instalar um CAT num contexto de consumo pode ser esperado para chamar os consumidores, mas não é o que estes esperam para se manterem afastados do consumo.

É curioso que o tempo de permanência na comunidade, se conte muito exactamente, de forma algo mais precisa que o enunciado do historial de consumo ou, ainda mais notório, as temporalidades associadas às recaídas.

"[Estamos cá] ... há um mês e uma semana e um dia..." (Óscar, N33)

“(...) sei que dei por mim e já estava a consumir, já estava outra vez a rressacar (...) eu sei que saímos um fim de semana e a partir dai não me lembro de mais nada... amigos que não conhecia, amigos novos, mas sacaram daquilo no momento, ali na mesa, e começamos a consumir... e quando eu já quis coiso... já me vi com ela, já... agarrado, já a rressacar... já tinha consumido duas ou três vezes, lá com o meu amigo do trabalho, mas quando saímos o fim de semana, eram gente... que nem sabíamos que fumavam... e apareceu isso na mesa e...”(Óscar, N36)

O percurso de consumo realça, por um lado, a referência das temporalidades hiper-quotidianas (Vasconcelos, 2003) para os consumidores cuja imersão (por assim dizer) é mais recente, e a noção de territórios psicotrópicos referida por Fernandes (1998). O contar da vida difere, pois os entrevistados Cristina e João Miguel contam a sua como uma vida de consumo com algumas paragens, os outros contam a vida como uma sequência alternada de consumos e paragens sucessivas – aparentando pontos de referência diferentes. Neste contar da vida, os dois entrevistados referidos são os que exprimem de forma mais clara a temporalidade *circadiana* do consumo, intercalado com o trabalho. Os outros narram uma história de um tempo mais longo, associada a pressupostos que deveriam fazer recurso da memória colectiva, o que pode induzir senão erro, pelo menos informações incompletas ou imprecisas, associadas a tempos vazios (Halbwachs, 1968, p. 37). Porquê? Estão afastados do grupo. A alusão aos territórios psicotrópicos associa normalmente as entidades ao circuito de consumo mas também a contextos de dádiva, partilha, amizade, o que parece deixar transparecer o impacto do consumo por acompanhamento sobre estes territórios.

A perspectiva histórica faz-se de inícios, de recaídas, de anos e meses, de resoluções, de agora; a perspectiva dos que consomem (ou no caso fazem uma paragem curta) é a do ritmo diário.

“(...) eu tenho quarenta e oito [anos] (...) [comecei a consumir] já um pouco tarde, tinha p'rai trinta anos, ou p'rai trinta e um anos...” (José, G16)

“(...) já lá vão dez anos (...) comecei [a consumir] aos vinte e nove... quase dez anos (...) tenho trinta e (...) oito anos (...)” (João Miguel, H5)

"(...) eu conheci-o numa comunidade, estávamos numa comunidade, estávamos na [nome da comunidade] mas fomo-nos embora, saímos (...), e fizemos a nossa vida num apartamento em P.[cidade], num apartamento... já estávamos a viver juntos e sozinhos há um ano... nós viemos para aqui por isso... e aqui depois foi isso, voltamos a recair, a metermo-nos outra vez... com problemas de droga (...)" (Nela, M7)

O percurso institucional também é longo, e faz-se paralelamente ao outro...as regras das instituições são comparadas, e cada consumidor é também um consumidor de instituições.

Uma parte das instituições associa-se, ao longo do tempo, às instituições sociais (trabalho, família).

"(...) começa ele [o meu irmão] a querer sair... e eu a saber-me bem não queria, ainda andei assim mais outro ano, dois anos... até que ao fim de dois anos (...) fizemos uma cura (...) estivemos aqui [nesta comunidade]... os dois juntos..." (António, D9)

As expectativas dos agentes (objectivos, planos, ideais) prendem-se, com estereótipos socialmente incontornáveis e alguns potencialmente inatingíveis. Nalguns casos o percurso institucional é tão marcante que condiciona e enquadra os objectivos e planos. Como refere Bourdieu (2001, p. 13), estes agentes esperam ser engolidos – ou melhor, englobados - pelo espaço social como um ponto, um ponto de vista de preferência coincidente com outros pontos de vista, isto é, compatível com a perspectiva que adoptam desse mesmo espaço. Mesmo aqueles que esperam vir a consumir de novo.

"(...) a minha ideia é ficar aqui um ano e meio, se pudesse mais, juntar um dinheirito e recuperar o que perdi... e começar outra vez de novo... nunca é tarde para começar (...) [tenho] Vinte e nove [anos]..."(Óscar, N39)

#### **7.4. A dimensão dos quadros de referência**

Quais são os quadros de referência perceptíveis, os estereótipos dominantes? "A acção pode ser coerciva, mas um espectáculo coercivo de um sentimento... é apenas um espectáculo." (Goffman, 1974, p. 108). A dúvida se assistimos apenas a um espectáculo deriva duma espécie de dúvida metódica, da noção que as inferências sobre os indivíduos são adquiridas através de pressupostos de

estereotipia (Goffman, 1993, p. 13). Foram colocadas em jogo, assim, as seguintes categorias: a família, a família e o consumo, o controle e o trabalho. A família omite mas não é omitida, está muito presente no discurso. É acompanhada de forma sistemática, embora sob uma perspectiva mais histórica do que *circadeana*, de novo. Associa-se à presença na comunidade, à manutenção na comunidade, ao início do consumo:

“[O meu irmão e eu] fomos aconselhados, para bem dos dois, por causa... das cumplicidades... a afastarmo-nos um bocadinho...”Eh pá (...) inventem uma forma... afastem-se...”, coisa que a gente nunca fez. Nunca fizemos porque estávamos tão convictos, que... eh pá que não ia tocar mais naquilo, aquilo para mim já tinha... já tinha bastado... chegou...” (António, D11)

Ou as consequências sociais do consumo,

“Tenho três [filhos] num colégio, tenho outro no Porto, em casa da minha tia, por opção, porque ia para um colégio também... só que esse (...) queriam-no adoptar... mesmo (...) estava complicado... e tenho o mais novinho comigo... tem cinco [anos]... está comigo, porque eu neste momento encontro-me aqui (...). Porque assim que eu meter o pé em ramo verde... tiram-me logo o menino também...” (Maria, E3)

E também à manutenção da subsistência do indivíduo, à institucionalização como um processo englobante, ou ao distanciamento de estilo que caracteriza uma a-posição ao *habitus* (Bourdieu, 2001, p. 9)

A noção de controle é idílica, por assim dizer, é certamente ideal e sobreposta à definição de fronteiras rígidas e limites distantes – é um mito?

“(...) [Na ilha onde estive] não havia [droga], não havia um pobre, eu não vi um pobre, sabe o que é que é? Eu não vi uma pessoa a pedir... na rua, não vi um papel nem um cigarro no chão, era de uma organização completa, não havia, não havia drogas (...)” (Cristina, F19)

Tal como a prisão, este terreiro ideal é uma instituição completa e austera, exaustiva (Foucault, 1975, p. 273) na exclusão de todas as formas de poluição.

O trabalho e o regime da comunidade caracterizam-se por ser duas categorias complementares, mas com funções participatórias diversas: o trabalho é visto como indispensável e componente da vida do dia-a-dia – eventualmente, as pessoas mais próximas do momento de exclusão extrema (num passado recente) são as que falam do trabalho de forma mais distante. O trabalho ocorre também como categoria da componente institucional, isto é, é tudo o que se faz que ultrapassa as tarefas e ocupa o tempo livre, tal como ele é delimitado nos horários e através do regime da comunidade. O trabalho assume assim uma dupla importância, externa e interna à instituição, na autonomização do agente bem como na sua colocação e deslocação no espaço social (Bourdieu, 2001, p. 58), constituindo-se em si mesmo como um capital simbólico.

### 7.5. A instituição total

Como vimos, o regime na comunidade, cruza-se com a categoria trabalho, mas responde a pressupostos de organização social diversos, relacionados com a organização do tempo e da coabitação (Brito, 1990), embora recupere neste caso a noção de uma sequência de tarefas que procura não deixar à solta a imaginação desregrada (Foucault, 1975, p. 279).

“(…) isto tem as suas regras, (…) já estou habituado, (…) o outro era tão restrito que (…) não podias fumar, não podias beber, (…) aqui pode-se fumar, embora também não se possa beber… tem as suas regras, mas dentro das regras não é uma coisa tão restrita como aquela… (Óscar, N9)

O monitor e a sua comunidade, são elementos centrais, no sentido em que organizam a perspectiva e o controlo social entre os membros da *communitas* (Turner, 1989, p. 132), tal como exprimem quer o José, quer o António, como monitor.

“(…) uma ideia que eu até dei ao António, porque o António ainda não estava assim muito… não tinha muita experiência de estar a lidar assim com os utentes (…)” (José, 27)

“(…) na altura do Rodrigo eu bastantes vezes tinha chocolates e essas coisas, a minha família vinha cá todas as semanas, traziam-me sempre montes de chocolates, eu metade partilhava com todos, e a outra metade guardava para mim (risos) (…) O que é certo é que a metade que

guardava para mim, nem metade da metade eu comia (risos) (...) Acabava tudo por desaparecer (risos)...ah... pronto... hoje em dia, até se estragam lá na gaveta... e toda a gente sabe que lá tenho... “vai lá e tira, come”...” (António como monitor, P15)

Na definição de resistência, Scott deixa transparecer a fluidez do conceito, recorrendo a uma definição lata que compreende à partida a necessidade de lidar com significados, intencionalidade mas também consequências (Scott, 1985, p. 295). No entanto, o Autor defende a inclusão daquilo a que chama actos de auto-indulgência no conjunto das estratégias de resistência, sob o nome de registo escondido. A questão que se põe, então, é esta: que limites se colocam às resistências e o registo escondido, podemos encontrá-los na comunidade? Acredito que sim, pois tal como afirma Machado Pais, no quotidiano “encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria ruptura.” (Pais, 2002, p. 30). Mais, algumas manifestações transparecem no discurso:

“(...) fazer a mesma coisa que faz lá fora mas fazê-lo aqui de outra maneira... há sempre uma maneira...” (Jaime, B21)

Fugir ao trabalho (que ao caso, completa o regime da comunidade) dizer que sim, fazer que não:

“Por um lado são bons, há aí dois ou três que são bons... agora o resto (...) “Fogem”[no sentido de não trabalharem] de vez em quando! Ou estão doentes, ou estão isto, ou estão aquilo... a pessoa já está habituada a isto... eu já estou... ao principio eles marcavam sempre quem fazia as limpezas, agora não... agora deixam estar, cada um que faça a sua...”(Mário, L15); “[Eu dantes fazia o trabalho de outros] levantava-me cedo, limpava os quartos...” (Mário, L16)

Ultrapassar a escala, não a cumprir:

“(...) há falta de organização... há falta de organização, as pessoas às vezes... não tem uma escala... não fazem as coisas com as pessoas que está lá... isso também prejudica muito... e depois, se tivesse cada um que fazer com escala, com... por exemplo coisas programadas, não tem uma programação certa...” (Dário, J3)

Expressar o não, virar a mesa:

"[a rotina diária da comunidade] não é difícil, mas... por vezes leva (...) a certos sentimentos... pelo menos a mim leva... leva-me a... a questões, leva-me a... às vezes a virar a mesa, e... lá está... uma ajuda que a gente realmente precisa... tenho... tenho estes momentos, mas depois tento ter a capacidade de dar a volta a isso..." (Jaime, B20)

O santuário – o que dizer, sobre uma instituição total em que o fechamento voluntário se projecta para o exterior. Na realidade, os limites face ao exterior (Goffman, 1974, p. 15) não são ultrapassados logo que a entidade se desloca para fora, e protagoniza essa exterioridade?

"É...às vezes peço ao António [monitor] para ir comigo lá à minha mãe..." (Mário, L39); "Então, pois... se a gente não tem confiança na gente mesmo, tem que pedir a alguém que vá com a gente... e eles não levam a mal..." (Mário, L40); "(...) não tenho é confiança em ir para fora, não é... para a rua, andar sozinho, isto é como tudo..."(Mário, L43)

## 7.6. Palcos e comunicação

Questiona-se que desempenho se protagoniza, quais as máscaras, uma vez que "(...) a maior parte das acções humanas tem por princípio uma coisa completamente diferente da intenção, (...) disposições adquiridas (...)" (Cohen, 1996, p. 126). Existe, ocorre uma divisão entre a zona de ensaio e a zona de fachada, onde se procede ao desempenho (Goffman, 1993, p. 279), quer se implique uma mudança de cenários e a expressão da identidade pessoal (Goffman, 1975, p. 573), olhando para as causas (na comunidade) do regresso à comunidade,

"Aqui é mais sossegado, e a gente prontos... não estamos aí ao pé das pessoas...dos amigos, mas não são amigos (...)" (Mário, L19)

Procurando a distância da família à comunidade,

"o G. [filho] (...) não sei se ele tem vergonha de... de eu ser bêbedo... de eu gostar de beber, não sei se é isso (...) mas..., deve ser (...) também não percebo porquê... (...) em relação à minha filha... a C.... tem 22 anos, (...) é... raro telefonar-me, veio cá duas vezes... não, uma... "ai gosto

muito de si, e tal, veja lá o que é que faz..". ia dizer-lhe "está bom", e desliguei o telefone..." (Carlos, A16; 17)

A comunicação entre os agentes, na *communitas*, recorrendo a um pressuposto interaccionista que faz equivaler comunicação a comportamento a interação: nós e os outros (comunicação na comunidade), que facilmente se mistura com a categoria de nós e os outros (conflitos, antagonismos).

"(...) a conversa deles, o tema deles de conversa é sempre a mesma, a droga é aquela conversa... vão ao fim do mundo, vão aqui, vão ali, às Marianas, vão aqui, vão ali (...)" (Carlos, A6).

"(...) no Natal, a minha mãe faleceu... e... então a minha família não me disse nada, eu estava aqui... passei cá o Natal, passei o fim do ano, e não havia meio de me dizerem, ninguém me dizia nada, e eu tanto chateava o Rodrigo [monitor], "eh pá, deixa-me telefonar para casa, quero saber como é que está a minha mãe, os meus filhos, eh pá"... "oh pá hoje não telefonas, não podes telefonar", depois... ah... começou-me aquilo a... moer, "eh pá, não me deixas telefonar porquê?" ... tanto o massacrei, que ele... "eh pá, deixa-me telefonar, pá"... "está bem", ele já sabia..." (Carlos, A13)

Na *communitas*, "(...) os agentes distribuem-se segundo o volume global do capital, (...) segundo a estrutura desse capital; (...) segundo a evolução no tempo do volume e da estrutura do seu capital." (Bourdieu, 2001, p. 16). Mas é nítida a consciência de que o indivíduo passa informações falsas quer através do que transmite (símbolos) quer através do que emite (expressões). (Goffman, 1993, p. 12-13).

"(...) uma pessoa vem habituada a... a certos tipos de hábitos... e de manhas, e de mentiras... e de encobrimentos, e de manipulações... [as pessoas quando chegam à comunidade] vêm com... vêm com esse jogo todo... e já de anos nisso..." (Jaime, B18)

E os que saem? Sair é interdito, a não ser para ficar... trabalhando.

"(...) não entendo, não entendo... [aquela que entrou] já está naquela de que quer-se ir embora sexta-feira, quer dizer, veio para cá domingo, sexta feira já... dois dias, só... já se sente melhor, já.... já está, quer-se ir embora..." (Carlos, A8)

### O trabalho lá fora (enquanto interno).

"(...) estive seis meses parado, seis meses no tempo do Rodrigo, e também afectou-me muito porque agora posso contar, o meu documento caducou e o meu patrão não queria renovar-me porque não está a fazer descontos..." (Dário, J7)

### **7.7. O tempo social**

O tempo social é a forma de impor o pensamento hegemónico, logo a mera existência de diferença na vivência do tempo indicia a revolta face à hegemonia... e o trabalho é o sinal disso. Foucault refere que "o emprego do tempo é uma velha herança" (Foucault, 1975, p. 175, trad. livre). A organização social implica a organização do tempo (Goody, 1977, p. 329-330); as *communitas* normativas onde "sob a influência do tempo é necessário mobilizar e organizar recursos" (Turner, 1989, p. 132).

A roda enuncia um princípio de equidade que, no caso, estrutura a ideologia da comunidade, incluindo o aspecto de confirmação da vigilância de uns elementos pelos outros (Brito, 1990, p. 539).

Ocupar o tempo, assim, é trabalhar, o trabalho interno que estabelece a relevância com a noção associada ao trabalho da pré-carreira.

"Faço, quando há para ai qualquer coisa, faço... tenho andado a limpar os telhados (...) coitados, também não têm quase nada para a gente fazer [materiais]... eu estou a desmanchar o telhado, limpar o telhado agora, mais logo pinto, (...) isto é uma grande obra que está aí... isto está podre, para quem anda aí nos telhados, pode de repente aquilo cair, e a gente vem cá parar a baixo (...) já lá estive (...) tem que se andar, mas com cuidado... eu sou o mais leve deles todos, tenho que ir lá cima (...) a gente tem que andar com cuidado, é andar no tecto... meio solto (...) e pedras... tem muita coisa lá em cima... está aí... agora tenho que ir lá cima, tapar umas coisas, telhas que estão partidas (...)" (Mário, L14)

Mas é preciso ocupar o corpo e o espírito, pois é necessário arrastar o tempo, quando o corpo e o relógio não estão sincronizados (Hall, 1983, p. 131). A mudança, assim, ocorre todos os dias, dia após dia (Bates, 2006, p. 155)

“(...) há duas semanas (...) foi num sábado (...) fiz as tarefas de casa... e digo assim, “ai Jesus, mas isto é tão cedo (...) eu não posso estar aqui parada”... e ao sábado, nós limpamos a casa, e temos depois o resto para... para ver televisão... o dia é nosso... comecei a olhar para as escadas, “oh pá, isto não pode ser assim...”, [fui] buscar o balde, buscar o sabão, o esfregão, a escova... comecei a limpar aquilo... a escadaria toda (...) “ó Maria, o que é que tu estás a fazer, tu estás maluca?” (...) e então é o que eu digo, “estou stressada! Não digas nada...” (...)” (Maria, E26; 30)

Os espaços ocupam-se e transtornam-se em função do protagonismo e dos recursos, da imposição do outro e das relações de poder.

“(...) parecia um infantário, aqui em baixo, o jardim ficou cheio de brinquedos, de carros... de bonecos, de tudo, a entrada da porta estava toda cheia de bonecos, parecia um infantário...” (Nela, M37)

## 7.8. A dimensão de memórias do consumo

Integra um conjunto de categorias em que se analisa a atribuição de causalidade do consumo, feita pelas pessoas e, por outro lado, a que se pode associar também a relação da família com o consumo das substâncias.

O consumo é tão social como simbólico (Appadurai, 1996, p. 115-117), e também se consome na festa.

“(...) já na altura [os meus amigos consumiam] heroína... começaram pelo *axis*... essas coisas, depois... já na altura, heroína... não era assim grandes consumos, era aqueles consumos esporádicos.. festas (...) só que havia muitas festas... o problema é que havia muitas festas...” (António, D2)

A festa tem múltiplas formas,

“Foi quando soube que a minha mulher estava grávida, e era uma menina... e eu deu-me um pensamento...e comecei outra vez... depois já estava...” (Mário, L33)

O estigma compõe a capacidade de reflexão e tradução de símbolos dos outros (Yun-Hee, 2004. p. 251):

“E lá fui... isto parece que... eu costumo dizer que as pessoas têm um iman... não é... e... e... neste aspecto eu devo ter tido... assim que cheguei à A.[País] conheci logo um turco (...) Prontos... estragou-se tudo (...) O turco (...) lá deve ter olhado para mim, lá deve (...) ter visto (...) o passado que andava aqui... (Maria, E8)

## 7.9. As omissões

São notadas algumas omissões: a omissão de referência às doenças infecto-contagiosas, embora alguns dos elementos entrevistados tivessem uma experiência de acompanhamento anterior na comunidade, em que como técnica os havia acompanhado, tendo conhecimento das patologias.

A escassez de raciocínios contrafactuais ou ucronias (se eu tivesse feito assim, agora seria de outra forma...), embora não a total ausência.

A notável ausência de referências ao consumo (no sentido lato do termo), na comunidade. O consumo interno reduz-se, aparentemente, à passagem de roupa para os dois elementos na comunidade que têm, presentemente, um rendimento.

“(...) há dois rapazes que falaram comigo se eu queria ganhar algum dinheiro, para que lhes passasse a roupa a ferro, eles estavam à procura de uma mulher, lá fora na rua, para pagar a uma mulher, o António [monitor] falou comigo, porque era melhor dar-me o dinheiro a mim para que eu lhe passasse a roupa a ferro, preferia dar-mo a mim do que a alguém lá fora... e agora também como estamos à espera que tratem dos trâmites, e não temos dinheiro, não temos nada, estamos mesmo sem dinheiro, e depois eu disse “sim, sim, sem problema, para mim é melhor”, e então também passo a ferro a roupa do António [monitor] e do Dário. O António [monitor] e o

Dário são os dois rapazes a quem passo a roupa a ferro, e a quantidade, dez euros, cinco euros, não me importa... a quantidade põem eles..." (Nela, M18)

O consumo é também referido pelos dois elementos cuja passagem pela comunidade se restringe (pelo menos previsivelmente) ao período de desintoxicação, a Cristina e o João Miguel.

Por fim, a omissão do percurso criminal, ocorrendo apenas uma discreta referência ao contexto do mercado criminal da distribuição (Rocha, 1999, p. 185)

"tenho que arranjar dinheiro, senão vou passar mal", e depois arranjam-se aquelas artimanhas, roubar não, isso nunca andei a roubar, mas pronto, ia muito à Cova da Moura, que é que eu fazia... tinha um amigo, (...) que tem carro, entrar lá a pé é um bocado complicado, porque há assaltos, (...), e nós tínhamos lá um conhecimento, uma pessoa que vendia, nós íamos de carro... os outros, (...) queriam a droga, (...), trazíamos e levávamos o dinheiro de todos, íamos lá de carro, comprávamos, e eles, como era alguma quantidade, ofereciam um bónus, (...) esse bónus dava para eu consumir, e para o outro... e trazíamos para as pessoas, pronto... aí já tirava [a ressaca]..." (Rogério, Q16)

"Os homens ricos já não estão rodeados por outros homens, mas por objectos" (Baudrillard, 1994, p. 362, trad. livre). Será este o medo que Miller refere, dos objectos suplantarem as pessoas? (Miller, 1998, p. 169) Pelo contrário, os homens muito pobres (serão assim tão pobres?), como os desta *communitas*, rodeiam-se – escassamente – de outros homens. Será esse o sinal de que retornam, a pouco e pouco, à sociedade de consumo?

## 8. Conclusões: Fazer perdurar a mudança



A abordagem do tempo como questão central deste trabalho tem um carácter flutuante, associado à pesquisa da referência simbólica essencial para o conjunto de pressupostos em análise, isto é, a que mais claramente se expressa no discurso mas, também, nas práticas observadas na comunidade. Existe uma componente de senso comum? Tal seria eventualmente mensurável, se se recorresse a uma técnica como a da análise de conteúdo, que permitisse quantificar referências. No entanto, a essência dos objectivos do presente trabalho é muito mais compreender a *communitas*, explorá-la, do que quantificá-la. Na realidade, não pode ser quantificada. Portanto, assumida a categoria da ressaca, como o transporte dos limites da acção para o interior da comunidade, terá ela um equivalente de preponderância, no tempo na comunidade, ao que tem no tempo do percurso de consumo? Parece ter. Parece assumir um duplo papel de transição e conversão, algo que liberta o tempo, como se este estivesse preso ao *habitus* transformado, de consumo. Este *habitus* existe? Também parece existir, e derivar da concretização de conversões e da manifestação de capitais que antes não são manifestos, da assumpção de resistências que derivam de um pressuposto de grupo novo, no sentido em que não é o grupo da socialização primária, mas que até pode derivar daí. Senão, vejamos, dois dos consumidores afirmam ter iniciado o seu percurso de consumo com doze anos. Assim, a ressaca na comunidade simboliza um duplo – será apenas um duplo? – processo de conversão, de um percurso de consumo em tempo, e de um conteúdo de poluição em conformidade. A intocabilidade manifesta este aspecto simbólico e é expressa no discurso. No exterior, a ressaca conserva a mesma conversão de consumo em tempo, mas já não o liberta. Prende-o ao momento de ressaca seguinte. Aqui, dupla conversão manifesta-se na transformação da desordem (associada ao *craving* ou à poluição do consumo injectável, por exemplo) numa forma de ordem que pode ser associada a rituais – como os da festa.

A coincidência do trabalho como uma categoria de elevado valor simbólico é curiosa, porque dir-se-ia que a exclusão de um circuito de consumo reduziria o seu impacto. Mas parece o contrário, o trabalho e o conjunto de capitais que se lhe podem associar, a conversão que Weber refere partindo das noções de Benjamin Franklin, está patente aqui: trabalhar, a par das tarefas (o regime da comunidade) implica a aceitação e é nesta conformidade com a norma que se denotam sinais de resistência, leves sinais de um registo escondido de difícil apropriação mas que parece lá estar, porque transparece do discurso.

Externamente, a própria dissociação de um percurso de consumo e de um percurso institucional não são uma forma de registo escondido? Podemos considerar que sim, se atribuirmos um peso mais consistente às declarações – plausíveis – do monitor, quando este refere um conjunto de elementos que têm interesse na passagem pela comunidade, os próprios, a família, os patrões, e cujas regras não serão forçosamente as mesmas que a comunidade estipula. Portanto, quantos objectivos transporta cada indivíduo, inerentes a uma lógica posicional diversa, oculta, mas não forçosamente menos consistente: a conformidade, ou compatibilidade material. A reinserção no mercado. A reinserção no contexto familiar e o cumprimento de expectativas associadas, eventualmente, ao desempenho das comunidades. A reinserção no contexto de trabalho, no qual estas pessoas são esperadas. Tudo isto não vincula os indivíduos ao abandono do consumo, vincula-os à paragem. Por isso, as paragens estão tão claramente delineadas no discurso (as recaídas não). De forma ideal (no sentido dos ideais-tipo de Weber), a paragem materializa-se através de uma ressaca, numa ilha isolada, onde a poluição não entra, a ordem é imaculada e onde se vai... para trabalhar.

Em que medida os discursos dos informantes coincidem com os discursos de temperança e proibição, ou de redução de riscos e danos? Bem, através dos estereótipos certamente, a referência à *toxicoddependência* e as intencionalidades todas se encaminham para a proibição, e a noção de consumo afasta-se da contenção de riscos, mas não das noções de limpo e sujo, de poluição e pureza. No entanto, as práticas na diacronia apontam outros recursos, que recuperam a noção de carreira, de trajectória, de percurso mas, sobretudo, as práticas da manutenção de um mercado que se adapta aos seus clientes. Com efeito, a dissociação não interessa ao mercado, que procura assegurar os rendimentos que efectivam o consumo. Levar ao limite não originaria carreiras de consumo tão longas, se não houvesse uma compatibilidade crescente entre as formas de procura, e os mecanismos de apropriação de recursos subjacentes, e as formas de oferta. Não nos parece que seja apenas a perspectiva micro que confirme este aspecto, mas também a das grandes políticas.

Parti para este trabalho com o pressuposto de que encontraria um conjunto de pessoas que tinham rehierarquizado a sua pirâmide de capitais em função do tempo, e que se encontravam neste contexto de passagem a recolocar os capitais no seu devido lugar – devido, porque implícito a um contexto social predominante, hegemónico. Mas o que encontrei foi, isso sim, um conjunto de pessoas, uma *communitas*, que se encontra temporariamente excluída do mercado – ou dos mercados. Um conjunto

de pessoas que sai fora da lógica capitalista do consumo, e se exclui totalmente dos circuitos de consumo em que todos nos encaixamos, todos os dias e a todas as horas. Com efeito, a característica de não-consumidores suplanta o detalhe do não-consumo de substâncias, e impera sobre todas as coisas. À exceção de um *tour* diário em que se deslocam ao café e compram o tabaco e a bica, estas pessoas não consomem mais nada.



## Bibliografia

- Addi, Lahouari (2002): *Sociologie et anthropologie chez Pierre Bourdieu*. Paris: La Découverte.
- Agar, Michael & Reisinger, Heather Schacht (2002). A tale of two policies: the french connection, methadone and heroin epidemics, *Culture, Medicine and Psychiatry*, 26, pp. 371-396.
- Agar, Michael (2006, Agosto). An Ethnography By Any Other Name ..., *Forum Qualitative Sozialforschung/ Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 7(4), Art. 36, <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/4-06/06-4-36-e.htm>, [23.03.2007].
- Agra, Cândido & Matos, Ana Paula (1997). *Droga-crime. Trajetórias desviantes*. Lisboa: Ministério da Justiça, Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Agra, Cândido (1995). Da rapsódia à sinfonia-epistema. Os modos elementares do pensamento das drogas, *Toxicodependências*, 1(3), pp. 47-49, referido por Valentim, Artur (1998). Droga, dependência e sociedade: uma incursão (crítica) no campo do pensamento sobre as drogas, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51 (Junho de 1998). Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 137-166.
- Agra, Cândido da (2002). The complex structures, processes and meanings of the drug/crime relationship, in Serge Brochu, Cândido da Agra, & Marie-Marthe Cousineau (Ed.). *Drugs and crime deviant pathways*. Aldershot: Ashgate, pp. 9-32.
- Alexander, Bruce K. (2001). *The roots of addiction in free market society*. Vancouver: Canadian Centre for Policy Alternatives, <http://www.cfdp.ca/roots.pdf>, [Consultado a 11.02.2007]
- Antonio, Robert J. (Ed.) (2003) *Marx and modernity. Key readings and commentary*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishers Ltd.
- Archambault, J.-C. & Mormont, C. (1998). *Déviances, délits et crimes*. Paris: Masson.
- Atkinson, Paul (1999). Review essay: voiced and unvoiced, *Sociology*, 33 (1), pp. 191-197.
- Attias-Donfut, Claudine (1988). *Sociologie des générations. L'empreinte du temps*. Paris: PUF.
- Augé, Marc (1998, 2001). *Les formes de l'oubli*. Paris: Payot & Rivages
- Bagagem, Maria da Purificação (1999). *Droga. A desintegração familiar e social dos jovens*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa.
- Barker, Chris & Galasinski, Dariusz (2001). *Cultural studies and discourse analysis. A dialogue on language and identity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage.
- Bates, Stephen (2006). Making time for change: on temporal conceptualizations within (critical realist) approaches to the relationship between structure and agency, *Sociology*, 40 (1), pp. 143-161.
- Baudrillard, Jean (1994). The consumer society, in VVAA, *The polity reader in social theory*. Cambridge: Polity Press, pp. 362-366.

- Bellamy, Richard (1994). The social and political thought of Antonio Gramsci, in VVAA, *The polity reader in social theory*. Cambridge: Polity Press, pp. 32-37.
- Berridge, Virginia & Mars, Sarah (2004). Glossary. History of addictions, *Journal of Epidemiology and Community Health*, 58, pp. 747-750, <http://www.jech.bmj.com>, [Consultado a 16.2.2007].
- Bertaux, Daniel (2006). *L'énquete et ses méthodes: le récit de vie*, 2<sup>e</sup> édition. S.l. : Armand Colin.
- Bourdieu, Pierre (2001). *Razões práticas. Sobre a Teoria da Acção*. Lisboa: Celta.
- Bourdieu, Pierre (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Boyne, Roy (1996). Estruturalismo, in Bryan S. Turner (Ed.), *Teoria Social*. Algés: Difel, pp. 195-221.
- Brito, Joaquim Pais de (1990). As rodas de Rio de Onor: um princípio estrutural e estruturante, *Análise Social*, 3<sup>a</sup> série, vol. XXV (108-109) (4<sup>o</sup>-5<sup>o</sup>), pp. 511-543.
- Brochu, Serge & Parent, Isabelle (coord. de recherche) (Janvier 1999). *Quand les trajectoires toxicomanes et délinquantes se rencontrent: dix toxicomanes se racontent*. Montréal: RISQ.
- Bruun, Kettil, Pan, Lynn & Rexed, Ingemar (1975). *The gentleman's club. International control of drugs and alcohol*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Burgess, Robert G. (1997). *A pesquisa de terreno. Uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Cabral, João de Pina (2000). A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições, *Análise Social*, XXXIV (153). Lisboa: ICS, pp. 865-892.
- Calvez, Marcel (1992). Les accusations de contagion comme argument d'exclusion, *Ethnologie française*, 1992/ 1, Corps, maladie et société. Paris: Armand Colin, pp. 56-59.
- Central Intelligence Agency, CIA (2006). *The World factbook*, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2086.html>, [Consultado a 18.5.2007].
- Cohen, Ira J. (1996). Teorias da acção e da praxis, in Bryan S. Turner (Ed.), *Teoria Social*. Algés: Difel, pp. 111-142.
- Collins, Randall (1994). Erving Goffman on ritual and solidarity in social life, in VVAA, *The polity reader in social theory*. Cambridge: Polity Press, pp. 71-78.
- Comunidades Europeias (1995-2007 [07.04.2005]). Luta contra a droga: introdução, *Actividades da União Europeia: sínteses da legislação*, <http://europa.eu/scadplus/leg/pt/lvb/l33111.htm>, [Consultado a 12.2.2007]
- Comunidades Europeias (1995-2007 [27.07.2006]). *Programa de acção comunitária no domínio da saúde pública (2003-2008)*, <http://europa.eu/scadplus/leg/pt/cha/c11503b.htm>, [Consultado a 12.2.2007].
- Coslin, Pierre G. (1996). *Les adolescents devant les déviances*. Paris: PUF.
- Dhunpath, Rubby (2000). Life history methodology: "narradigm" regained, *Qualitative Studies in Education*, 13 (5), pp. 543-551.

- Dias, Fernando Nogueira (2001). *Droga e toxicodependência na imprensa escrita. Discurso e percurso*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dory, Daniel & Roux, Jean-Claude (1998). De la coca à la cocaïne : un itinéraire bolivien, in Eric Léonard (Ed.), *Drogue et reproduction sociale dans le tiers monde*. Bondy: Orstom, pp. 21-46.
- Douglas, Mary (s.d.). Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Ed. 70.
- Duarte, Danilo Freire (2005). Uma breve história do ópio e dos opióides, *Revista Brasileira de Anestesiologia*, 55 (1), pp. 135-146, [http://www.scielo.br/pdf/rba/v55n1/en\\_v55n1a15.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rba/v55n1/en_v55n1a15.pdf), [Consultado a 18.5.2007].
- Durkheim, Émile (1989). *A divisão do trabalho social* (vol. I e II). Lisboa: Presença.
- Ehrenberg, Alain & Mignon, Patrick (1992). Tableau d'une diversité, in Alain Ehrenberg & Patrick Mignon (Ed.) *Drogues. Politique et société*. Paris: Le Monde Editions et Éditions Descartes, pp. 9-35.
- Escohotado, Antonio (2004). *História elementar das drogas*. Lisboa: Antígona.
- Fernandes, Luís & Carvalho, Maria do Carmo (2000). Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método de snowball, *Toxicodependências*, 6 (3), Lisboa: SPTT, pp. 17-28.
- Fernandes, Luís & Neves, Tiago (2002). Ethnographic space-time: culture of resistance in a "Dangerous Place", in Serge Brochu, Cândido da Agra & Marie-Marthe Cousineau (Ed.). *Drugs and crime deviant pathways*. Aldershot: Ashgate, pp. 71-81.
- Fernandes, Luís (1998). *O sítio das drogas. Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Fernandes, Teresa Sousa (1993). Modernidade e geometrias. A representação da ordem na obra de Emile Dukheim, *Cadernos de Ciências Sociais*, 12/13. Porto: Afrontamento, pp. 107-148.
- Ferreira, Pedro Eugênio M. & Martini, Rodrigo K. (2001). Cocaína: lendas, história e abuso, *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 23 (2), pp. 96-99, <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v23n2/5583.pdf>, [Consultado a 18.5.2007].
- Ferry, Luc (2002). *Qu'est-ce qu'une vie réussie?* S.l.: Grasset & Fasquelle.
- Franzosi, Robert (1998). Narrative analysis – or why (and how) sociologists should be interested in narrative, *Annual Review of Sociology*, 24, pp. 517-554.
- Gennep, Arnold Van (1978 [1908]). *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Godinho, Paula (2001). *Memórias da resistência rural no Sul. Couço (1958-62)*. Oeiras: Celta.
- Goffman, Erving (1974 [1961]). *Asylums. Essays on the social situation of mental patients and other inmates*. Middlessex: Pelican Books.
- Goffman, Erving (1981 [1963]). *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. New Jersey: Prentice-Hall.

- Goffman, Erving (1993 [1959]). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Goffman, Erving (1975). *Frame analysis. An essay on the organization of experience*. Norwich: Penguin Books.
- Goody, Jack (1977). Tempo. Aspectos sociais, in David L. Sills, *Enciclopédia internacional de las ciencias sociales*, vol. 10. Madrid: Aguilar, pp. 329-340.
- Gramsci, Antonio (sd). *Textos de los cuadernos posteriores a 1931*, [www.gramsci.org.ar/index.htm](http://www.gramsci.org.ar/index.htm), [Consultado a 20.4.2005].
- Halbwachs, Maurice (1968). *La mémoire collective*. Paris: PUF.
- Halbwachs, Maurice (1994 [1925]). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.
- Hall, Edward T. (1983). *The dance of life. The other dimension of time*. New York: Doubleday.
- Holton, Robert J. (1996). Teoria Social Clássica, in Bryan S. Turner (Ed.), *Teoria Social*. Algés: Difel, pp. 23-50.
- Hulbert, Ryan J. & Lens, Willy (1988). Time perspective, time attitude and time orientation in alcoholism: a review, *The international journal of the addictions*, 23 (3), pp. 279-298.
- Hunt, Geoffrey & Barker, Judith (2001). Socio-cultural anthropology and alcohol and drug research: towards a unified theory, *Social Science & Medicine*, 53, pp. 165-188, <http://www.elsevier.com/locate/socscimed>, [Consultado a 11.08.2006]
- Inciardi, James A. (1993). Introduction. A response to the war on drugs, in James A. Inciardi (Ed.). *Drug treatment and criminal justice*. Newbury Park, London, New Delhi: Sage Publications, pp. 1-4.
- Jodelet, Denise (Ed.) (1997). *Les représentations sociales*. Paris: PUF.
- Jones, Maxwell (1962). *Social psychiatry in the community*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Klein, Étienne (1995). *O tempo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Klingemann, Harald & Schibli, Daniela (2004). Times for healing: towards a typology of time-frames in Swiss alcohol and drug clinics, *Addiction*, 99, pp. 1418-1429, <http://www.sciencedirect.com>, [Consultado a 11.8.06].
- Klingemann, H & Gmel, G. (Ed) (2001). Mapping the social consequences of alcohol consumption. Dordrecht: Kluwer Academy Publishers, referido por WHO [OMS] (2004). *WHO Global status report on alcohol 2004*. Geneva: World Health Organization/ Organização Mundial de Saúde, [www.who.org](http://www.who.org) [Consultado a 19.5.2007].
- Kokoreff, Michel & Faugeron, Claude (2002). Drug addiction and drug dealing - from trajectories to careers: the status of the question in social sciences in France, in Serge Brochu, Cândido da Agra & Marie-Marthe Cousineau (Ed.). *Drugs and crime deviant pathways*. Aldershot: Ashgate, pp. 51-69.
- Lahire, Bernard (2005). Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual, *Sociologia, problemas e práticas*, 49, Lisboa: CIES-ISCTE, Celta, pp. 11-42.

- Layton, Robert (1997). *Introdução à teoria em Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Lechner, Elsa (2006). A face do outro face ao outro: ética e representação etnográfica, in Antónia Pedroso de Lima & Ramon Sarró (Ed.), *Terrenos metodológicos. Ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa: ICS, pp. 97-109.
- Léonard, Éric (1998). Introduction, in Éric Léonard (Ed.), *Drogue et reproduction sociale dans le tiers monde*. Bondy: Orstom, pp. 5-18.
- Lima, Antónia Pedroso de & Sarró, Ramon (2006). Introdução. Já dizia Malinowski: sobre as condições da possibilidade da produção etnográfica, in Antónia Pedroso de Lima & Ramon Sarró (Ed.), *Terrenos metodológicos. Ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa: ICS, pp. 17-34.
- Lopes, Sérgio (1975 [1973]). Ideologia e prática social, *Análise Social*, 10, (40) 1973 – 4º, pp. 656-677.
- Macedo, Tice de (2000). Contributo das neurociências para a toxicod dependência, *Toxicod dependências*, 6 (3), pp. 3-16.
- Magura, Stephen *et al.* (1998). Temporal patterns of heroin and cocaine use among methadone patients, *Substance use and misuse*, 33 (12), pp. 2441-2467.
- Mapril, José (2006). Passageiros de Schengen: a dialéctica entre fluxo e encerramento no trabalho de campo, in Antónia Pedroso de Lima & Ramon Sarró (Ed.), *Terrenos metodológicos. Ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa: ICS, pp. 53-71.
- Marx, Karl (sd). The Metamorphoses of capital and their circuits. Chapter 5: The time of Circulation, in *Capital*. Volume Two. Part I, <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1867-c1/ch03.htm#S2a>, [Consultado a 20.4.2005].
- Miller, D. (1998). Coca-cola: a black sweet drink from Trinidad, in Miller, D. (Ed.) *Material cultures: why some things matter*. London: University of Chicago Press, pp. 169-187.
- Morel, Alain, Hervé, François & Fontaine, Bernard (1998). *Cuidados ao toxicod dependente*. Lisboa: Climepsi.
- Mosher, James F. & Yanagisako, Karen L. (1991). Public health, not social welfare: a public health approach to illegal drug policy, *Journal of Public Health Policy*, 12 (3), pp. 278-323, referido por Valentim, Artur (1998). Droga, dependência e sociedade: uma incursão (crítica) no campo do pensamento sobre as drogas, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51 (Junho de 1998). Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 137-166.
- Nan Lin (2001). *Social capital: a theory of social structure and action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nowlis, Helen (1979). A verdade sobre as drogas. Lisboa: Gabinete Coordenador do Combate à Droga, referida por Valentim, Artur (1998). Droga, dependência e sociedade: uma incursão (crítica) no campo do pensamento sobre as drogas, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51 (Junho de 1998). Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 137-166.

- OEDT [EMCDDA] (2001). Capítulo 3. Cocaína e cocaína 'base/ crack', in *Relatório anual sobre a evolução do fenómeno da droga na UE.*, <http://ar2001.emcdda.europa.eu/pt/chap3/cocaine.html>, [Consultado a 18.5.2007].
- OEDT [EMCDDA] (2006). *Relatório anual 2006: a evolução do fenómeno da droga na Europa*, <http://ar2006.emcdda.europa.eu/download/ar2006-pt.pdf>, [Consultado a 18.5.2007].
- OEDT [EMCDDA] (2007). *EMCDDA literature reviews - Treatment of problem cocaine use: a review of the literature*. Lisboa: EMCDDA, <http://www.emcdda.europa.eu/>, [19.5.2007].
- Pais, José Machado (1995). Durkheim: das Regras do Método aos métodos desregrados, *Análise Social*, vol. XXX (131-132), (2º-3º). Lisboa, ICS, pp. 239-263.
- Pais, José Machado (2001). Jovens "arrumadores de carros" – a sobrevivência nas teias da toxicod dependência, *Análise Social*, XXXVI (158-159). Lisboa: ICS, pp. 373-398.
- Pais, José Machado (2002). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: ICS.
- Pallarés, Joan (1995). El placer del escorpion: antropologia de la heroína y los yonquis. Bobalá: Milénio, referido por Vasconcelos, Luís Almeida (2003). Heroína: *Lisboa como território psicotrópico nos anos noventa*. Lisboa: ICS.
- Parker, Howard & Egginton, Roy (s.d). *Managing local heroin-crack problems: hard lessons about policing drug markets and treating problems users. Final report from the Derbyshire Drug Market Project*. S.I.: S.Ed.
- Patrício, Luís (1995). *Droga de vida, vidas de droga*. Venda Nova: Bertrand.
- PERNANEN, Kai (2002). Foreword, in Serge Brochu, Cândido da Agra & Marie-Marthe Cousineau (Ed.). *Drugs and crime deviant pathways*. Aldershot: Ashgate, pp. ix-xii.
- Plummer, Ken (1996). O interaccionismo simbólico no séc. XX: a emergência da teoria social empírica", in Bryan S. Turner (Ed.), *Teoria Social*. Algés: Difel, pp. 225 – 254.
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1983). *Les récits de vie. Théorie et pratique*. Paris: PUF.
- Rapport, Nigel & Overing, Joanna (2004). *Social and cultural anthropology. The key concepts*. London: Routledge.
- Ridenour, Ty A. *et al.* (2005). Factors associated with the transition from abuse to dependence among substance abusers: implications for a measure of addictive liability, *Drug and Alcohol Dependence*, 80 (2005), pp. 1-14, <http://www.elsevier.com/locate/drugalcdep>, [Consultado a 11.8.06].
- Rocha, João Moraes (2001). Princípio da igualdade em direito penal – tráfico internacional de droga – o cartel – correio de droga. Comentário, in IPDT (ed.). *Droga. Decisões de tribunais de primeira instância, 1998-1999*. Lisboa: Ministério da Saúde, pp. 179-186.
- Scott, James C. (1985). *Weapons of the weak.. Everyday forms of peasant resistance*. New Haven and London: Yale University Press.
- Silva, Augusto Santos (1988), *Entre a razão e o sentido*. Porto: Afrontamento.

- Sperber, Dan (sd). *O saber dos antropólogos*. Lisboa: Edições 70.
- Taug, Jan (2003). *Intangibles and capital conversion*, presented in Hamilton, Canada, January 2003, <http://www.taug.no/article/articleview/92/1/4/>, [Consultado a 20.4.2005]
- Touraine, Alain (2000). Du système à l'acteur, in Jean Baechler, François Chazel & Ramine Kamrane (Ed.) (2000). *L'acteur et ses raisons. Mélanges en l'honneur de Raymond Boudon*. Paris: Presses Universitaires de France, pp. 113-129.
- Turner, Victor (1989 [1969]). *The ritual process. Structure and anti-structure*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Vala, Jorge (1997). Representações sociais e percepções intergrupais, *Análise Social*, vol. XXXII (140), (1º). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 7-29.
- Valentim, Artur (1996). Percepção social do consumo de drogas ilícitas: inquérito às paróquias, *Sociologia, problemas e práticas*, 21, pp. 165-196.
- Valentim, Artur (1998). Droga, dependência e sociedade: uma incursão (crítica) no campo do pensamento sobre as drogas, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51 (Junho de 1998). Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 137-166.
- Valentim, Artur (2000). O campo da droga em Portugal: medicalização e legitimação na construção do interdito, *Análise Social*, XXXIV (153). Lisboa: ICS, pp. 1007-1042.
- Vasconcelos, Luís Almeida (2003). Heroína: *Lisboa como território psicotrópico nos anos noventa*. Lisboa: ICS.
- Walton-Moss, Benita & McCaul, Mary E. (2005). Factors associated with lifetime history of drug treatment among substance dependent women, *Addictive Behaviours*, 31 (2006), pp. 246-253, <http://www.sciencedirect.com> [Consultado a 11.8.06].
- Weber, Max (s.d.). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Presença.
- Weinberg, Darin (2002). On the embodiment of addiction, *Body & Society*, 8 (4). London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, pp. 1-19.
- WHO [OMS] (2004). *WHO Global status report on alcohol 2004*. Geneva: World Health Organization/ Organização Mundial de Saúde, [www.who.org](http://www.who.org) [Consultado a 19.5.2007].
- Yin, Robert K. (1994). *Case study research: design and methods*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage.
- Yun-Hee Jeon (2004). The application of grounded theory and symbolic interactionism, *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 18, pp. 249-256.
- Zheng Yangwen (2005). *The social life of opium in China*. New York: Cambridge University Press.



## Anexos. Análise de discurso



Dimensões	Categorias	Unidades
Corpo	1. Crises, acontecimentos simultâneos ao consumo	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>“(…) aquela casa [que aluguei] não tinha condições... e aguentámo-nos (...) mas... depois a casa tinha problemas de esgotos... aquilo encheu mesmo (...) com a gente... andava água (...) na casa de banho de cima, e aquilo (...) ia parar à de baixo (...) um dia, entrou lá senhora [e disse que] eu ia arranjar aquilo ou chegou a dizer que eu tinha mesmo, mesmo de sair de lá... e pronto eu fui falar com amigo (...) é traficante (...) a coisa não correu nada [bem]...” (Dário, C1)</li> <li>“(…) comprei uma mota, (...) antes do acidente (...) andava de mota... nos copos, não é (...) estava com uns copos... fomos (...) a andar em sentido contrário...” (Dário, C30); “(...) andei uns metros... para o lado direito, para o lado esquerdo... em vez de voltar para a direita passei para a esquerda... bati de frente no carro (...) depois não saí do acidente (...) só acordei no hospital... dois dias depois...” (Dário, C31)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>“(…) por exemplo no banco, às vezes já tive alguns problemas (...) porque... não sei, eu ter razão, estar-lhe a explicar uma coisa à pessoa, meu gerente de banco, (...) ele não me conseguir dar a volta, não me conseguir demonstrar que eu não tenho razão, (...) não, pá, é assim, coisas estúpidas, que eu vejo que são estúpidos porque, pá, devem pensar assim “ah, coitadinha, é toxicod dependente, não sei quê, não sei que mais” (...)” (Cristina, F27; 28)</li> <li>“(…) entretanto depois apanhei um problema de doença... foi um... um tumor (...) depois pá restringiu-me mais, e fui obrigado mais a ficar aqui por estas bandas... derivado a fazer o tratamento de quimioterapia (...) fiz um ano seguido quase de quimioterapia (...) estive agora um ciclo parado, durante seis meses (...)” (José, G2; 46)</li> <li>“(…) aqui na comunidade, (...) comecei-me a sentir muito mal, a alimentação que entrava dentro do organismo, o organismo rejeitava, (...) entretanto fui fazer rastreio (...), não era de estômago, então (...) foi quando eles notaram que eu tinha um tumor no cólon (...)” (José, G3)</li> <li>“(…) houve uma vez que fui operado a este braço, ia ficando sem o braço (...) Porque eu fiz hematoma... e antes de rebentar para fora, não, rebentou para dentro... e eu feito parvo, com uma faca, furei... cortei a vela... claro... fui operado de urgência, estive vinte e quatro horas à espera, ia ficando sem o braço (...) Sem ele estava desgraçado da vida (...) Não, porque as dores eram tão grandes, tão grandes, que eu pensei que furando rebentava, mas não, perdi muito sangue, e eram umas dores muito horríveis na cabeça, às oito horas da manhã a minha tia foi lá a minha casa, já estava naquilo, [ela] teve que chamar uma ambulância de</li> </ul>

Análise de discurso

Corpo (cont.)	Crises, acontecimentos simultâneos ao consumo (cont.)	<p>urgência, fui operado de urgência, fui aqui ao B[local] e depois fui para Lisboa, para São José...”(Mário, L21)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “[Estou] Com melhor aspecto, quando entrei aqui parecia uma caveira... estava muito magrinho... o médico disse-me logo “Hum, não deves aguentar muito tempo”, depois tinha problemas do pulmão... do peito, já não comia nada... só bebia líquidos, água, água (...) tive um quisto de um pulmão... e isto começou a infectar tudo... estava tudo infectado, garganta, tudo... (Mário, L41); “(...) foi aqui dentro é que eu soube que tinha aqueles problemas... do pulmão... mas têm-me ajudado muito, aqui...”(Mário, L42)</li> <li>• “(...) fiquei grávida [desta criança] e já consumia, durante os três meses sabendo já de certeza que estava grávida, nos três ou quatro primeiros meses estive a consumir, (...) eu falei na maternidade, com a minha médica, falei que estava a consumir e que drogas, e ela disse-me que parásse o mais rápido possível, pelo menos com a cocaína que parásse, porque podia ter dificuldades em ter o bebé nascesse com... o feto se desenvolvesse... que nascesse com defeitos, e então parei com a cocaína, e eles puseram-se em contacto rápido, mandaram uma carta urgente, puseram-me em contacto com o CAT (...), para começar com a metadona, e no momento em que me marcaram consulta eu falei lá no CAT e puseram-me com a metadona, num par de semanas mais ou menos, e parei o mais rápido que pude, com a metadona...”(Nela, M8)</li> <li>• “(...) a questão é que começámos a consumir outra vez, droga, os dois [o pai do meu primeiro filho e eu], e eu ingressei numa clínica, (...) para me desabituar, com tratamento por causa do bebé, estive três meses também como agora, como esta gravidez, foi mesmo igual, (...) e ele ficou lá, ficou lá fora à minha espera... na casa, com tratamento também, com pastilhas, tranquilizantes, pastilhas para dormir, mas não conseguiu, quando eu sai aos vinte cinco dias, ele estava ainda pior... de como eu o tinha deixado. Não aparecia em casa, ficava todos os dias na rua, os (...) dias que esteve sem mim ficava na rua, tinha mais barba, estava... pfff... estava pior ainda do que como eu o tinha deixado...” (Nela, M27)</li> <li>• “(...)... eu com o bebé estava preocupadas nos primeiros meses, ao principio estava preocupada, andava a consumir, e andava... e desde os primeiros meses que chegou ao bebé... foi horrroso...e agora, ouvir da boca dos médicos (...) que está tudo a correr bem, que o bebé está a crescer, que o bebé está todo formado... está a correr tudo bem...” (Nela, M35)</li> </ul>
Corpo	2. Ressaca	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) quando eu estou aqui [na comunidade] sou eu que faço a ressaca às pessoas... acompanho as pessoas que entram aqui... eu é que as encaminho, eu é que estou sempre ao lado delas...” (Jaime, B16)</li> </ul> <p><b>2006</b></p>

Análise de discurso

Corpo (cont.)	Ressaca (cont.)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) as outras [vezes que viemos para a comunidade] foram por não ter conseguido a primeira vez, porque são (...) curtos espaços de tempo, (...) o tempo que nós estamos a ressacar, e portanto é um bocadinho difícil, porque vir... como nós estivemos, por exemplo, dez dias, ao fim de dez dias estamos muito debilitados, (...) não é ao fim de dez dias que se apaga uma vida..." (Cristina, F2)</li> <li>• "(...) eu fui para lá [para a ilha] a ressacar, apanhei o avião, fumámos as últimas (...) [passas?] antes de embarcar no avião, chegámos (...) no segundo dia, estávamos a ressacar completamente a frio, sem comprimidos sem nada, (...) eu sai à rua estava um gelo (...) e nós a ressacarmos, e (...) nós andámos na rua, horas e horas (...) à procura de alguém que vendesse, que nos conseguisse identificar se aquela pessoa podia ter algum contacto com... drogas (...), e não encontramos uma unica pessoa." (Cristina, F20)</li> <li>• "(...)... eu nessa altura só consumia um bocadinho (...) para aí uma vez por dia... à noite, saia do trabalho, ia comprar, fumava e pronto... ele começou a querer fumar, também, (...), agarrámo-nos os dois... quando deixámos de comprar, começámos a ressacar, claro... tanto eu (...) como ele..." (Cristina, F35)</li> <li>• "Mas eu estou mais [abalado] desta vez, do que das outras duas vezes... muito mais (...) Não sei, talvez a medicação, há aí qualquer coisa... ou vimos mais debilitados, não sei... sinto... que está a custar muito mais... estou no quarto dia e ainda estou todo partido... nos outros já... ao terceiro dia, já andava aí na boa (...) talvez a idade, talvez... também possa ser [razão]..." (João Miguel, H12)</li> <li>• "(...) sofrimento... os quatro dias, pelo menos, até agora (...) sofrimento físico (...) principalmente físico... por enquanto... mental não é tanto... mas mais físico, por enquanto... mental se calhar vem mesmo a seguir... mas mais físico (...) tenho alturas que me sinto melhor... só que... é aquele cansaço, uma pessoa não está habituada... talvez a abstinência da droga... possivelmente, não é (...) aquilo é... melhor do que um medicamento, aquilo..." (João Miguel, H18)</li> <li>• "(...) ... não sei, parece que me sabe tudo à mesma coisa, a comida.... não sei se.... se será de mim... talvez seja, ainda (...) eu não tenho muita vontade de comer... mas se calhar devido à medicação (...) mesmo assim tento lá ir, comer (...) Que é para não tomar os comprimidos sem nada (...) e para arrebatar..." (João Miguel, H19)</li> <li>• "(...) só que aqui é diferente, em [país natal] a droga é diferente de cá, bom é diferente, não, vendem a coca já feita, aqui têm que prepará-la, tem que se comprar o amoniaco, tem que se preparar a cocaina para ser fumada, e lá não, lá já há preparada, e misturada com a heroína, as duas coisas juntas misturadas, e vendem as "papelinas", as duas coisas juntas, tudo junto por um... por seis euros, pronto, e cá não (...) Sim, pelo que conheço de [país natal] [é mais fácil fumar], porque aqui sempre que tivemos que comprar foi uma quantidade</li> </ul>	

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Corpo (cont.)	Ressaca (cont.)	<p>maior, por quartas, meias quartas, quinze euros, vinte euros, mais quantidade, e lá por seis euros uma pessoa tira a ressaca, a ressaca de manhã, essa ressaca tira-se com seis euros, e à parte isso a coca aqui, vendem-na crua, não a vendem já feita como a consumimos, e então aqui o que é que eu fazia... tinha que meter pela vela, não tínhamos tempo para nos entreter, para tirar... para tirar a ressaca (...) Pois (risos)... a cocaína para ficar feita demora um tempo, não é muito tempo que demora, pronto, demora um bocadinho a fazer... tem que se meter o amoniaco, queimá-la por baixo, secá-la e depois picá-la bem para consumir, metê-la num papel de alumínio para ser fumada, ou senão é a garrafa, muitas vezes o que fazia o Óscar [marido] era a garrafa, ou senão crua, crua, directamente com a heroína pela veia, quase sempre era a maioria das vezes assim, pela veia..." (Nela, M16)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) na altura era diferente, era droga droga, agora não... sei lá, dois, três gramas, passei um mês e picos sem dormir... até o monitor que estava dizia "como é que aguentas?", é que não dormia, mesmo, vinte e quatro horas, e eu fazia vinte e quatro horas acordado... eu sentava-me no sofá, ao pé do fogo, não dormia, cabeceava um pouco, mas eu não consegui... passei um mês e picos sem fechar olho... não consegui... não conseguia fechar os olhos... nem por bocadinhos, nem nada... ao fim de um mês e picos é que comecei a dormir uma horita, duas, e a partir daí é que já fui ganhando o sono até que comecei a dormir bem..." (Óscar, N15)</li> <li>• "(...) desde a última vez que você cá esteve eu estava aqui para aí há um mês (...) nem tanto. Se calhar era naquela altura em que a cabeça estava ainda cheia de confusão... só se sente é confusão, não se sente mais nada... a partir daí o tempo já passa, as ideias vão começando a ficar mais claras, torna-se... torna-se mais fácil, mesmo a forma como se sente o dia a dia, não tem nada a ver (...)" (António, P1)</li> <li>• "(...) lembro-me que acordei constipado, eu pensava que estava constipado, constipado, com dores no corpo, pensava eu, eu comentei "bem, estou constipado, que é isto, pronto, tenho que ver o que é que se passa", falei com um amigo meu, que também já andava há mais tempo e disse-me "tu não estás constipado, pá, tu estás é agarrado já a isso" e eu disse, "não acredito", "então olha, vai experimentar, vais comprar, vais experimentar, não, vais comprar, e vê se isso não te passa logo", e assim foi. Passou, e no dia seguinte a mesma coisa, outra vez com dores, e mais não sei quê, com dores no corpo, vi logo, "já estou". (Rogério, Q7)</li> <li>• "(...) eu não me tinha apercebido que era falta de heroína, que o organismo estava a sentir, pensava que era gripe, estava com os sintomas, são parecidos, são idênticos, é o pingo no nariz, é os arrepios, espirros, essa coisa toda, as dores no corpo, o mal estar geral, pronto, é uma coisa que... porque é esquisita, mesmo, e pensava que era gripe, mas não era..." (Rogério, Q8)</li> <li>• "(...) depois tive aqui umas idas para África, em trabalho, em serviço, aí passei um bocado mal, por exemplo</li> </ul>
---------------	-----------------	--

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Corpo (cont.)	Ressaca (cont.)	<p>estive um mês e tal em [país], a montar antenas lá, e a primeira semana foi um bocado complicado, porque ressaquei a frio, e não tinha, não tinha hipótese, ali não conhecia ninguém... ainda havia guerra, ainda havia guerra, (...) e eu não tinha hipótese..." (Rogério, Q10)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) são dias que são um bocado complicados, porque temos que arranjar dinheiro, por causa da ressaca, pronto é a pessoa deitar-se, consumiu, nesse dia não ressaca, mas deita-se já a pensar como é que vai ser amanhã, o dia de amanhã (...)" (Rogério, Q15)</li> </ul>
Corpo	3. Tempo da recaída	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "... eu quando recaí meti baixa (...) saí daqui em Fevereiro... recaí em Julho... estive recaído Julho, Agosto, Setembro... Outubro... Novembro...e Dezembro... vim em Janeiro, cá para o Centro..." (Jaime, B3)</li> <li>• "(...) durante dois anos, consumimos os dois [o meu irmão e eu](...) ao final de um ano... ele (...) já queria parar... agora eu é que não queria parar... era novinho, estava-me a saber bem.... nem me passava pela cabeça o problema que era..." (António, D6); "(...) na altura tinha ou vinte e um (...) o meu pai faleceu quando eu tinha vinte e um, eu passado poucos meses... comecei a consumir... consumi depois até aos vinte e três..." (António, D8)</li> <li>• "(...) mais um ano e tal (...) com consumos... não eram assim muito regulares, esporádicos... fumava um dia... três, quatro dias.. fumava outro... ah... um mês, fumava, outra vez..." (António, D15)</li> <li>• "(...) estive mais... dois anos, na heroína outra vez..." (António, D17)</li> <li>• "Entretanto... estou dois anos a consumir... mas a consumir muito..." (Maria, E14)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) houve uma altura em (...) estive dois anos e meio parada, entretanto, (...) quando recomecei novamente, não voltei a pensar na seringa, pensei que seria mais indicado fumar, e portanto recomecei a fumar..." (Cristina, F14)</li> <li>• "(...) é o pouco tempo é que nos faz voltar à vida que levamos... a pessoa sai muito debilitada, aquilo é um choque muito grande (...)" (João Miguel, H11a)</li> <li>• "Eu conheci-a em 96... 96, ela trabalhava também no restaurante também, quando eu a conheci... depois desde aí começámos a andar, mais ou menos em 97, em 98 talvez tenha começado a consumir com ela, depois foi sempre a abrir, até... [rj]... até 2006." (João Miguel, H16)</li> <li>• "(...) e logo dessa vez estivemos seis meses a morar sozinhos, nos F.[local], e foi onde recaímos (...)" (Nela,</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Corpo (cont.)	Tempo da recaída (cont.)	M6)
Corpo	4. Situações directamente associadas ao consumo	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) só consumi agora aqui [em Portugal](...) Aqui há coisa de uns cinco meses ou seis... eu estava-lha a dizer oito, mas não, seis meses... a gente chegou aqui em Janeiro, estamos em Agosto... a gente [eu e a Nela] já leva dois meses parados com metadona, com um mês aqui, três... estivemos consumindo cinco meses, nem tanto..." (Oscar, N24)</li> <li>• "(...) não vejo qual é o gozo de estar-se a injectar... para já é uma coisa que me faz uma confusão... depois o sangue, eu vejo sangue e... (...) a pessoa estar-se a injectar, não..." (Carlos, A7)</li> <li>• "(...) não... fiz... não dormia, não tomava banho, não... não me vestia, não..." (Carlos, A14b)</li> <li>• "(...) chegou uma altura em que pronto, (...) entreguei-me à bebida também... como você sabe, sou alcoólico... e pronto, fiquei a beber descontroladamente... e a casa não tinha água, nem tinha luz, nem tinha... higiene de primeira necessidade, higiene ... não conseguia fazer banho, e não sei quê... cheguei a uma situação (...) mesmo péssima..." (Dário, C2)</li> <li>• "(...) hoje... eu digo que é desgastante porque eu sabia o mal que estava a fazer a mim próprio... eu estava como que a castigar-me, não sei porquê... porque aquilo desgastava-me duma forma..." (António, D18)</li> <li>• "[a minha cabeça já não funciona] [tenho] aquela sensação da gente querer (...) pensar, (...) focar-se, e não conseguir focar nada... por exemplo, ainda há bocado vi no jornal... e vi lá na parte de trás (...) aquela coisa nova dos números [SUDOKU]... se fosse aqui há dois anos atrás, eu olhava, e ao fim de cinco minutos tinha aquilo tudo resolvido... agora, só de olhar para aquilo... enjoa-me logo, só de olhar..." (António, D26)</li> <li>• "(...)... estar mal é (...) é a deterioração completa... fisicamente (...) olha para mim agora... e eu quando entrei aqui pesava para aí uns quarenta quilos... psicologicamente, é entrar... comecei-me a prosituir... comecei... a perder o meu amor próprio, comecei... para mim era-me igual... chega-se ao ponto de... todas aquelas precauções que eu hoje tomo... na altura era... era-me igual tomar..." (Maria, E16); "(...) deixei de dormir em casa... comecei a dormir em (...) carros, em casas abandonadas..." (Maria, E17); "... deixei de ter os cuidados que... prontos, minimamente pessoais (... de higiene, deixei de ter isso tudo..." (Maria, E18; 19)</li> <li>• "(...)... cheguei aqui com perto de quarenta quilos, eu não comia nada (...) eu não me conseguia assentar... eu doía-me o rabo... só tinha ossos, não tinha nada... rigorosamente nada... eu digo quarenta quilos, porque... prontos, na volta se eu me fosse a pesar ainda pesava menos..." (Maria, E32)</li> <li>• "(...) eu não me olhava, ao espelho... assim... eu tinha vergonha daquilo que via (...) eu chorei muitas vezes</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Corpo (cont.)	Situções directamente associadas ao consumo (cont.)	<p>em minha casa, a olhar para o espelho e a dizer, "Mas Maria, no que é que tu te tornaste?" (...) quer dizer já estava separada do pai dos meus filhos... mas ele (...) vivia lá, e ainda vive (...)eu ia para a casa de banho para vestir o pijama, (...) eu tinha vergonha..." (Maria, E33)</p> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "[Consumo] A fumar... já houve algum tempo que me injectei, mas depois parei [depois de uma paragem de dois anos e meio], porque achei que não valia a pena, porque comecei a ver que a degradação era muito maior, e... apesar da pedra ser muito maior também... só que acho que... pá, só o acto de me estar a espicaçar a mim própria, acho que me metia um pouco de confusão, e portanto deixei de fazer isso (...)" (Cristina, F13)</li> <li>• "(...) acho que todos os regressos são conscientes (...)" (Cristina, F15)</li> <li>• "(...) quando eu andava na rua (...) quando eu andava mesmo no fundo na toxic dependência, (...) essa equipa [de rua] (...) passou por mim (...) falou comigo, e eu estava de acordo, prontos, (...) a vida que eu levava era de mais, já era um sofrimento... em último grau... pronto... não tem palavras..." (José, G14)</li> <li>• "(...) eu ao saber que (...) tinha esta doença [o tumor], jamais ia-me virar novamente para a toxic dependência, então, se uma pessoa quer ficar boa, não vai entrar novamente na toxic dependência para se acabar de matar..." (José, G47)</li> <li>• "(...) tenho um grupo de amigos até porreinho... uns entendem isto, outros não entendem (...) alguns sabem... outros, se calhar... tentam perceber o que é que se passa, o que é que não se passa... mas muitos... alguns sabem... os mais chegados sabem (...) criticam... mas muitos também já têm... um problema de drogas diferente (...) de outras drogas... uns que estão bem, agora (...) pastilhas, ecstasys... haxixe... é mais isso (...) cocaína, esporadicamente, também (...) nunca consumi com eles..." (João Miguel, H22)</li> <li>• "Com a cocaína parei, com a heroína continuei, até que me puseram com a metadona, quando me puseram com a metadona cortei... cortei eu, mas ele [Óscar, marido] ainda continuou a ressacar, a ele puseram-no com a metadona também mais rápido por minha causa, porque estava ao pé de mim [grávida], morava comigo, e eu ia lá tomar a metadona e chegava a casa e encontrava-o a consumir (...) e então, se não fosse assim ele teria estado à espera dois ou três meses porque tinha que fazer análises, e várias coisas assim..." (Neia, M9)</li> <li>• "(...) eu tenho o fígado destroçado (...), comecei com doze anos... foi quando eu comecei com a heroína, foi logo heroína (...) na escola (...) na Preparatória (...) [Começou] Com as molas, (...) para aqui e para lá, com uns charritos, e não sei quê, depois os charritos já não faziam nada... vai-se buscar coisas mais fortes e eram, com treze anos já andavam agarrados, não é..." (Óscar, N21)</li> </ul>
---------------	---	---

Análise de discurso

Corpo (cont.)	Situações directamente associadas ao consumo (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>“(…)… fui eu que cheguei a uma altura em que já estava num estado, físico e psicológico, estava mesmo de rastos, já… já não comia, comia uma refeição por dia, quer dizer, não é que em minha casa… felizmente em casa tinha… tinha comida (…)” (Rogério, Q17)</li> </ul>
Corpo	5. Estigma	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>“(…)… agora [depois de entrar na comunidade e engordar] não tenho vergonha de me olhar ao espelho… mas também quero ver se não passo disto…” (Maria, E34; 35)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>“(…) actualmente devem pensar que eu consumo, pelo meu aspecto devem saber que “está a consumir”…” (Cristina, F25);</li> <li>“(…) se olhar para mim não diz que eu sou toxicodependente?(…) Fica a saber que é uma das minhas paranoias, o João Miguel também já diz que às vezes que é paranoia minha, e eu acho que não é, eu acho que às vezes as pessoas identificam que as pessoas são toxicodependentes, ou que são adictas de alguma coisa…” (Cristina, F26)</li> <li>“(…)… essa marca [da toxicodependência] eu acho que é uma ferida que não se consegue sarar, nós próprios é que a temos de sarar aqui na nossa cabeça, ou seja, com muita força de vontade (…)” (José, G10; 11)</li> <li>“(…) eu deitar-me a pensar nisso, levantar-me a pensar nisso, e… tentar adquirir a todo o custo, de qualquer das maneiras, (….) porque ninguém nem me queria a trabalhar… com o aspecto que eu tinha, era impossível (….)” (José, G14a)</li> <li>“Eu sei que antes não me olhavam como me olham agora… já me olham diferente, estou mais forte, achavam-me coiso, notavam logo, qualquer pessoa via logo… que eu andava na droga…” (Mário, L24)</li> </ul> <p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>“(…) organizei a minha vida, eu tinha… aluguei casa, comprei carro… tinha a minha vida organizada, tinha o trabalho, tinha a minha vida… e mais uma vez…” (Jaime, B5; 28)</li> <li>“(…) eu era o único que ainda estudava na altura… dizia para eles [os meus amigos]… eu sempre fui muito desportista (….) e tinha o quarto cheio de não à droga (….) todo esse tipo de coisas, era comigo… os meus amigos consumiam drogas, e eu andava sempre de volta deles… “eh pá, é pá não façam isso, pá. (….) [é] de</li> </ul>
Auto-imagem	1. Paragens	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>“(…) organizei a minha vida, eu tinha… aluguei casa, comprei carro… tinha a minha vida organizada, tinha o trabalho, tinha a minha vida… e mais uma vez…” (Jaime, B5; 28)</li> <li>“(…) eu era o único que ainda estudava na altura… dizia para eles [os meus amigos]… eu sempre fui muito desportista (….) e tinha o quarto cheio de não à droga (….) todo esse tipo de coisas, era comigo… os meus amigos consumiam drogas, e eu andava sempre de volta deles… “eh pá, é pá não façam isso, pá. (….) [é] de</li> </ul>

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Paragens (cont.)	<p>matar, o que é que vocês andam aqui a fazer"... (António, D1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) mas estive bem. Conquistei o meu espaço, arranjei o meu trabalho, (...) pus-me numa relação ah... espectacular... tinha tudo... tinha condições para ir buscar os meus filhos, e... de repente... deitei tudo por terra, tudo... e eu já sabia o que era..." (Maria, E5)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) foi assim [que comecei a consumir], depois foi ter querido parar, várias vezes, consegui parar dois anos e meio (...) p'raí quando tinha vinte e cinco anos, e depois também já consegui um ano e meio a seguir..." (Cristina, F9)</li> <li>• "(...) [Estive num sitio onde] Não havia [drogas], (...) nas ilhas (...) entre França e a Inglaterra (...) e então aí nessa ilha não tinha droga, (...)]" (Cristina, F18; 22);</li> <li>• "(...) parámos sempre os dois (...) um poder parar e o outro não... não pode ser, então (...) como é que está um parado e o outro ao lado a dar (...)]" (Cristina, F37)</li> <li>• "(...) dessa vez [que estive cá] não estava com o João Miguel... o João Miguel ficou em casa a ressacar, e eu fiquei aqui (...) Não resultou nada... resultou o quê, resultou onde!... não, porque a gente estamos tão pegados um com o outro, (...)]" (Cristina, F45)</li> <li>• "(...) quatro dias foi o máximo, tenho a impressão (...) nesta comunidade (...) já noutras não, nas outras (...) estivemos aqui três vezes, já estivemos mais três vezes noutras sitios, são curas de dez dias, e quando entras não podes sair (...) Eu prefiro este [sistema] (...) se pudesse (...) ficava mais tempo de boa vontade (...)]" (Cristina, F47)</li> <li>• "Tem sido uma luta (...) entre mim e a toxicoddependência, não é (...) e eu tenho tido muita força de vontade, senão... não estaria aqui, não é..." (José, G1a)</li> <li>• "(...) fui-me conseguindo afastar gradualmente (...) das pessoas com quem eu convivia (...) dos grupos com quem eu convivia (...)]" (José, G13)</li> <li>• "(...) abrimos um cafézito, snack bar, não é, onde dávamos almoços, e jantares, (...) foi bonito, e foi bom, mas ao mesmo tempo foi mau, porque eu fui mais um sócio, montámos... montei aquilo mais um sócio, e quando eu me apercebi que ele me andava a enganar, (...) tive que... mesmo... fechar aquilo... mas ainda sobreviveu dois anos, (...) foi para aí dos vinte e nove aos trinta e um... que eu estive a trabalhar...foi na fase, que... prontos... eu juntei-me com uma moça, e entretanto depois abri o estabelecimento, com outro rapaz... quando fechei o estabelecimento, foi nessa fase que eu... que eu me meti na toxicoddependência..." (José, G36; 37)</li> </ul>
---------------------	------------------	--

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Paragens (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) é a terceira desintoxicação que eu faço, aqui neste centro... foi por intermédio (...) de uma senhora que trabalhou com o [diretor da comunidade que] tivemos conhecimento... e entramos para esta comunidade...(...) A primeira vez que vim, vim com a Cristina... estivemos cá cerca de quatro dias, depois...(...) Fomos embora... depois voltámos outra vez passado, salvo erro, seis meses... só voltei eu... estive quase uma semana, depois saí outra vez, depois viemos agora outra vez...(...)”(João Miguel, H1)</li> <li>• "... têm um emprego, pronto, vão pagando, vão andando com aquele dinheiro a comprar a droga que faz falta, e têm mil e uma desculpas... e depois é assim, apanham um período de férias, uma semana ou duas que têm de férias... "vou... vou-me tratar" (...) eu já fiz isso tanta vez também! (...) tudo bem, estás aqui uns dias, vais para casa, se tiveres lá em casa alguém que te controle, de uma certa forma, com um antagonónico, com uma coisa do género, andas ali... três ou quatro meses... depois começa a inventar desculpas... "ah, já estou bom, não preciso do antagonónico" e tal (...) é uma forma de regressar para ao pé da família, "ah agora desta é que é", quem já não lhe dava dinheiro já vai começar a dar outra vez. vão dar para um maço de tabaquito, já ajuda, uma pessoa que tenha quinze ou vinte euros para gastar, se não tiver que comprar tabaco, se só tiver que comprar a dose, meter-se no carro..." (António, P17)</li> <li>• "Mas entretanto, faz-se parte do ... do esquema... parte do esquema ou porque... pronto, já não tem saída, a pessoa já não sabe o que há-de fazer, "onde é que vou arranjar dinheiro", "olha, vou fazer uma paragem... vou fazer uma paragenzita!..." (António, P20)</li> </ul>
Auto-imagem	2. Aspectos materiais	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) depois a vida financeira também não está... nada boa..." (Dário; C15a); "... fui levar o carro para a oficina, não é... e depois o patrão tirou-o da oficina... era para pagar ao patrão (...) como deixei lá de ir trabalhar... que eu não deixei... e não acabou de pagar ainda (...) cento e tal euros para pagar(...), o patrão ficou lá com o carro... mas... está guardado..." (Dário, C32)</li> <li>• "(...) [eu] era mesmo verdinho naquilo... o dinheiro não faltava... droga também não..." (António, D7)</li> <li>• "(...) a gente (...) tínhamos vários negócios em comum (...) além de sermos irmãos, éramos sócios (...) ficámos com os negócios que eram do nosso pai..." (António, D10)</li> <li>• "(...) mas sempre na retranca, nunca quis abrir o jogo... porque as pessoas ah... como o sítio era de responsabilidade, e punham-me muito dinheiro nas mãos, trabalhava com quinze mil contos diariamente (...)" (António, D21; D22)</li> <li>• "(...) e o meu pai (...) começou-me a influenciar, e a achar... "Maria, vai para a A. [Pais], porque lá ganhas</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

<p>Auto-imagem (cont.)</p>	<p>Aspectos materiais (cont.)</p>	<p>bem"...e não sei quê... e eu, como sempre, deixei-me ir (...) porque é assim... eu depois entretanto soube o que é que ia ganhar (...) mil euros... duzentos contos (...) eu pouco menos tirava onde estava (...) eu não sei o que é que me levou a... a... dar tal passo, ou porque não quis desautorizar o meu pai (...)" (Maria, E6a)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "E com (...) a branca, com a cocaína pior ainda... quando cheguei cá trazia dinheiro..." (Maria, E10)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) salarialmente, a tabela é mais baixa [para] Uma pessoa que não tenha o curso... eu por acaso no meu gabinete não tenho esse problema, porque sou uma das pessoas que ganha mais (...), porque fui uma das últimas a entrar. E como fui uma das últimas a entrar, e eles precisavam muito de mim, eu disse a eles... foram eles que me convidaram para eu ir para o gabinete (...) Eu estava a trabalhar, e eu despedi-me de um outro gabinete para ir para aquele gabinete, portanto eu disse-lhes "se vocês quiserem dar xis, eu aceito, venho-me embora, e ficamos todos, se vocês não quiserem, eu não venho..." e foi assim, eles concordaram, eles quiseram, e eu ganho mais do que quase todas as pessoas, excepto prai duas ou três, (...). Sem elas saberem, porque pagam-me um xis por fora, outro xis, (...) senão havia confusão...portanto eu no recibo recebo um xis, no banco depositam-me um ypsilon." (Cristina, F11)</li> <li>• "Tenho dividas, (...) que consigo ir pagando (...) até que há-de chegar um dia em que, se continuar na minha situação, (...) há-de haver uma ruptura...espero que não aconteça isso, não é (...) eu tenho que parar..."(Cristina, F49)</li> <li>• "O que é que já perdi!... Já podia ter tanta coisa! Já podia ter a minha casa paga, já podia ter um bruto Mercedes (...), uma casa no Algarve (...) ou no Norte, (...) desde os meus dezasseis anos que eu trabalho, por isso, veja bem o que é que eu já não perdi... não tenho nada, só tenho uma casa (...) nem está toda paga (...)" (Cristina, F50)</li> <li>• "(...) por isso é que eu cheguei a pontos que não adiantava [viver fora daqui, fazer os tratamentos, trabalhar], então eu com o dinheiro que eu ganhava, nem chegava tão pouco para andar aqui todos os dias nos tratamentos ...moro ali, [zona em Lisboa] (...)" (José, G6b)</li> <li>• "Eu falo um bocado por mim.... não foi um muito, muito... [a parte económica que me trouxe aqui] (...) mas se calhar com os anos a decorrerem, já leva a esse campo, porque o que falo com os outros, penso que seja essa parte..." (João Miguel, H3)</li> <li>• "Penso que se a droga fosse... sei lá, ou... dada não digo mas... a um preço mais reduzido nas farmácias... se lá houvesse... acho que se calhar... os toxicodependentes não a largavam, muitos se calhar não a largavam... penso eu..."(João Miguel, H4)</li> </ul>
----------------------------	-----------------------------------	---

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Aspectos materiais (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Tenho que trabalhar, para pagar as despesas que temos... as casas...(...) Tem sido sempre trabalho... sempre no mesmo sítio... e ela também, graças a Deus...” (João Miguel, H15)</li> <li>• “(...) [Estou a planear ir em Maio ao meu País] ao passo que antes se calhar ainda não estou mesmo bem preparado, porque tenho a família, tenho mãe, tenho pai, tenho que levar algum dinheiro, e no caso vou ver quanto é que ia arranjar.... para fazer uma casa lá, talvez como a que os miudos estão, e pronto para iniciar qualquer trabalho, para deixar qualquer trabalho iniciado... porque ali para o mês de Maio já estou mais preparado...” (Dário, J19)</li> <li>• “(...) a gente comprámos casa (...) Mas ficou ela com a casa, eu não quis nada... para a menina...” (Mário, L36)</li> <li>• “(...) nós estivemos a morar, dois ou três meses (...) no princípio, quando viemos de [país estrangeiro], para cá, Portugal, estivemos em casa dela [sogra] dois ou três meses, ele encontrou trabalho de estafeia, começou a trabalhar, e alugámos uma casa nos F.[local] os três sozinhos, mas a renda da casa era muito cara, era quinhentos euros, todos os meses quinhentos euros mais o comer, a água, tudo, pronto... mas ele, com o ordenado que estava a ganhar, chegava, mas ficávamos também com muito pouco (...)” (Nela, M5a)</li> <li>• “...o António [monitor] disse-me que não me preocupe com nada, toda a família [dele] e uma senhora, (...) que é do serviço social aqui (...) SG [local], (...) e falaram com o padre (...) já têm roupinha, já têm um carrinho, (...) e o Óscar [marido] (...) estava mesmo em baixo(...) porque estava à espera (...) mas ainda não tem nada de dinheiro, e saber que o bebé está quase para nascer, que não tem roupinhas, não tenho nada (...) e um dia destes quando menos esperar, aparece pela porta, pois, noutra dia trouxeram ao J[filho] um saco enorme de brinquedos...” (Nela, M36)</li> <li>• ““tenho que arranjar dinheiro, senão vou passar mal”, e depois arranjam-se aquelas artimanhas, roubar não, isso nunca andei a roubar, mas pronto, ia muito à Cova da Moura, que é que eu fazia... tinha um amigo, (...) que tem carro, entrar lá a pé é um bocado complicado, porque há assaltos, (...), e nós tínhamos lá um conhecimento, uma pessoa que vendia, nós íamos de carro... os outros, (...) queriam a droga, (...), trazíamos e levávamos o dinheiro de todos, íamos lá de carro, comprávamos, e eles, como era alguma quantidade, ofereciam um bónus, (...) esse bónus dava para eu consumir, e para o outro... e trazíamos para as pessoas, pronto... aí já tirava [a rissaca]...” (Rogério, Q16)</li> </ul>
Auto-imagem	3. Discurso sobre o próprio	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) eu era uma pessoa muito agitada, uma pessoa... sei lá... eu era uma pessoa... que por vezes, reagia mesmo mal às situações... e eu aprendi aqui a ser uma pessoa mais ponderada (...)” (Jaime, B9; 10)</li> </ul>

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Discurso sobre o próprio (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “[Na outra comunidade](...) aprendi a ser uma pessoa educada, (...) aprendi a respeitar o espaço das outras pessoas (...) aprendi a dar-me com as pessoas, (...) por mais confusões que tivesse com a pessoa (...) aprendi a não criar ambientes adversos para ninguém... nem comigo próprio nem com ninguém (...) aprendi a ser uma pessoa respeitadora e respeitada... (...) fui talvez aprender o que era realmente a confiança de parte a parte...” (Jaime, B24)</li> <li>• “(...) eu não falto ninguém ao respeito, não... tenho a minha postura... até gosto de pouca conversa, sabe...” (Dário, C25)</li> <li>• “[Tenho] Trinta e cinco [anos]... já está na altura de começar a ter juízo... começar a... a ser eu a tomar conta da minha vida... não é a ela a tomar conta de mim...” (Maria, E4)</li> <li>• “(...) mas questões (...) como a confiança, como... a minha própria dignidade... os meus princípios, apesar de nunca... os ter perdido totalmente... mas muita coisa, acaba por arrastar [com o consumo]... eu tinha consciência disso tudo... pois fui cair outra vez no mesmo erro...” (Maria, E13)</li> </ul> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Uma pessoa na vida tem que ter planos, tem que ter decisões... se ficar só na mesma rotina, na mesma rotina mesmo esquecido... acho que não é...” (Dário, J20)</li> <li>• “[o meu marido] ele agarrou-se à Bíblia, e agora também, todas as noites tem a sua Bíblia e lê a Bíblia (...)” (Nela, M33)</li> <li>• “(...) e eu sou uma pessoa que, meu Deus, gosto de trabalhar, gosto de andar sempre a trabalhar para aqui e para lá, mas se me dizem uma coisa, gosto que a cumpram...” (Óscar, N7)</li> <li>• “(...) eu geralmente sempre fui uma pessoa que gostei de contar com o dia de amanhã...” (Óscar, N14)</li> <li>• “(...) não nos podemos refugiar na droga... quando nos passam estes problemas, a última coisa que podemos fazer é refugiar na droga...refugiar na droga não nos ajuda a nada... ajuda naquele momento, mas... logo no outro dia te levantas, e tens o mesmo problema...” (Óscar, N35)</li> <li>• “(...) aquela pessoa, aquela pessoa que a gente tinha perdido há... mais atrás, vai começando a vir ao de cima, e isso sente-se, à medida que vamos fazendo retrospectivas, vai aparecendo, muita vez...” (António, P2)</li> </ul>
Auto-imagem	4. Razões de entrada na comunidade	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “[vim para a comunidade] para me separar um bocado do álcool. Porque causei muitos problemas à minha</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Razões de entrada na comunidade (cont.)	família, o álcool e isso...” (Carlos, A2)
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) eu já estive no princípio disso [uma pessoa que fica mesmo dependente do álcool, (...) não faz nada, rigorosamente nada, nem com ele, nem com os outros], por isso é que eu pedi para... eu não pedi para vir para este centro, eu pedi a um amigo meu, o MCM lá de do HC, eu disse “olha lá, arranja-me... um sítio qualquer, para eu ir... é pá, mas o mais longe aqui possível de C. [terra onde vive], porque aqui eu saio...” (Carlos, A12)</li> <li>• “[depois da morte da Fátima e da recaída]... andei na corda bamba... a pensar o que é que queria fazer... e então... decidi vir viver para aqui novamente... entre outras decisões que podia ter tomado... decidi vir...” (Jaime, B7)</li> <li>• “(...) às vezes o rapaz [amigo traficante] chegava a casa fechava a porta... tinha dois três dias fora... e eu dormia às vezes na rua, ou não sei quê, em casa dos amigos... pronto, também... com álcool também... cheguei a uma situação que tinha de pedir socorro...” (Dário, C3)</li> <li>• “(...) depois [de tentar a metadona, e não resultar] fui ter com os meus patrões... isto há um ano atrás (...), e disse a eles “Eh pá, olha... eu já não aguento mais... já ando num desgaste, já ... já ando a ficar maluco... e vou abrir o jogo...”, “então o que é que se passa?”... “eh pá, passa-se...” (...) eles sabiam que eu tinha tido um problema com drogas (...) antes de ir para lá (...) “pá, eu há dois anos para cá que ando... que ando outra vez a consumir...” ... “é, eu sabia, estava-te farto de...”, aquela conversa do costume... “pá, mas só que isto está numa altura, que eu... (...) ou paro agora, ou então (...) dou cabo de mim, porque eu (...) já não tou bem, (...) já não ando bem, a minha cabeça já não funciona (...)” (António, D25)</li> <li>• “(...) e [o cliente conhecido] falou-me.... falou-me no Rodrigo [monitor] (...) “o Rodrigo ... é pá ele está à frente de um Centro, e não sei quê....”, minto ele primeiro diz-me assim... “oh Maria, tu (...) nunca pensaste em ir para um Centro?” ... “Pá já, por acaso já... já estive naquela de ir para a RETO, ou para a REMAR... eh pá mas é assim... eu fazer ... eu fazer (...) uma cura a frio, não me aguento... quer dizer, eu acho que.... não me aguento (...) mas olha, em último caso eu estou a ver que...”(Maria, E20)</li> </ul> <p style="text-align: center;">2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Porque estou de férias, e queria-me (...), pura e simplesmente deixar de me drogar, (...) porque cada vez eu tenho menos (...) cada vez as coisas são mais caras, cada vez há menos dinheiro, (...) cada vez tenho mais dívidas, (...)” (Cristina, F28a)</li> <li>• “Portanto eu (...) andava na toxic dependência, e através (...) duma instituição que está ali para C. [local], (...) uma equipa de rua, (...) falaram comigo, e perguntaram-me se eu não estava interessado em fazer a</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Razões de entrada na comunidade (cont.)	<p>desintoxicação, e eu disse que “concerteza que sim, então, estou farto desta vida...”. (...) um... mexeu os cordelinhos para eu dar entrada aqui no centro... fiz as análises, o raio x, as coisas todas, pronto, a ver se tinha algum problema, e assim que houve vaga, entrei (...) em 2004 (...) eu praticamente estou cá desde 2004, entrei em Junho de 2004, (...) não me tenho distanciado da comunidade (...) vou só a casa, e vou lá às vezes quinze dias ou um mês, mas regresso sempre.” (José, G1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu acho (...) que o que leva o toxicodependente a curar-se, normalmente, é a parte económica... penso que... pouca gente deve falar nisso, mas acho que resume-se quase sempre a isso... penso que seja isso...” (João Miguel, H2)</li> <li>• “(...) não gostava da vida que levava (...)” (João Miguel, H4b); [A Cristina com quem vivo] tem um filho o que é complicado, em casa... tínhamos mesmo de nos curar...” (João Miguel, H6)</li> <li>• “A gente morava no B[local]... agora vim morar aqui para a minha tia, para o meu tio, têm-me ajudado, mas desta vez vim mesmo fazer a cura porque já estava quase no fim... foi por esse motivo... se não me tratasse agora, já não havia nada a fazer...” (Mário, L5)</li> <li>• “(...) nós estávamos a morar na casa da minha sogra, então havia chatices, ela não se dava bem comigo, discutíamos sempre e ela tinha ciúmes, e ela não me queria em casa, não gostava de mim. Então eu falei com a assistente social do CAT, se podia arranjar-nos uma comunidade, também andávamos com a metadona, estávamos há um mês sem as drogas, então pedimos e aproveitámos a oportunidade de vir para aqui para a comunidade (...)” (Nela, M1); “(...) quando aconteceu a discussão [com a minha sogra], meteram-nos numa pensão até que na quarta-feira, o dia que tínhamos marcado para que viéssemos para cá, até quarta-feira tivemos que esperar para ingressar na comunidade, e estivemos uma semana em duas pensões diferentes...” (Nela, M10)</li> <li>• “(...) agora a mãe [do Oscar] em cima de tudo [estar a substituição com a metadona], estava lá todos os dias a chatear-nos, e eu falei com ele [o marido, Oscar], ela agarrou-me e tudo, foi uma questão de luta, mesmo, chegámos a lutar, mesmo, ela marcou-me todo o corpo, e eu decidi sair da casa (...)” (Nela, M4; M5)</li> <li>• “Prontos, a minha finalidade foi conseguir largar as drogas. Foi através de uma pessoa amiga, que era o Rodrigo [monitor], pronto, houve um dia que eu falei com ele e ele disse-me para eu vir, mesmo, vim, e cá estou...” (Rogério, Q1)</li> </ul>
Auto-imagem	5. Papéis na comunidade	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) então actualmente sou a pessoa abaixo do Rodrigo, (...) ele é o monitor, é responsável por isto, e eu tento ajudar noutras situações, em que ele não pode estar presente (...) gerir a casa, e gerir o ambiente da casa...”</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Auto-imagem (cont.)	Papéis na comunidade (cont.)	<p>(Jaime, B14): "... a gerir, no sentido de haver bom ambiente, não haver conflitos, não haver... ou seja, é... pronto, maus ambientes, mais isso... não haver confusões, não..."(Jaime, B15)</p> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) eu aprendi através da vida, (...) várias coisas, eu aqui dentro desempenho vários papeis, (...) como já reparou (...) agora actualmente estou a fazer a cozinha (...) [mas] faço tudo....pinto... pinturas...." (José, G25)</li> <li>• "[o meu filho faz anos e] eu próprio é que estudei a saída... combinei com o António, e ele disse "eh pá ó José tu vais quando te apetecer, então, tens direito aos fins de semana todos...", e eu disse "eh pá, olha, é assim, para tu ficares mais descansado, é assim, o outro não está cá, o Francisco, não tens aí ninguém que te faça a cozinha, e é assim, isto também mexe um bocado comigo, (...) a cozinha está segura, enquanto eu cá estiver... quando eu for a casa ou num fim de semana ou qualquer coisa, nessa altura, eh pá, olha... desenrasquem-se..." (José, G44)</li> <li>• "(...) é que nós aqui temos tratado da casa... muita coisa, muita coisa, havia muita coisa que estava estragada..." (Nela, M20)</li> <li>• "(...) Para mim é mais fácil lidar com muita gente, do que com pouca gente. Acho... porque é assim, se tiver cá pouca gente, eu facilmente consigo dividir a minha responsabilidade pelos outros, porque há poucos, não dá, assim quanto mais gente tiver, divido as minhas responsabilidades também..."(António, P11); "(...), a manutenção da casa, a parte ali da horta, os animais, em vez de ter uma pessoa... repare, atenção, tem que se fazer, tem que se andar sempre a dizer, "vais fazer...", assim torna-se mais fácil, "olha tu..."(António, P12)</li> <li>• "Nos primeiros dias, as pessoas que cá estão, estão sem obrigações, para já estão em período de adaptação, e durante esse período é que uma pessoa mostra-se, sem querer vai-se mostrando... então depois, a partir daí a gente experimenta (risos) ..." (António, P13)</li> </ul>
Auto-imagem	<b>6. Saída da comunidade</b>	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) se me der na cabeça, daqui a bocado pego na mala, passem bem e vou-me embora... só que eu sei que... não me sinto, para já não me sinto preparado, porque não... não... não vou beneficiar em nada em sair já, e depois se saísse daqui, bom...[ia] arranjar dinheiro para ir para o alcool..." (Carlos, A9)</li> <li>• "(...) andava aqui (...) ia para o meu trabalho, sala, vinha cá... pronto, de vez em quando tomava uns copinhos, às vezes com um cheirinho, não sei quê... e depois sentiam... aquele cheirinho, e não sei quê... depois... e... começaram a telefonar [ao director da comunidade], e não sei quê, que eu andava... andava assim... bom,(...) fizeram isso [umas] três ou quatro vezes... até que... pronto, chegaram a uma conclusão... que eu senti-me</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Auto-imagem (cont.)</p>	<p>Saída da comunidade (cont.)</p>	<p>mesmo perseguido, não sei quê... que tinha que sair(...) eu não me sinto bem aqui... saf. (Dário, C18)</p> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) agora imagine, eu sair daqui, no dia trinta, chego no dia trinta, vou trabalhar no dia trinta e um, deste mês, dia trinta quando for ao banco já lá tenho o meu ordenado, não é? E... o que é que me vai apeteecer fazer?... (Cristina, F32)</li> <li>• "Não dá porque olhe, quem é que vai trabalhar por mim? Ninguém. Quem é que me vai pagar a casa, ninguém. Portanto, vou ter mesmo que ir trabalhar, Porque senão não vou ter dinheiro para pagar as minhas coisas, (...)" "ah se calhar mais valia não trabalhar, do que ir lá dar na droga...", eh pá mas o que é certo é que eu continuo a dar na droga e continuo a ter as minhas coisas, não é... "(Cristina, F48)</li> <li>• "(...) no nosso caso é complicado porque nós trabalhamos... normalmente não temos baixa... nós estamos de férias, agora, aproveitámos para vir... o [director da comunidade] até nos deu baixa, a mim, mas eu não quis a baixa... mas é complicado (...) Vou ficar até... até dia trinta, dia um tenho que ir trabalhar... a baixa é só durante os meses, doze dias... que era para depois poder ter as férias outra vez (...) Preferi não por a baixa... não, ninguém tem que saber que eu estou doente..." (João Miguel, H10)</li> <li>• "(... ) tenho que ir à minha médica de família, por causa da baixa (...), a baixa é mais para o fundo de desemprego, para não fazer uma possível convocação..." (José, G45)</li> <li>• "(...) já estive para ir-me embora, mas o António [monitor] disse-me logo "vais para a rua, vais-te desgraaçar..." (Mário, L28)</li> <li>• "(...) eu quando sai daqui da outra vez eles dissera-me logo "olha Rogério, tu vais-te embora, mas os dias que estiveste cá não são suficientes...tu, os anos que andaste nisso, estiveste cá este tempo só, tu mais cedo ou mais tarde vais lá cair... ", e foi verdade..." (Rogério, Q19): "Achei que não... estava convencido que chegava lá fora, e que... não, aliás, quando sai daqui pensei "não, não vou tocar em nada....vou...", estava-me a enganar a mim próprio..." (Rogério, Q20)</li> </ul>
<p>Carreira moral</p>	<p>1. Inevitabilidade do consumo</p>	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) por que há uma coisa que eu... que é isso que me faz confusão... é as pessoas serem mentirosas com elas... eu não sou mentiroso comigo, eu sei, eu sei, eu digo isto na frente deles e choco-os, eu digo-lhes [às outras pessoas na comunidade]: eu, quando sair daqui, eu vou beber, porque eu sei que vou beber (...)" (Carlos, A10)</li> <li>• "(...) e eu estava consciente (...) do erro que estava a fazer... eu sabia de tudo, eu... sabia que ia começar a</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Inevitabilidade do consumo (cont.)	<p>sofer outra vez, que ia por em risco aquilo tudo que eu tinha conquistado... e que me custou... e que me custou (...) não me estou a referir só a bens materiais (...)” (Maria, E12)</p> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) a coisa anda na população em geral... “oh, pá, isso é muita difícil” ... “isso nunca mais eles saem dessa vida”, “então e o não-sei-quantos... ele esteve não-sei-onde, esteve não-sei-onde...” ... o problema é que as pessoas... há uma altura que resulta, e resulta com todos, porque há a altura em que a própria pessoa diz “eh pá, esta vida... esta vida chega” ...” (António, P19)</li> <li>• “(...) depois não sabia o que era estar agarrado aquilo, eu via os outros e lembra-me de comentar estes gajos são parvos, sabem o que isto faz, prontos, via aquela história do estado a que as pessoas chegavam, a parte física, e tudo, e de repente dizia sempre, “não eu comigo isto não vai acontecer”, que eu não vou... experimentei, mas sempre naquela, não isto, eu experimento hoje mas largo, e acabou, quando dei por ela, já estava, (...)” (Rogério, Q6a)</li> </ul>
Carreira moral	2. Toxicodependentes e alcoólicos	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) eu quando me refugio no álcool, (...) normalmente é para esquecer qualquer coisa... quando ando chateado, não vou ter com amigos nem com ninguém, é logo para o álcool, e é logo para o whisky, que é a bebida que eu gosto mais (...)” (Carlos, A4)</li> <li>• “(...) um alcoólico é um indivíduo... eu já fui, já pude ultrapassar]... cheguei mesmo ao limite, um alcoólico é uma pessoa que fica mesmo dependente do álcool, não... não faz nada, rigorosamente nada, nem com ele, nem com os outros, nada... só... só bebe álcool, não é... não vê mais nada...” (Carlos, A11)</li> <li>• “(...)... um drogado torna-se um mentiroso nato!... isto... a gente convence-se das próprias mentiras (...) [quando nos convencemos das próprias mentiras] passamos a ser aquilo que somos realmente... é uma mudança muito muito... inclusivamente, é assim... eu estou farta de dizer isto aqui, e... todas as pessoas que andaram a consumir dizem o mesmo, ... nós quando estamos dependentes... nós temos uma imaginação para arranjar dinheiro, que é (...) uma coisa impressionante... nós não temos vergonha de nada, a gente inventa... eu não sei onde é que vamos arranjar (...) tanta coisa, tanto pretexto, tanta imaginação...” (Maria, E22)</li> <li>• “a gente às vezes deturpa um bocado a... quando anda na vida... deturpa a... a confiança é... é... quem nos dá é que confio, não é...” (Jaime, B25)</li> <li>• “(...) fora da droga... nós não conseguimos fazer nada... mas rigorosamente nada... não... (...) aqueles meios,</li> </ul>

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Toxicodependentes e alcoólicos (cont.)	<p>aqueles truques, (...) nós não fazemos... a não ser quando as pessoas já são assim por natureza, pronto (...) quando somos obrigados a tomar essas atitudes (...) porque estamos mal, porque temos uma dependência... e precisamos daquilo... nós arranjamos sempre forma de o conseguir... eu por exemplo, eu a consumir eu sou descartada... mas sou mesmo descartada, não tenho vergonha nenhuma, e na volta quando não consumo eu até corro... (...) vi-me em situações (...) que eu hoje digo assim, "eh pá, se eu ... se eu tivesse de fazer isso agora (...) eu acho que não conseguia..." (Maria, E23)</p> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) acho que um toxicodependente regressa mesmo... recai mesmo porque gosta da droga... acho eu... se não gostasse não voltava novamente, não é? Não tinha lógica, uma pessoa, (...) estar a fazer uma coisa que não gosta, só para dizer o quê? Que se droga? (...) Uma pessoa (...) tem que ter uma sensação qualquer! Senão as pessoas não são estúpidas de darem... milhares de contos, para (...) não sentirem nada, não é? Para não se sentirem bem! Portanto aquilo tem que ter uma contrapartida, tem que ter um balanço... aquilo é tão caro, mas se se fumar, se experimentar, aquilo dá uma sensação de bem estar, portanto aquilo é bom (...) só que é bom numa certa forma, é bom mas também é mau, porque provoca mazelas e coisas a longo prazo, mas acho que todos os toxicodependentes se drogam porque querem, e voltam-se a drogar porque querem, e porque vão estar bem, não é cá com desculpas de "ah, aconteceu-me isto, aconteceu-me aquilo", não, é porque já está, melido... está já mesmo dentro, não sei, acho que é difícil um toxicodependente recuperar... não é impossível, mas é difícil (...)" (Cristina, F16)</li> <li>• "(...) ex-tóxicos não existem, para mim não me venham com essa "ah, eu sou ex-tóxi" ... aquilo, a pessoa fica marcada para toda a vida (...)" (José, G8; 9)</li> <li>• "com essa gente...pouco se pode trabalhar (...) nós já fomos toxicodependentes e gostamos das coisas do mundo... como se dizia, é normal, vai-se ao cinema e gosta-se de fumar um cigarro... e depois o responsável dizia que não... depois começava a haver tabaco dentro de casa, começava a haver bebidas, e não sei quê, e eu disse "não" ..."(Oscar, N11)</li> </ul>
Carreira moral	3. Trabalhar e consumir drogas/ álcool (lá fora)	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) estive lá um ano [a trabalhar no restaurante]...nove meses no activo, e três meses de baixa..." (Jaime, B2)</li> <li>• "(...) trabalhava... não todos os dias, assim seguidos, mas... há dias que eu vou, há dias que não vou... porque eu não gosto de beber na obra... beber... bebo fora de obra... a obra como você sabe é andaime, e não sei quê..." (Dário, C4)</li> <li>• "(...) fico empregado numa fábrica, de um grupo, ali da zona, tinha uma vida boa, uma vida estabilizada,</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Carreira moral (cont.)</p>	<p>Trabalhar e consumir drogas/ álcool (lá fora) (cont.)</p>	<p>estava a trabalhar lá nos escritórios, e tal (...) entretanto, que é que eu faço... tinha hora e meia de almoço... trabalhava em A. [local] meia-me na... na ponte (...), vinha ao Casal Ventoso... fiz este trajecto durante um ano e tal, um ano e meio... a esconder de tudo e de todos... (...) eu consumia... eu consumia em cima da ponte... o carro a cento e sessenta à hora... as pernas no volante, e vinha... a consumir pelo caminho (...) não almoçava... os paiões pensavam que eu estava a almoçar (...) até que chega a uma altura em que o carro começa a ficar desgastado, já não se consegue fazer numa hora e meia, já começa-se a chegar atrasado, tem-se a responsabilidade de abrir o escritório, não tá lá a horas... chega lá está os colegas todos à espera... e começa a dar barraca." (António, D20)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) depois [de começar a consumir], falei com o meu paião (...) "Ó Á, isto assim não pode ser, porque eu estou a trabalhar uma média de catorze horas por dia (...) para estar a ganhar duzentos contos" (...) eu tinha alturas que nós fechávamos a gelataria... duas três da manhã (...) Tínhamos uma hora para o almoço, e uma hora para o jantar (...).O pequeno almoço, era tomado na gelataria, e tínhamos que falar com uma colega, para... para ficar no balcão (...) no nosso lugar (...) E era (...) comer muito rápido, muito depressa para depois irmos outra vez... só no balcão estávamos quatro pessoas (...) pronto, aquilo começou a ser... a ser muito saturante para mim... quer dizer... o percurso da gelataria até ao quarto (...) que aquilo era uma pensão... onde estavam lá várias pessoas alojadas (...) numa situação normal era dez minutos... e eu 'tive alturas que demorei meia hora para chegar a casa...porque eu já não me aguentava das pernas, (...) dava dois ou três passos assentava-me num lancl... já não aguentava mesmo (...) pronto, então falei com ele e disse "Eh pá, ó A., isto não pode ser... porque é assim... eu estou a trabalhar da maneira como estou a trabalhar... pá, e os duzentos contos não chegam... mil euros não chegam, de maneira nenhuma, então... para isso vou para (...) Portugal (...) eu sei que... nunca... que chegava a trabalhar as catorze horas cá (...) para ganhar [o mesmo]... de maneira nenhuma (...) Pronto, aquilo houve ali um... conflito, entre mim e ele... ele não quis ceder... e eu também não quis ceder... e então peguei nas minhas coisas e vim-me embora (...) Só que (...) já trazia o bicho... eu já tinha o bicho, como eu costume dizer, não é... eu já... já consumia (...)" (Marta, E9)</li> <li>• "(...) saíamos da gelataria, nós (...) tínhamos (...) farda, quer dizer, (...) as calças eram nossas (...) agora a camisa, e o colete (...) era da casa (...) às vezes a gente ia a casa, aos fins de semana por exemplo, (...) tomávamos um banho, e (...) trocávamos de roupa... durante a semana, íamos mesmo com a farda... às vezes tirávamos o colete (...) havia sempre (...) aquela rodinha de amigos mais chegados (...) aquilo eram três gelatarias... e estavam lá italianos, que aliás o meu paião era italiano... haviam lá italianos e portugueses (...) formou-se (...) dois grupinhos... e então havia (...) os das outras gelatarias que iam para a minha(...) no final do trabalho, iam-me buscar, ou então (...) eles se se atrasassem, íamos nós, buscar os outros, e então (...) era sempre uma média de cinco, seis... ao fim de semana, então é que ia, praticamente (...) ia toda a gente... às vezes, ou então ia metade... e depois ia a outra metade (...) o turco estava lá, na gelataria também... (...)</li> </ul>
-----------------------------------	--	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Carreira moral (cont.)</p>	<p>Trabalhar e consumir drogas/ álcool (lá fora) (cont.)</p>	<p>porque eu estava numa ilha (...) eu não estava em terra firme..." (Maria, E31)</p> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Consumo antes de ir trabalhar, e antes do João Miguel ir trabalhar, é quando nós consumimos, ou quando podemos nos encontrar, (...), porque de resto ou é de manhã, ou à hora do almoço, ou ao fim da tarde, e à noite, quando ele chega (...). [Chego a consumir] Quatro vezes por dia (...)" (Cristina, F12)</li> <li>• "(...) eu saio do trabalho ao meio dia e meia, entro às duas da tarde... do meio dia e meia às duas da tarde eu vou à cova da moura, compro, consumo, ainda vou comer uma sopa ao café..." (Cristina, F31a)</li> <li>• "(...) o ano passado, retirei-me aqui uns tempos da comunidade, (...) a trabalhar (...) como motorista de taxi (...) estive prai uns oito ou nove meses, fora da comunidade, (...) ia rever a minha vida, pronto, tentar estabilizar-me, mas, eh pá... não, não conjugava bem as coisas, eu estar a trabalhar lá (...) e vir quase que dia sim dia não, aqui, para o B. [local]. (...) os tratamentos era a quase dia sim dia não, (...) que era para fazer a quimio injectável, (...)" (José, G6a); "(...) resolvi regressar aqui, e não ter tentações, não é, que lá fora o mundo (...) é assim um bocado complicado, para uma pessoa que é [toxicodependente]" (José, G7)</li> <li>• "(...) eu a maior parte das vezes ia para os mercados, e pronto, andava tipo aos recados, as pessoas me pediam para acarrear [sacos] (...) eu ia para o mercado do campo grande, e aí era onde eu a maior parte das vezes arranjava o dinheiro para [comprar droga] (...)" (José, G14b)</li> <li>• "Eu estou a trabalhar, a Cristina também também, ela é contabilista... eu trabalho num restaurante, (...) O trabalho concilia bem, até... se não faltar a droga, concilia bem..." (João Miguel, H7)</li> <li>• "(...) consumo antes do trabalhar (...) por volta das... seis e meia, quando vou buscá-la ao trabalho, depois só consumo quando saio do trabalho... duas e meia, três da manhã... aguenta-se bem (...) Eu tenho trabalho à noite... ela por exemplo já trabalha de dia... é um bocado... é mais difícil, mas pronto, dá para estar com ela, (...), eu vou buscá-la ao almoço, tomamos o almoço juntos, depois vou buscá-lá quando ela sai do trabalho, ponho-a em casa e vou trabalhar (...) esse espaço que estou com ela consumimos (...)" (João Miguel, H7a)</li> <li>• "Entrava às sete da manhã... depois oito horas, ao trabalho, vinha almoçar, depois vinha às cinco, estava ali um bocado com eles, depois ia buscar a droga (...)" (Mário, L20)</li> <li>• "... o meu paião, então, já ando com ele há quatro anos, quatro cinco anos (...) quando eu sair daqui... sair... quer dizer, quando me derem ordem para começar a trabalhar... ele dá-me trabalho outra vez... mas vai ser a última hipótese que ele vai dar... tem aguentado muito (...) Está farto de me dizer isto... o que ele não faz à filha, é o que ele me faz a mim... tem-me ajudado muito..." (Mário, L25)</li> </ul>
-----------------------------------	--	--

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Trabalhar e consumir drogas/ álcool (lá fora) (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) eu trabalhei, trabalhei em parabólicas...montagem de antenas, trabalhava, e o que ganhava era para consumo, conseguia tapar aquilo, lá na empresa... lá ia desfaçando (...)" (Rogério, Q9)</li> <li>• "(...) o trabalho, depois, acabou... o trabalho depois chegou a uma altura que deu bronca, eles acabaram por se aperceber, e eu também não quis estar a pedir, dizer a verdade, e vim-me embora, vim-me embora..." (Rogério, Q14)</li> </ul>
Carreira moral	4. Experiências noutras instituições (em ambulatório)	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) entretanto ouço falar no CAT (...), na metadona (...) vou ao CAT (...) no Barreiro... peço ajuda a eles... eles sim senhor, (...) metem-me na metadona... (...) [o CAT] estava num sítio esquisito, porque (...) [é três bairros de droga, ali à volta do CAT... para ir ao CAT tem que passar por um deles. [de outra maneira] não chega lá...só se... só se vier por Lisboa, de barco (...)] é que não passa... pelos bairros da droga, para chegar ao CAT..." (António, D23)</li> <li>• "(...) nas Taipas não havia meio de me resolver o assunto (...) Eu (...) andei nas Taipas, na CAT de Sintra... de Mira Sintra... durante três anos e tal... três anos e quase quatro anos (...) [No CAT não me faziam] nada... nada, rigorosamente nada... eu cheguei ao ponto de andar a consumir e eles nunca... nunca me fizeram uma análise!... eu disse isso à minha psicóloga... "eu não sei para que é que eu ando aqui... ", "ah, mas porque, Maria? não te estás a sentir (...) bem?", "ah, estou-me a sentir muito bem, mas é assim, eu acho que o vosso sistema... (...) para mim não pega, porque é assim... eu até posso estar aqui com uma grande pedra... a bater com a testa no joelho... e vocês continuam (...) com essa terapia... para mim, não me diz nada (...) eu estou aqui há... há três anos, nunca me fizeram uma análise... como é que vocês sabem se eu ando a consumir ou não? Acreditam-se naquilo que eu digo?!"... "(Maria, E21)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) mesmo sem ela saber, a gente foi ao CAT, e puseram-nos tudo a metadona, e a minha mãe nunca desconfiou de nada... já tínhamos parado, andámos com a metadona mas ninguém sabia de nada..."(Óscar, N25)</li> <li>• "(...)... já não estava a consumir, já tinha parado, com a metadona, (...) falei com a dra., porque as coisas de vez em quando não andavam assim muito bem [entre a Nela e a mãe do Oscar], de vir para um centro, mas estávamos a tratar, evidentemente... (...) então quando se passou isso [saída de casa da mãe], teve que ser assim mais rápido... fui lá falar com ela, e disse "passou-se isto, (...) e eu não a vou deixar dormir na rua, porque fui eu que a trouxe para aqui... porque eu quero ficar com ela, e não a vou deixar na rua..." "não, não, Oscar, a gente vai já tratar do seu caso"... mandaram-nos para uma pensão dois dias, então a gente foi lá ao</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Experiências noutras instituições (em ambulatório) (cont.)	CAT falar com elas, elas pagaram mais uma semana de pensão, a assistente social, e viemos para aqui..."(Óscar, N26)
Carreira moral	5. Tempos de permanência na comunidade	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>"... eu... de momento... [estou cá há] oito meses... [antes] estive cá um ano e meio (...) depois estive cá três meses, mas estava a trabalhar, só vinha cá dormir..." (Jaime, B1)</li> <li>"... [entrei na comunidade] há dois meses atrás..." (Dário, C5)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>"(...) eu queria deixar de me drogar, queria mesmo, mas não sei se vou conseguir, ao fim de dez dias (...)" (Cristina, F29)</li> <li>"Cheguei Sábado à noite... comecei a medicação Domingo... hoje é o quarto dia à noite, exactamente (...)" (João Miguel, H1a)</li> <li>"(...) estive aqui um mês, depois fui-me embora, depois tornei outra vez a cair na droga, e agora estou cá há dois meses..." (Mário, L1)</li> <li>"(...) desta vez fui eu que pedi ao António [monitor]... para me ajudar, e ele mandou-me vir cá, e o [director da comunidade] mandou-me entrar, e já cá estou há dois meses..."(Mário, L7)</li> <li>"[Da última vez estive cá] Um mês, mas depois fui-me embora... achei que estava bem e fui-me embora... agora não, o António [monitor] tem-me ajudado, tem-me dado força para eu aguentar mais uns tempos..."(Mário, L11)</li> <li>"[Estamos cá] ... há um mês e uma semana e um dia..." (Óscar, N33)</li> <li>"Estou cá... a primeira vez estive cá doze dias, depois fui-me embora, voltei a recair, e agora estou cá há dois meses e tal, quase três meses, a segunda vez que voltei já ele [Rodrigo, monitor] tinha falecido." (Rogério, O2)</li> </ul>
Carreira moral	6. Percorso de consumo	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>"(...) eu cá nasci numa taberna (...)" (Carlos, A19)</li> <li>"(...) entretanto, a minha primeira... namorada, (...) tinha-se fartado de tanta mentira [esconder o consumo](...)"</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

<p>Carreira moral (cont.)</p>	<p>Percurso de consumo (cont.)</p>	<p>assim que a gente interrompeu o namoro... a cabeça começa logo a funcionar ao contrário (...) começo a beber muito... eu bebia mas era só... nas refeições, (...) entretanto começo a beber mesmo fora das refeições, (...) chega a uma altura em que o álcool (...) já não me enchia a cabeça... e então... eu conhecia bem o que é que me enchia a cabeça... por opção... má... (risos) lá fui outra vez para a heroína... começo a consumir... sistematicamente (...)" (António, D16)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) por azar, meu, eu pensava que a metadona fosse assim (...) bloqueasse o sinal da [droga]... a mim não me bloqueava, (...) eu dizia lá às doutoras [do CAT]... "ó doutora veja lá porque eu... porque eu fumo, e eu sinto... eu sinto a pedra..." "ah, não pode ser, (...) isso é imaginação sua..." "É? Está bem..." andei, andei, usei-me a tomar cento e quinze miligramas de metadona... e eu disse a ela, "doutora, atenção, eu consumo, à mesma, e fico bem..." (...)" "sinto aquela sensação boa na cabeça" ... e ela "ah, não pode ser..." (...)" "não pode ser?" "não..." "então está bem, olhe, a partir de amanhã deixo de cá vir..." deixei de lá ir..." (António, D24)</li> <li>• "Trazia dinheiro e aquilo... foi uma festa... depois... continuei a consumir cocaína... só que depois aquilo também já não chegava... e acabei por começar a... consumir heroína também..." (Maria, E11)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) consumo intensivo de heroína, digamos que é (...) o que causa mais mal, o que deixa mais sequelas (...) é desde os meus vinte anos, tenho quarenta e dois, foram vinte anos... comecei... comecei a fumar charros (...)" (Cristina, F3)</li> <li>• "(...) [Parei por duas vezes] e mais nada, o resto é consumir, trabalhar e consumir..." (Cristina, F10)</li> <li>• "(...) eu ia para lá [para o mercado] às seis da manhã, e saía de lá à uma e duas da tarde (...) quando o mercado fechava (...) ganhava uns bons contos de reis mas (...) não era muito gratificante, (...) ia metê-lo todo na... na toxicod dependência (...) quanto mais ganhava mais eu metia na toxicod dependência (...) consumia heroína e cocaína (...) juntas ou às vezes separadas, era conforme, mas era tudo fumado" (José, G15)</li> <li>• "(...) eu tenho quarenta e oito [anos] (...) [comecei a consumir] já um pouco tarde, tinha p'rai trinta anos, ou p'rai trinta e um anos..." (José, G16)</li> <li>• "(...) sabe como é que é... ao princípio começam a oferecer, e "experimenta", e "toma lá", a pessoa depois vai-se viciando, e prontos, e depois já não tem por onde... não há porta por onde sair..." (José, G21)</li> <li>• "(...) já lá vão dez anos (...) comecei [a consumir] aos vinte e nove... quase dez anos (...) tenho trinta e (...) oito anos (...)" (João Miguel, H5)</li> </ul>
-----------------------------------	--	---

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Percurso de consumo (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) e depois desde os doze anos que ando nesta vida... [agora tenho] Trinta e um..." (Mário, L3)</li> <li>• "(...) só era bom quando me casei, quando me casei é que era bom... ajudava toda a gente... depois desgracei-me outra vez... as minhas paragens foi quase sempre um mês, dois meses... mais tempo foi agora, quando casei... estive um ano, dois anos bem... depois avariei..." (Mário, L32)</li> <li>• "Foi... comecei hoje, amanhã não dava depois daqui a dias dava, depois comecei a dar todos os dias, até ela [a minha mulher] descobrir... e depois ela ainda me ajudou uma ou duas vezes..." (Mário, L34)</li> <li>• "Era cavalo [heroína], só, mais nada... e depois eram os serenais... e depois era tudo, dormicons..." (Mário, L37)</li> <li>• "Enão já estávamos há um par de meses com a metadona, já estávamos há sete ou oito meses a consumir, cocaína e drogas, (...) havia pouco tempo que tínhamos recaido outra vez, estávamos há sete ou oito meses a consumir drogas, e estávamos há dois meses com a metadona, andávamos... eu há dois meses com a metadona, e estávamos com toda a força de vontade (...)" (Nela, M3)</li> <li>• "(...) eu conheci-o numa comunidade, estávamos numa comunidade, estávamos na [nome da comunidade] mas fomo-nos embora, saímos (...), e fizemos a nossa vida num apartamento em P.[cidade], num apartamento... já estávamos a viver juntos e sozinhos há um ano... nós viemos para aqui por isso... e aqui depois foi isso, voltamos a recair, a meterno-nos outra vez... com problemas de droga (...)" (Nela, M7)</li> <li>• "Agora, cá, estive oito meses a consumir com o Óscar [marido], estava a ser fumada e injectada (...)" (Nela, M15a)</li> <li>• "Desde que nasceu o J[filho] eu já não toquei mais na droga, até agora (...). E se toquei, toquei poucas vezes, mas não foi para ficar agarrada muito tempo..." (Nela, M31)</li> <li>• "(...) [a primeira desintoxicação] foi em 99... 98, por aí... foi no final de 98, em Dezembro, nessa altura ainda era droga-droga... não como agora (...) [era] heroína, cocaína, era tudo..." (Óscar, N16)</li> <li>• "(...) tem que ser, encarar isto de frente e não posso voltar atrás [a entrada na comunidade]... porque também já perdi muito tempo (...) [consumia] era a heroína e a cocaína, (...) juntas, e foram alguns anos, cerca de vinte anos, com algumas paragens, mas pequenas, (...) tenho quarenta e três [anos]" (Rogério, Q4)</li> </ul>
Carreira moral	7. Percurso institucional	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) já estive em dois, antes de ser cá... já estive em [outro país], não me lembro do nome daquilo... mas calhou-me sempre, para onde eu fui, só apanhei drogados... é raro apanhar gajos alcoólicos (...)" (Carlos, A3)</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Carreira moral (cont.)</p>	<p>Percurso institucional (cont.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) sou uma pessoa que já vivi esta situação... antes de vir para aqui, da outra vez, já vivia numa comunidade, em (...) não tinha nada a ver[com esta]... levavam tudo ao extremo (...) tudo que você possa imaginar, desde... desde pedir para atarem um atacador, pedir para ir urinar, pedir para fumar um cigarro (...) estive lá nove meses(...) levantavam-se todos às sete da manhã, era uma casa de banho grande (...) todos faziam a higiene juntos... e não se podia falar até se sair do (...) compartimento dos quartos (...) até às cinco da tarde era cigarros de grupo, só quando o coordenador chamava é que todos fumavam, tinha que se pedir para acender o cigarro, e depois "posso apagar o cigarro" ... (Jaime, B23; 27); "... estive lá nove meses sem contacto com o mundo..." (Jaime, B26)</li> <li>• "(...) começa ele [o meu irmão] a querer sair... e eu a saber-me bem não queria, ainda andei assim mais outro ano, dois anos... até que ao fim de dois anos (...) fizemos uma cura (...) estivemos aqui [nesta comunidade]... os dois juntos..." (António, D9)</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "[Da primeira vez] Vim aqui ter à comunidade porque, num dos bairros de consumo, fomos apanhados pela polícia, tivemos uma multa, e (...) houve uma pessoa que trabalhou com o [director da comunidade], que nos encaminhou para virmos para o Centro. Falámos com o [director da comunidade], abriu-nos as portas para nós virmos [eu e João Miguel] e nós viemos..." (Cristina, F1)</li> <li>• "Uma vez vim sózinho porque... ela quis ficar em casa, a fazer a desintoxicação... não resultou muito bem... mas já estive noutras comunidades, já estive no A.[local, clínica], já estive em V. [local, clínica], e já estive no P.[clínica] (...) a pessoa está lá uma semana, uma semana e pouco... acho que devia ser uma semana e mais um tempo para recuperar... mais um mês, por exemplo, não sei..." (João Miguel, H9)</li> <li>• "Não quero [meter baixa]... já meti uma vez... pronto, a pessoa também pode ficar doente, não é... é um bocado complicado (...) a pessoa mete baixa, está doente e pronto ... ninguém tem que saber o que é que se passa..." (João Miguel, H11)</li> <li>• "Tenho vindo quase sempre nas férias, só uma vez é que pus baixa... acho que a primeira vez... a primeira vez que vim para aqui foi em Julho, que pus baixa, exactamente... eu normalmente tenho férias só quinze dias de Agosto, (...) a partir de Janeiro, temos férias outra vez, mais quinze dias, é a parte de Inverno... nós dois conciliamos com... com as férias [de Verão]..." (João Miguel, H13; 24)</li> <li>• "[refere seis nomes de instituições diferentes], estive em todos estes centros... desde 97 que comecei com a droga, até agora, e passei por esses centros todos, e na verdade, aqui, e aqui isto é, para mim (...) aqui está-se muito bem..." (Nela, M11)</li> </ul>
-------------------------------	---------------------------------------	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Carreira moral (cont.)</p>	<p>Percurso institucional (cont.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) eu tenho vinte e nove [anos] (...) [Saí do meu país natal] Com dezassete, dezoito... a primeira... saí da minha casa com dezassete anos, mas fui para uma comunidade, para o P[comunidade], onde passei um ano (...)” (Nela, M23)</li> <li>• “(...) pois, eu em 97 saí da minha casa, ingressei no P[comunidade] e conheci o pai [do meu filho], ele estava lá já há quatro anos e eu estava há um, e pronto, começamos (...) a gostar um do outro, e falámos com o director da comunidade, e separaram-nos dois ou três meses, a mim levaram-me para V[cidade], e ele ficou mesmo em B[cidade], porque estávamos em B. passaram-me para V., dois ou três meses, para trabalhar numa venda ambulante ao público, (...) estive aí dois meses até que me telefonaram (...), e disseram-me que regressasse para me juntar com ele. Trouxeram-me de volta (...) e ficámos a viver juntos como um casal, (...) e estivemos uns quatro ou cinco meses juntos até que fiquei grávida, (...) sem querer (...) [tinha] dezanove anos. Nasceu quando eu tinha vinte, nasceu em 99, tinha eu vinte anos, e que... isso, fiquei grávida, e expulsaram-nos, queriam que eu abortasse, pronto, porque eu tinha que ter falado com eles para eles me deixarem ficar grávida, mas a verdade é que não tinha feito de propósito (...) “aborta, ficas, se não abortas tens que te ir embora”, nós decidimos, eu falei com a minha mãe, ele falou também com o pai dele, e decidimos ir embora.” (Nela, M26)</li> <li>• “(...) eu estava em T.[cidade da comunidade] e ele [Óscar, marido actual] estava em B.[cidade da comunidade], (...) ele foi para (...) pintar a casa, (...) onde [o director] ia morar, (...) e então foi aí que o conheci, (...) falou com o director da comunidade, se me podia escrever cartas, (...) nessa comunidade era uma coisa muito séria, (...) tinha-se que casar para juntar-se... e depois era logo separado, o casal (...) ao cabo de um ano e meio, somente podia escrever-se uma cartinha e falar por telefone, um dia por semana... e logo eu que já tinha um par de anos de casada (...) marcámos, reunimos com (...) o homem que acompanhava os casais, falámos com ele, (...) Estávamos a conhecer-nos e queríamos constituir um casal. E ele disse “então vamos dar-vos um tempo (...) dentro de dois ou três meses voltamos outra vez a ver-nos, (...) e já combinamos que se verão cada quinze dias, (...) saí uma pessoa convosco, para que se conheçam” (...) isto foi o que ele disse, mas (...) havia (...) um encontro de todas as comunidades, lá (...) juntavam-se montões de pessoas, mais de trezentas ou quatrocentas pessoas, e eu e três ou quatro pessoas mais metiam-nos na cozinha, (...) mais um cozinheiro, (...) e por essa questão (...) não pude ir, (...) mas a questão é que (...) o retiro era dos casais que se iam casar, e estavam lá todos os casais menos nós...” (Nela, M32); “(...) fomos embora dali e fomos morar juntos para P.[cidade].” (Nela, M34)</li> <li>• “[O director da comunidade não queria que o miúdo viesse] Por causa do ambiente, (...) aqui como não havia miúdos, que era um ambiente um pouco pesado para ele, a gente explicou-lhe porque felizmente a Nela desde que o miúdo nasceu, pois... tem estado sempre em centros, (Óscar, N3)</li> </ul>
-------------------------------	---------------------------------------	--

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Percurso institucional (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Quando fui para lá [País] estive na R.[comunidade], ingressei aqui [e fui], e depois estive lá, sete anos, na comunidade...(Óscar, N4)</li> <li>• “Estive... fui para B.[cidade da comunidade], estive aí em apoio a uma segunda casa, e depois mandaram-me responsável para P.[cidade da comunidade]... também era assim perto... era primeiro, assim como o António [monitor], estive lá sete anos, entretanto...” (Óscar, N5)</li> <li>• “(...) era diferente, daqui... era já uma segunda fase, onde o pessoal já vinha todo já com quatro, cinco meses, reabilitado das drogas, bom reabilitado não vinha, mas pelo menos com o que é ressaca, e essas coisas, (N6-1) bom lá dentro, tínhamos uns dezoito ou dezanove camiões...e era diferente, o pessoal chegava pela manhã, (...) havia uma reuniãozinha da parte deles, falávamos todos os dias, e depois cada um saía com o seu camião, com os seus ajudantes, cada homem o seu trabalho, eu distribuía a chave dos camiões, o trabalho, cada um ia à sua vida... (Óscar, N6-2)</li> <li>• “(...) de inverno eu cheguei a estar lá três semanas fechado... sem poder sair de casa, nem para ir à casa de banho... tivemos que mandar uma parede abaixo, porque saímos (...) e as casas de banho eram assim ao lado... mas como cata tanta neve, (...) não se podia sair de casa... tive que (...) mandar a parede abaixo e fazer a entrada por dentro...”(Óscar, N13)</li> <li>• “(...) fui pintar uma casa onde ela estava, na casa das raparigas, conhecemo-nos, isto são oitocentos quilómetros, (...) falei com o pastor, e isso, e depois andámos assim, um ano e picos (...) até que eu me fartei e disse “não, eu segunda feira vou-me embora” (...) foi assim, fui buscá-la, aluguei uma casinha em P.[cidade], (...) ainda hoje estava aí, mas a minha mãe chamou-me para aqui, e foi a pior coisa que eu fiz...”(Óscar, N17)</li> <li>• “(...) [nas comunidades onde entrava] não queria lá estar mais... estava lá dois ou três dias, começava a ficar farto e vinha-me embora (...) quando fui para [o estrangeiro] foi sem saber, não foi nada combinado... não, fui à R.[instituição], tinha um rapaz amigo (...) [que me disse] “anda, está aqui a camionete!” ... e não sei, daquelas coisas que te diz “vai, vai, vai” (...) subi, e fui... e estive sete anos...” (Óscar, N23)</li> </ul>
Carreira moral	8. Expectativas, (objectivos, planos, ideais)	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) o meu programa?... olhe, agora quando entrei, (...) primeiro foi... amansar o meu coração... estava dorido... e depois será... encarar a vida, novamente... não cometermos... não cometermos os mesmos erros que já cometi... uma, e duas vezes...” (Jaime, B30)</li> <li>• “(...) agora o meu objectivo é [ter] a minha família... é ter as minhas coisas, ter o meu lar, se for possível, e se conseguir já ter alguém ao meu lado, que me possa ajudar, é ter os meus filhos comigo, é o objectivo que</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Carreira moral (cont.)</p>	<p>Expectativas, (objectivos, planos, ideais) (cont.)</p>	<p>qualquer pessoa..." (Jaime, B33)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...).... eu tenho vontade em dar uma visita [ao meu País]... para visitar, só que não consigo...(Diário, C15a)</li> <li>• "(...) para já é a estabilidade... e psicologicamente... que isto anda tudo... anda tudo avariado, não é... e depois é... criar condições para as coisas... é recomeçar a ter uma vida normal... ir buscar os meus filhos, por exemplo... e... essencialmente isso..." (Maria, E1)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) eu acho que eu para me recuperar tinha que ir para um sítio onde não houvesse drogas, como já fui uma vez (...)" (Cristina, F17)</li> <li>• "[O meu objectivo](...) é eu sair daqui, manter-me limpa até ao final do ano, e arrancar para os Açores (...) nos Açores também não me vou safar, por isso... não há lá droga (...). Em Santa Maria, não há..." (Cristina, F30; 30a)</li> <li>• "(...) como é que vai ser (...) vai ser igual à .... como era... voltar ao trabalho, e à rotina da minha vida... sem a droga, espero eu, não é... por isso não... só quando sair daqui é que posso dizer isso... mas em principio, se ficar bem, espero... continuar a minha rotina do dia..." (João Miguel, H20)</li> <li>• "(...)... estou a fazer tudo para ir para [País natal] de férias... quando eu tiver já dinheiro, e logo logo... vou no mês de Maio... mês de Maio, pronto, acho que o mês de Maio dá tempo para eu me preparar... vou-me preparar, até Maio, e se tudo correr bem vou..." (Diário, J8; 17)</li> <li>• "[Tenho que chegar à minha terra num] dia de festa, ou um dia importante... e pelos planos que eu fiz, até ao mês de Maio é o tempo para eu estar preparado... exacto, tenho tempo para pôr as passagens na mão..."(Diário, J18)</li> <li>• "É começar depois a trabalhar, arranjar outra vez uma vida como deve ser, arranjar... arranjar... ter uma vida melhor... do que aquela que eu tive... fugir um bocado desses ambientes, que a gente andava antes, de facto é um bocado difícil..."(Mário, L23)</li> <li>• "(...) era para por a questão, ao fim de um ano e meio, se o [director] me deixa ficar por aqui, parece que deixa, que o António [monitor] disse que sim, (...) mas a ideia da gente era fazer isso, como o Diário [viver aqui, trabalhar lá fora]... porque senão alugo uma casinha por aqui, a assistente social diz que se tiver um trabalho, que a casa não há problema... que ela paga, porque foi por ela que nos meteram, quando eu vim para aqui, porque deixei de trabalhar... foi ela que me disse, "se você tem estado a trabalhar, tinha cá vindo o mês passado, alugava uma casa e a gente pagava-lhe a renda...e escusava de ter esses problemas com a</li> </ul>
-------------------------------	---	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Carreira moral (cont.)	Expectativas, (objetivos, planos, ideais) (cont.)	sua mãe... mas não está a trabalhar, a gente não pode fazer isso...”, e tiveram que nos mandar para aqui...” (Óscar, N34)  <ul style="list-style-type: none"> <li>“(...) a minha ideia é ficar aqui um ano e meio, se pudesse mais, juntar um dinheirito e recuperar o que perdi... e começar outra vez de novo... nunca é tarde para começar (...) [tenho] Vinte e nove [anos]...” (Óscar, N39)</li> </ul>
Quadros de referência	1. Família	2005  <ul style="list-style-type: none"> <li>“(...) o G. [filho] tem o 12º ano, não seguiu porque não quis... foi para A.[local], tem lá um bar, (...) sempre gostou de trabalhar... lá agora de beber, [não]... (...) eu ainda insisti, “ó G., pá segue... faz um curso, como a tua irmã está a fazer”, e ... “ah, não... estou farto da escola, 12º ano e vou... vou... fazer a minha vida” ... não quis seguir...” (Carlos, A20)</li> <li>“(...) tenho os filhos lá em [País], pronto, eu tenho quatro filhos, sou pai de quatro filhos... estão lá, tenho mãe, tenho pai...” (Dário, C15)</li> <li>“Tenho cinco [filhos]. Duas meninas e três rapazes (...). A mais velha tem catorze.... e o mais novo tem... cinco...um rapaz...” (Maria, E2)</li> <li>“(...) eu bato o pé, e... sou rebelde, e... mas a minha mãe, por exemplo, e o meu pai... se me disserem que não, mesmo que eu ache que esteja errado, eu no fundo até faço...” (Maria, E7)</li> <li>“(...) a minha filha tem catorze anos e levou uma palmada na vida (...) uma... e foi porque ela me fugiu de casa... e conforme vai a descer o degrau vêm quatro motas... na altura, onde eu morava, aquilo era uma rua sem saída, era um bairro camarário... uma rua sem saída tinha seis casas, e então na altura vivia lá... ia para lá muita mota... e aquilo era um fim-de-semana, a família ia toda para o café, e a minha filha naquela coisa de (...) sair, porque ia para a rua, não é... abre a porta e sai... mas sai sozinha... e eu só me apercebo das motas... e só tenho tempo de fazer assim (...) aos cabelos dela, que ela tinha os cabelos compridos... para puxá-los, senão ela ficava-me ali.... debaixo das motas (...) e eu pego, e entretanto eu meto-a para dentro, parei (...) ao pé da porta do meu quarto, e seguro-lhe num braço, e faço-lhe assim, para lhe dar um açoite, só que levei mais força no braço do que devia, e a menina então bateu com a testa, portanto... deste lado (...) umbreira, faz ricochete e bate-me com a nuca aqui, do outro lado... bem, aquilo foi um pandemónio que eu entrei em pânico, a menina vai-se atrás do choro, só vejo a menina assim a cair, parecia uma tábua, começar a encarnolar, a ficar roxa, valha-me Deus, eu começo aos gritos... (...) não consigo reagir nada, rigorosamente nada.... o meu pai então com a sua grande calma é que pega na menina, começa-lhe a molhá-la, a virá-la, a virá-la ao contrário, dá-lhe uns açoitões, e aquilo passou... mas serviu-me de emenda, nunca mais bati na minha filha... nunca mais... mas também é assim, [os meus filhos] são crianças... que eu basta</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

<p>Quadros de referência (cont.)</p>	<p>Família (cont.)</p>	<p>olhar os olhos para elas... e aqueles meninos... ficam logo em sentido (...) "oh mãe, prontos, desculpa"..." (Maria, E29)</p> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) [Tenho três filhos] o meu [filho]... tem dezanove... vai fazer agora no dia vinte e seis...tenho, mais uma com dezassete, e tenho mais uma menina com treze (...) o meu filho fez... já terminou o curso, é cozinheiro" (José, G40)</li> <li>• "(...) [quando ele, meu filho, terminou o curso, o chefe] encaixou-o logo... (...) foi encaminhado para um restaurante de 1ª, (...) e então, o paião (...) pagava-lhe quando lhe apetecia, (...) estava a usufruir demais do miúdo... e então a mãe dele... ele como vive com a mãe, não é... a mãe não estava de acordo, e disse "não, pá, tu para andares a trabalhar(...) prefiro que tu estejas aqui em casa, quem te sustentou até agora também te continua a sustentar (...) mas pagaram-lhe tudo... depois ele veio-se embora, (...) foi com carta de recomendação, para o hotel (...) onde já está (...) há uns cinco ou seis meses..." (José, G41)</li> <li>• "(...) a minha menina está no décimo... está na escolinha (...) ela tem dezassete, vai fazer dezoito, em Janeiro... (...) e a mais novinha vai fazer catorze... p'to ano, também (...) [está] no oitavo (...)" (José, G42)</li> <li>• "Tenho uma filha com oito anos...com quem estive pouco tempo..." (Mário, L4)</li> <li>• "Sim, [o Óscar] não teve problemas nenhuns, desde que está comigo, não... ele preferiu estar comigo, que sou sua mulher, e a sua família, com a que ia fazer a sua vida, à sua mãe que também gosta, porque é sua mãe, mas de mim gosta de outra maneira, porque sou sua mulher e vou ter um filho com ele, e quer fazer a sua vida comigo (...)" (Nela, M13)</li> <li>• "O J[filho] anda atrás, anda atrás dos animais, atrás de um, de outro, ao pé dos pombinhos, dos coelhos, da horta (...)" (Nela, M19)</li> <li>• "(...) o pai do meu... do J[filho], que é português, também, ele mora aqui no B[local], eu tenho contacto com ele, com os avós e isso, tenho contacto, eles às vezes telefonam, e falam (...) não queria dizer-lhe que estamos aqui a morar, definitivamente, "olha estamos aqui de passagem, viemos para Portugal e estamos aqui perto", se ele gostava de ver o menino, "encontramo-nos num sítio, e vens buscá-lo para passar o fim de semana com vocês", com o pai e com a família, "se lhes dá, e depois trazes no domingo, para ir segunda feira à escola", e sem problema, ficava com o miúdo lá, passando no barco, levava-o lá e depois trazia-o (...) e agora também não sabem que estamos aqui..." (Nela, M24)</li> <li>• "(...) quando nasceu o J[filho], já quando nasceu o J[filho] estava todo o dia meida em casa, lá... não, não saía</li> </ul>
--------------------------------------	------------------------	---

Análise de discurso

Quadros de referência (cont.)	Família (cont.)	<p>da casa para nada... só ia lá fora, com as vizinhas que moravam lá... era uma urbanização, não era um bairro, havia muito poucas pessoas a morar, quando se via mais pessoas era no fim de semana (...)” (Nela, M29)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) depois então separei-me definitivamente [do pai do meu primeiro filho]...separei-me definitivamente dele porque a última [vez que me bateu] foi, mesmo... marcou-me toda...” (Nela, M30)</li> </ul>
Quadros de referência	2. Família e consumo	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “[O meu irmão e eu] fomos aconselhados, para bem dos dois, por causa... das complicações... a afastarmonos um bocadinho...” “Eh pá (...) inventem uma forma... afastem-se...”, coisa que a gente nunca fez. Nunca fizemos porque estávamos tão convictos, que... eh pá que não ia tocar mais naquilo, aquilo para mim já tinha... já tinha bastado... chegou...” (António, D11)</li> <li>• “(...) íamos com as mulheres, com a gente, e tudo... lá arranjámos um esquema qualquer para sair de ao pé das mulheres, e fomos fumar... ah, nesta noite e foi, cinco dias depois viemos para baixo... deixámos as mulheres em casa a primeira coisa que fizemos foi ir direitinho ao Casal Ventoso...” (António, D14)</li> <li>• “(...) a minha cunhada, antes da minha (...) mulher não, da minha namorada... se separar de mim, a minha cunhada havia descoberto que a gente já... andávamos com consumos, e então... cortámos... e o meu irmão vai para a vida dele e eu vou para a minha...” (António, D19)</li> <li>• “Tenho três [filhos] num colégio, tenho outro no Porto, em casa da minha tia, por opção, porque ia para um colégio também... só que esse (...) queriam-no adoptar... mesmo (...) estava complicado... e tenho o mais novinho comigo... tem cinco [anos]... está comigo, porque eu neste momento encontro-me aqui (...). Porque assim que eu meter o pé em ramo verde... tiram-me logo o menino também...” (Maria, E3)</li> <li>• “(...) e então [o rapaz com quem estou] puxa o meu irmão para a conversa (...) o P.[irmão] então é mundialmente conhecido na R.[local] (risos)... era (...) Já faleceu (...) ui, aquilo tinha a esquina dele... também era toxicodependente, também acabou por falecer... ele não... faleceu da SIDA... mas tinha, mais certo que... deve ter tido... e então pronto, conversa puxa conversa... e depois... “então eu sou irmã do P.” (...)” (Maria, E15)</li> <li>• “(...) deixei de ligar ao meu filho....” (Maria, E16a); “(...) o meu filho é que.... com o pai, e a minha mãe.... é que me iam buscar à estrada... e depois eu estava dois dias ou três em casa.... e as vezes... sabe Deus às vezes o sacrifício que eu fazia... e vá lá que eu já tinha um pé outra vez para... para fugir....” (Maria, E17a; 28)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “[Razão para eu consumir](...) foi a minha mãe e o meu padrasto possivelmente não me terem dado a atenção</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Quadros de referência (cont.)</p>	<p>Família e consumo (cont.)</p>	<p>devida, foi as consequências todas da vida, foi... que me levaram a... andar no liceu, andar sozinha, a não ter horas, a não ter que entrar em casa, entrava quando queria, quando me apetecia, fazia o que queria e o que me apetecia, não tinha ninguém que me controlasse (...)" (Cristina, F6)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "[Quem sabe que eu consumo]: Sabe a minha mãe, sabe o meu filho, sabe a minha irmã, o meu pai, a seguir há mais pessoas que me conhecem... devem saber..." (Cristina, F24; 51); "(...) não sabem do João Miguel, (...) bem se o meu filho soubesse do João Miguel, ia ser um [problema]" (Cristina, F52)</li> <li>• "(...) por isso é que é mais difícil, porque se for o casal, é mais difícil de deixar [de consumir] do que se for individual..." (Cristina, F36)</li> <li>• "(...) o meu [filho] deve ter vinte, ou... o meu [filho] nasceu em oitenta e seis,... foi para aí em oitenta e cinco... eu comecei para aí em oitenta e cinco, (...) a consumir (...) mais ou menos quando o meu filho nasceu..." (José, G39; 43)</li> <li>• "Normalmente [consumimos] no carro (...) Em casa está o filho (...) Ou então só... Quando ele sai, esporadicamente.... possivelmente às vezes pode-se consumir em casa... mas normalmente é no carro." (João Miguel, H17)</li> <li>• "[Da outra vez que entrei na comunidade, a decisão] Foi mais da minha família, pedi para me tratar, também... eu estou a perder a família toda... por causa das drogas... eles já não me querem ajudar mais... já me ajudaram muito..." (Mário, L6)</li> <li>• "(...) sofreu um bocado, um bom bocado, perdi a minha mulher, perdi a minha filha, não dá... com isto da droga... tinha tudo e agora não tenho nada..." (Mário, L22); "Já não vejo a minha filha há cinco anos... deixei ela com quatro anitos... ela depois foi morar para Lisboa, deixei de a ver... agora aqui... isto é que me custa mais..." (Mário, L22a)</li> <li>• "(...) e depois a família dela [da minha mulher] disse logo, "não, isto não é homem para ti"... e vim-me embora (...)" (Mário, L35)</li> <li>• "(...) os meus irmãos também não me passam cartão (...) [são] Cinco (...) Não me falam, sabem que eu ando nesta vida (...)" (Mário, L30); "(...) tenho uns sobrinhos, faz anos que não os vejo..." (Mário, L31)</li> <li>• "O J[filho] sempre esteve comigo, para onde eu fui, sempre esteve ao pé de mim... os sítios onde estive, sempre esteve comigo... e o Óscar [marido] não teve problemas..." (Nela, M12)</li> <li>• ""(...) os anos que ele tem [o meu filho], foi nascido e criado, tem estado quase sempre em comunidades, porque cada vez que eu me internava numa comunidade ele vinha comigo..." (Nela, M25)</li> </ul>
--------------------------------------	----------------------------------	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Quadros de referência (cont.)</p>	<p>Família e consumo (cont.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) a mim custou-me muito a separação com o pai do J[filho], sobretudo pela união que tínhamos na família... com o meu sogro, e a minha sogra, era muito boa... e com as irmãs dele, e tudo, era espectacular, (...) e... era só a nossa relação que não funcionava... com o pai do J[filho], ele batia-me... ele batia, chegava ao fim do mês, todo o dinheiro, agarrava, ia-se embora e não aparecia antes da noite... e eu assim ficava... deixou a droga, e meteu-se no álcool..." (Nela, M28)</li> <li>• "Eu e a Nela ainda estivemos um ano e picos os dois, um ano e meio, por aí, com a Nela e o J[filho]. (Óscar, N8)</li> <li>• "(...) até aos dezoito sempre consegui esconder, à minha mãe e ao meu pai... depois é que já não consegui... já andavam desconfiados (...) a minha mãe dizia-me, "não sei o que tens, mexes-te tanto, e para aqui (...) ", "ah, isso é tudo mentira, como sempre...", até que ela descobriu... começou a ver as pratas em casa, a perguntar-me para que era, eu na altura fumava, até que eu (...) um dia disse-lhe a verdade... já não podia esconder mais... mesmo assim ainda escondi cinco anos..." (Óscar, N22)</li> <li>• "(...) os outros, as pessoas que estão ligadas, as tantas [percebem]... "isto já não vai a lado nenhum..." mas pronto "ele agora já enganou também os vizinhos, já tenho... que dar conta aos vizinhos"... toda a gente se engana... toda a gente se deixa enganar... é, aquele círculo todo, deixa-se enganar..." (António, P18)</li> <li>• "(...) sempre tive o apoio, da minha família, mas chega a uma altura em que as pessoas também (...) começam a ver que "este não quer, não quer", e saturam-se (...) Comecei a sentir isso também... e também comecei a pensar, eu não tenho dúvida... porque sofre tudo, nós desestabilizamos tudo... e eu também comecei a pensar, prontos, "eu tenho que fazer por mim, tenho que mudar, por mim, mas também... também, eu desestabilizo isto tudo..." , que está aqui à volta, é mãe, é irmãos, é tudo, a família toda... fica tudo desestabilizado..." (Rogério, Q18)</li> </ul>
<p>Quadros de referência</p>	<p>3. Trabalho</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "[O patrão] ... ele está à espera... para eu... aparecer no trabalho, não é..." (Diário, C29; 33)</li> <li>• "(...) fui trabalhar para a A. [Pais], por influências (...) do meu pai... eu com trabalho... cá em Lisboa, trabalhava numa empresa de limpezas, (...) o supervisor geral... arranjou uma confiança tão grande em mim... e gostou tanto da minha forma de trabalhar (...) que já me dava as empreitadas (...) eu na empresa já escolhia as mulheres que queria para estar ao pé de mim... portanto a única coisa que me estava a travar ... uma evolução mais no trabalho... era a falta da carta, porque... também punham-me uma carrinha nas mãos (...) " (Marta, E6)</li> </ul>

<p>Quadros de referência (cont.)</p>	<p>Trabalho (cont.)</p>	<p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu sou contabilista. Trabalho em contabilidade (...) num gabinete de contabilidade onde (...) há um patrão, e existem quinze mulheres a fazerem contabilidade para muitos gabinetes. Para xis clientes, a empresa tem quinhentos clientes, nós somos quinze mulheres, entre essas mulheres têm que se distribuir os clientes todos. Os clientes dividem-se por todas as mulheres, e as mulheres fazem a contabilidade dessas empresas. Quando chega uma empresa nova ao gabinete, é dito... “olha, esta empresa vai ficar para ti, pessoa” essa pessoa pega no cliente, e fica com essa empresa para sempre, enquanto o cliente for nosso cliente. (...) Não sou contabilista doutorada, sou técnica de contabilidade. Portanto eu faço o mesmo que uma contabilista, só que não assino. Não posso assinar, há outra pessoa que assina.” (Cristina, F10; 23)</li> <li>• “(...) ah, portanto, eu sou motorista [de táxi]” (José, G6)</li> <li>• “(...) sou barman (...) já há uns anos (ri)... depois é um trabalho... é aquela história, o trabalho é muito (...) sabe que aquilo é mais restaurante bar (...) não é tão agitado... é agitado, mas... é na parte de comida, não na parte de copos... a parte de copos também tem, esplanada e isso... mas é mais comida, petiscos, copos não (...)” (João Miguel, H25)</li> <li>• “Eu era servente... de pedreiro...” (Mário, L13)</li> <li>• “(...) fazia biscates de mecânico ao fim de semana e era estafeta...” (Óscar, N18); “(...) comprei uma moto quando vim, com as economias que juntei (...) e arranjei logo trabalho, no primeiro mês... e estive sempre a trabalhar (...) até aos últimos três meses...” (Óscar, N19)</li> <li>• “(...) [A sesta] é um vício que já (...) quando era estafeta e tudo, eu perguntava ao patrão, “mas só vens às quatro?!”; era um vício que ficou daí, e não... e não conseguia, adormecia na moto e tudo... se não dormisse aquele bocadinho, desde a uma até às três e picos, não conseguia...” (Óscar, N29)</li> </ul>
<p>Quadros de referência</p>	<p><b>4. Controlo</b></p>	<p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) [Na ilha onde estive] não havia [droga], não havia um pobre, eu não vi um pobre, sabe o que é que é? Eu não vi uma pessoa a pedir... na rua, não vi um papel nem um cigarro no chão, era de uma organização completa, não havia, não havia drogas (...)” (Cristina, F19)</li> <li>• “Encontrámos uns portugueses [na ilha onde estivemos], (...) e eles disseram logo, “eh pá, aqui não, aqui é muito difícil, porque ainda é tudo muito controlado, e só se conheceres muito bem a pessoa, e tem que ser uma pessoa que tenha conhecimentos para entrar com droga dentro da ilha, porque não entrava (...) na ilha...” (Cristina, F21)</li> </ul>

<p>Instituição total</p>	<p>1. Regime na comunidade</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) falo-lhe de mim... pronto, para já isto torna-se um hábito, torna-se... uma pessoa por mais que não queira, acomoda-se, não é... acomoda-se à situação (...) passa a ser uma acomodação (...) talvez porque a pessoa se sinta segura aqui... o primeiro aspecto... e depois ao longo do tempo vai-se acomodando àquilo que... à hora de levantar, à hora de comer, a fazer isto, a fazer aquilo... é um processo... é um processo diário, de manhã..." (Jaime, B19; 32)</li> <li>• "(...) eu não vejo isto como uma comunidade... vejo isto como uma casa de família, (...) nem a gente sabe se isto é um programa, porque não há ninguém que nos estructure um programa... a gente quando vai para uma comunidade e diz que tem um programa de um ano... eu pelo menos, pessoalmente, tenho um programa de um ano... um meu, é o meu programa..." (Jaime, B29; 31)</li> <li>• "(...) aqui dentro... ah, eu faço... acordar de manhã, como ... hoje... de manhã, às oito... e... despertar, limpar a casa... e... depois [de] limpar a casa e cada um faz as actividades que quiser, ou... como eu, estou aqui a pintar, os outros... pode fazer outra coisa... depende... o que é que é mais necessário, fazer..." (Dário, C6)</li> <li>• "(...) não custa nada uma pessoa lavar louça... ou dez ou vinte trinta louças... até é bom para terapia, porque... não está parado, não é... o que eu não gosto é de estar parado... não quero saber se os outros fazem, ou se os outros não fazem... deixam de fazer..." (Dário, C14)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) por média é sempre (...) à mesma hora do que os outros, que é para não haver... ninguém a dizer "ah, aquele está a fugir", ou "aquele levanta-se mais cedo", ou "é engraxador, é isto..." não sei quê, portanto isto é muito... isto aqui somos quase como uma família dentro, (...) e então se houver um que faça uma coisa diferente, os outros reparam, e para que não repare ninguém, bem, vamos levantar-nos todos à mesma hora, e vamos todos comer a horas, (...) que é para não haver chatices, nem problemas uns com os outros..." (José, G26)</li> <li>• "(...) há falta de organização... há falta de organização, as pessoas às vezes... não tem uma escala... não fazem as coisas com as pessoas que está lá... isso também prejudica muito... e depois, se tivesse cada um que fazer com escala, com... por exemplo coisas programadas, não tem uma programação certa..." (Dário, J3)</li> <li>• "(...) precisamos de uma escala, (...) por exemplo, "isto não é hora de tomar banho", tem momento de tomar o banho, tem momento de tudo, por exemplo o momento de comer temos as horas, não é... mas por exemplo o</li> </ul>
--------------------------	--------------------------------	---

Análise de discurso

<p>Instituição total (cont.)</p>	<p>Regime na comunidade (cont.)</p>	<p>momento de tomar banho, o momento de ir cada um... tem que distribuir as tarefas a cada um, também não se percebe as tarefas, não tem muito assim... não está muito programado, não está muito estabelecido...e o António também às vezes deixa muitas coisas passar, (...) mas não tenho razão de queixa, porque ele é um bom colega, (...) e uma pessoa que tem bom coração, e isso junto conta muito, para já e eu gosto muito do António, é meu amigo de há muito tempo, eu ajudo a ele naquilo que for preciso, eu estou do lado dele..."(Dário, J4)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não mudou muita coisa, não... não... é aquilo que eu digo com o António [monitor] com as tarefas, é... uma vez, no tempo do outro, tinhamos as coisas da maneira dele... as pessoas cumpriam as tarefas da maneira dele... mas agora pronto, com o António, não sei se ele não liga a muita coisa (...) devia estar tudo muito mais arranjado... "(Dário, J9)</li> <li>• "É pá... a gente, se estou na cozinha, estou na cozinha... depois se estou a varrer, um lava o outro varre..."(Mário, L17)</li> <li>• "[Sinto-me bem nesta comunidade porque](...) todas as comunidades que conheço são diferentes... ou não nos deixam o tabaco, cortam o tabaco, ou passas por sintomas de abstinência, cortam radicalmente, sem tratamento nenhum, e sem nada, ou também têm um projecto de religião, seu, cristão, e depois põem-te com a Bíblia, metem-te a Bíblia, e é Deus que te cura, e a religião, em todos os centros que eu conheço são assim, [refere seis nomes de instituições diferentes]" (Nela, M10a)</li> <li>• "De manhã levantamo-nos, tomamos o pequeno almoço, e depois fazemos as tarefas da casa, metemo-nos cada um no seu quarto, cada um arranja o seu quarto, limpa-se o quarto, a mim cabe-me a casa de banho, há duas casas de banho, há a casa de banho das mulheres e a dos homens, e como eu estava sozinha antes de chegar este casal [Cristina e João Miguel], fazia eu sempre, mas agora temos que alternar, um dia ela, outro dia eu, mas como ela agora está a passar um pouco mal, também [está no período de desintoxicação], ainda não falei nada com ela... faço eu todos os dias... e também a cozinha, a cozinha também me cabe nalguns dos dias, não são todos os dias, um dia por semana cabe-me servir à mesa, cabe a uma pessoa servir à mesa, também me encarrego da lavandaria, cada dia... trato da roupa (...)" (Nela, M17)</li> <li>• "(...) isto tem as suas regras, (...) já estou habituado, (...) o outro era tão restrito que (...) não podias fumar, não podias beber, (...) aqui pode-se fumar, embora também não se possa beber... tem as suas regras, mas dentro das regras não é uma coisa tão restrita como aquela... (Óscar, N9)</li> <li>• "Se eu deixava fumar? [aqui sim, mas](...) na R.[comunidade onde estive] não podiam por um motivo, (...) havia pessoas (...) na primeira fase que vinham trabalhar à segunda (...), depois conseguiam dinheiro, de gorjetas e isso, e logo voltavam lá para cima para a primeira fase(...),quando as pessoas estão a ressarcar,</li> </ul>
--------------------------------------	---	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Instituição total (cont.)	Regime na comunidade (cont.)	<p>não convém fumar... e então (...)Começavam a fazer negócio, para comprar tabaco uns aos outros, e por isso se acabou o tema do tabaco (...)" (Óscar, N32)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) o facto de eu ajudar [nas tarefas] não é à toa...é um despertar para eles, que eu acho que resulta, porque eu ao princípio usava mais tipo a força bruta (...)" (António, P4)</li> </ul>
Instituição total	2. O monitor e a sua comunidade	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) ajudado o Rodrigo [monitor], o problema é que ele está sozinho... não é fácil... também é uma pessoa sozinha (...) também já estive, e sei que não é fácil... viver ou conviver... ainda por cima responsabilizar-se por (...) todo o género de pessoas, não é... umas mais problemáticas, outras mais... mais ponderadas (...)" (Jaime, B13)</li> <li>• "(...) conforme eu estava a dizer, também sou amigo, muito amigo dele [monitor]. [a] maior parte deles, nunca ofendeu-me... e quando [o monitor] está assim [alcoolidado] às vezes fala de uma maneira (...) agressivo e bruto... e as pessoas... começam a ficar assustados, não sei quê... sei... como aconteceu com o nosso Mandrake... [estava na comunidade na primeira vez, em Junho, mas agora já não estava lá]...(...) [era preciso] uma pessoa experiente, [mais] que o Monitor..." (Dário, C22)</li> <li>• "(...) sim, mas o Monitor, por exemplo, [se] tiver um erro, ou uma coisa assim... que é para corrigir, ou para chegar a uma reunião... para falar disso... praticamente isto é tipo de... partido político (...) como um partido único, aqui dentro..." (Dário, C23) "</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) eu várias vezes desatinei com o Rodrigo (...) situações (...) que o Rodrigo permitia (...) até iam para os copos, inclusive... eu a primeira vez que vim para cá, passar, chateei-me com ele ao segundo dia, e ao terceiro dia fui-me embora, disse a ele "Não pá, desculpa lá, eu vim para aqui para ressarcar, não vim para aqui para no segundo dia tu ires para a bebedeira, e eu ter que estar à espera da medicação até à meia-noite e meia, portanto olha, fica lá com a tua medicação, que eu volto outra vez para a rua..." (Cristina, F43: 46)</li> <li>• "[Quando entrei aqui] o monitor era o Tozé e o Rodrigo, que já faleceu, eram eles os dois, portanto era o Tozé (...) monitor durante a semana, e o Rodrigo (...) de fim de semana (...)" (José, G4)</li> <li>• "(...) uma ideia que eu até dei ao António, porque o António ainda não estava assim muito... não tinha muita experiência de estar a lidar assim com os utentes (...)" (José, 27)</li> <li>• "(...) e ele [António] tem-me agradecido imenso (...) porque o tenho estado a ajudar, e faço os possíveis para</li> </ul>

Análise de discurso

<p>Instituição total (cont.)</p>	<p>O monitor e a sua comunidade (cont.)</p>	<p>que isto corra tudo bem, aqui dentro, isto é uma coisa que não custa nada (...)” (José, G30)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Foi por causa do falecimento, foi o Rodrigo... mudámos de monitor, e sentimos bastante, pelo menos eu, no meu caso, porque ele era nosso amigo, praticamente, sentimos a falta dele (...) Foi um bocadinho [complicado], mas também a gente já estava preparado, e à espera (...) e no estado em que ele estava a gente já estava preparado, já sabia que menos dia mais dia ele ia morrer, tem de ser... pronto, e é menos um colega...” (Dário, J1)</li> <li>• “(...) está desenvolver, está a correr bem, o António [monitor] também tem mostrado que pronto, é um bom rapaz, (...) tem mais um bocadinho de compreensão do que o outro, (...) com o andamento, pronto, também deixa muita coisa passar porque ainda é um rapaz jovem e também ainda não tem muita experiência nisto...” (Dário, J2)</li> <li>• “(...) eu na coisa das regras acho que ele tem que trabalhar um bocadinho...mas o resto está tudo bem, mas o outro, tinha as coisas escritas não feitas, e as coisas assim, mas agora também não sei nada o que é que se passa...”(Dário, J11)</li> <li>• “(...) quando eu lá cheguei [à comunidade no país estrangeiro] era muito restrito, não se podia sair, todo o dia fechado, ali era só trabalho, trabalho, a parte de Deus, trabalho, a parte de Deus e trabalho... e eu tentei [um pouco de abertura], mas vi logo que não...”(Oscar, N10)</li> <li>• “(...)... sai de lá já sendo monitor, estive quatro meses a reabilitar-me, (...) três meses a ajudar (...) fiquei monitor, e depois como tinha carta de condução e estávamos a mil e oitocentos metros de altura, só lá subia um jipe, e eu era o único que sabia conduzir, por isso fiquei lá quase dois anos... mas no fim disse “tirem-me daqui que eu estou meio louco, já...” (Óscar, N12)</li> <li>• Foi complicado [tornar-me monitor aqui] no sentido de... para já, de todas as pessoas que cá estavam, eu era o mais novo, (...) Então, estava o cozinheiro, o Francisco, estava o (...) [não conheci] mais, na altura éramos seis ou sete, só, estava um que depois se foi embora, estava o Jaime (...) O Jaime saiu antes (...) [e] ele já não regressou, mais (...) Essa situação [Jaime e Maria saíram juntos], também já não voltou mais (...) O Carlos (...) éramos cinco ou seis na altura (...)Acho que não é mais... estavam os outros dois que entretanto saíram, portanto era pessoal que entrava ou saía (...) aqueles que ficam aí e vão-se embora... [desintoxicações] e depois a partir daí, olhe, foi tudo uma questão de ir-me habituando, ah, depois entretanto começou a entrar pessoal novo, ao mesmo tempo, mas por aí, pronto, foi um bocadinho, foi difícil, não é... quer dizer difícil porque era uma experiência nova, uma situação nova, e isto não é a mesma coisa que a gente estamos numa empresa, termos cinco ou seis empregados, sob a sua alçada, não é a mesma coisa, é totalmente diferente, p’ra já porque aqui é mais difícil dar ordens, contar com o bom senso das pessoas...” (António, P3)</li> </ul>
----------------------------------	---	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Instituição total (cont.)	O monitor e a sua comunidade (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) no princípio foi complicado, porque estava habituado a lidar com regras do Rodrigo (...) por um lado, funcionavam, mas por outro era aquela situação... de as pessoas andarem sempre a discutir umas com as outras, (...) de um dia para o outro, [eu] estava num lado e (...) passei para o outro, e como eu não sou uma pessoa que goste muito de me impor, gosto que me respeitem, não gosto de exigir o respeito aos outros, (...) foi complicado, mas há medida que o tempo vai passando (...) acabam mesmo por me respeitar..." (António, P5)</li> </ul>
Instituição total	3. Resistências e registo escondido	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "[a rotina diária da comunidade] não é difícil, mas... por vezes leva (...) a certos sentimentos... pelo menos a mim leva... leva-me a... a questões, leva-me a... às vezes a virar a mesa, e... lá está... uma ajuda que a gente realmente precisa... tenho... tenho estes momentos, mas depois tento ter a capacidade de dar a volta a isso..." (Jaime, B20)</li> <li>• "(...) não é falar mal (...) de nós... da nossa vida de tóxicos, ou de alcoólicos, mas (...) os tóxicos [e] nós os alcoólicos, e estou a meter também a minha parte... é difícil, ... é uma coisa muito difícil (...) trabalham bocadinhos e depois dizem [que] já está cansados... não... depois esperam pelos outros... os outros não fazem eles também não fazem... e é sempre problemas, não é... se um lava a louça, e o outro tem que lavar (...) confusões (...)" (Dário, C13)</li> <li>• "(...) fazer a mesma coisa que faz lá fora mas fazê-lo aqui de outra maneira... há sempre uma maneira..." (Jaime, B21)</li> <li>• "(...) o monitor às vezes... uma vez ou outra... [está] num estado de... praticamente embriagado, não é... depois... fica lá em cima, não dá totalmente apoio às... aos utentes, não é..." (Dário, C19; 20) "... depois eu também sou amigo dele, ...não querer divulgar..." (Dário, C21)</li> <li>• "... depois... [a] primeira coisa, quem tem acesso ao [director da comunidade] é ele, (...) leva com aquela conversa dele e... se for verdade ou mentira, pronto... as pessoas... quem sofre... somos... são... o utente, é que sofre, não é..." (Dário, C24)</li> </ul> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) esse [Óscar] também tem jeito para a cozinha, mas é mais é conversa... chega na cozinha, começa a falar, começa a... enquanto que o José não, o José faz as coisas que eu gosto com gosto, e ele não faz... faz assim, pronto, ele está sempre a teimar, "eu quero isto, eu quero isto" ... nunca faz as coisas com vontade... o José às vezes faz com vontade..." (Dário, J12)</li> </ul>

Análise de discurso

Instituição total (cont.)	Resistências e registo escondido (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Por um lado são bons, há aí dois ou três que são bons... agora o resto (...) “Fogem”[no sentido de não trabalharem] de vez em quando! Ou estão doentes, ou estão isto, ou estão aquilo... a pessoa já está habituada a isto... eu já estou... ao princípio eles marcavam sempre quem fazia as limpezas, agora não... agora deixam estar, cada um que faça a sua...”(Mário, L15); “[Eu dantes fazia o trabalho de outros] levantava-me cedo, limpava os quartos...” (Mário, L16)</li> </ul>
Instituição total	4. Santuário	<p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) é uma luta, (...) eu actualmente, só me sinto bem quando estou aqui dentro do centro, e mesmo quando vou a casa, eu sei lá, eu ouvir as pessoas, vou lá à zona, vou ver aquela malta, sei que andam metidos na droga, eu não me sinto bem, só de olhar para eles (...)” (José, G22); “(...) tenho medo, pá, eu acho que ainda não estou... (...) preparado a cem por cento para enfrentar... é que esse mundo lá fora é muito agressivo (...) a nível de drogas, e toxicod dependência, é muito agressivo (...)” (José, G23)</li> <li>• “(...) ele não podia estar aqui dentro... então ele ia ao fim-de-semana, cada vez que ia ao fim-de-semana, vinha aí, vinha todo alcoolizado (...)” (José, G33)</li> <li>• “(...) gosto de estar no meu canto, sossegadinho... já sei como é que é, há um que começa aí a andar de um lado para o outro... tenho medo é de ir lá para fora... lá para fora, eu tenho medo... não tenho confiança nenhuma em mim... tenho um bocadinho de receio (...) a última vez que eu estive cá, conforme sai meti-me logo na droga...” (Mário, L10)</li> <li>• “Sim, para mim é... é porque, prontos, a minha família pode ser muito boa mas de repente pode deixar de me falar, ou qualquer coisa...” (Mário, L27)</li> <li>• “É...às vezes peço ao António [monitor] para ir comigo lá à minha mãe...” (Mário, L39); “Então, pois... se a gente não tem confiança na gente mesmo, tem que pedir a alguém que vá com a gente... e eles não levam a mal...” (Mário, L40); “(...) não tenho é confiança em ir para fora, não é... para a rua, andar sozinho, isto é como tudo...”(Mário, L43)</li> </ul> <p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “... porque é que volto?... porque daqui levei boas recordações, e bons ensinamentos...para mim, ter passado aqui um ano e meio não foi em vão...entrei aqui com uma maneira de ser e sai com um... talvez não totalmente mudado, mas muita coisa mudou em mim...” (Jaime, B8)</li> </ul> <p>2006</p>
Palcos e comunicação	1. Causas na comunidade, do ingresso ou regresso à comunidade	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “... porque é que volto?... porque daqui levei boas recordações, e bons ensinamentos...para mim, ter passado aqui um ano e meio não foi em vão...entrei aqui com uma maneira de ser e sai com um... talvez não totalmente mudado, mas muita coisa mudou em mim...” (Jaime, B8)</li> </ul> <p>2006</p>

Análise de discurso

<p>Palcos e comunicação (cont.)</p>	<p>Causas na comunidade, do ingresso ou regresso à comunidade (cont.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Aqui é mais sossegado, e a gente prontos... não estamos aí ao pé das pessoas...dos amigos, mas não são amigos (...)" (Mário, L19)</li> <li>• "(...) a assistente social andou de norte a sul a telefonar a todas as comunidades, com um catálogo, e nenhuma aceitava com filhos, ou casais, ou grávidas, sempre havia uma (...) Sempre havia um problema, e o [director da comunidade] foi, abriu essa excepção, de ter o [filho] também aqui comigo, e grávida (...) nenhuma comunidade aceitava, eles já iam separar-nos, a mim iam-me meter numa comunidade que há de mulheres grávidas com filhos, no Casal Ventoso (...)" (Nela, M2)</li> <li>• "[A assistente social] procurou de norte a sul, mas não encontrava nenhuma [comunidade], umas aceitavam grávidas mas não aceitavam maridos, outras aceitavam maridos mas não aceitavam filhos, outras aceitavam filhos mas não aceitavam grávidas, tudo assim..." (Óscar, N1)</li> </ul>
<p>Palcos e comunicação</p>	<p>2. A família e a comunidade</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) ela [ex-mulher] me manda dinheiro para o tabaco, prontos.... é... desejar-me as boas festas, e natal, ah... mas fez-me uma coisa muita má.... é muito mau para mim, é que... eu vejo os outros saírem, e ela... não me manda dinheiro para eu sair... não me dá dinheiro para eu ir a casa um fim de semana..." (Carlos, A15)</li> <li>• "o G. [filho] (...) não sei se ele tem vergonha de... de eu ser bêbedo... de eu gostar de beber, não sei se é isso (...) mas..., deve ser (...) também não percebo porquê... (...) em relação à minha filha... a C.... tem 22 anos, (...) é... raro telefonar-me, veio cá duas vezes... não, uma... "ai gosto muito de si, e tal, veja lá o que é que faz...". ia dizer-lhe "está bom", e desliguei o telefone..." (Carlos, A16: 17)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) agora a minha mãe tem-me ajudado muito... tem-me dado forças... para aguentar, senão já me tinha ido embora..." (Mário, L27a)</li> <li>• "(...) voltámos depois de uns dez minutos a falar com ele [o director da comunidade], por causa do miúdo, que tem sete anos, para abrir uma excepção como era pequenito, e ele mandou para cá..." (Óscar, N2)</li> <li>• "(...)Eu acho que isto funciona um bocado assim., temos que ser nós a querer. Nós mesmos. E não foi o caso, eu vim [da primeira vez] por outras circunstâncias, mas pronto, por... a minha vida lá fora não estava bem, problemas em casa, já, e se calhar foi uma fuga para a frente. E desta vez não, desta vez foi mesmo, não, chegou a hora, já chega de fazer asneiras e decidi parar, pronto, cheguei a essa conclusão." (Rogério, Q3)</li> </ul>

<p>Palcos e comunicação</p>	<p>3. Nós e os outros – comunicação na comunidade</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) falo comigo, não desabafo com ninguém..." (Carlos, A5)</li> <li>• "(...) a conversa deles, o tema deles de conversa é sempre a mesma, a droga é aquela conversa... vão ao fim do mundo, vão aqui, vão ali, às Marianas, vão aqui, vão ali (...)" (Carlos, A6).</li> <li>• "no Natal, a minha mãe faleceu... e... então a minha família não me disse nada, eu estava aqui... passei cá o Natal, passei o fim do ano, e não havia meio de me dizerem, ninguém me dizia nada, e eu tanto chateava o Rodrigo [monitor], "eh pá, deixa-me telefonar para casa, quero saber como é que está a minha mãe, os meus filhos, eh pá" ... "oh pá hoje não telefonas, não podes telefonar", depois... ah... começou-me aquilo a... moer, "eh pá, não me deixas telefonar porque?" ... tanto o massacrei, que ele... "eh pá, deixa-me telefonar, pá" ... "está bem", ele já sabia..." (Carlos, A13)</li> <li>• "(...) a ajuda que me dão não é a melhor que me podem dar... na verdade eu às vezes sentia que necessitava de outros tipos de ajuda... mas não é possível, então tenho... tenho que me ajudar a mim próprio..." (Jaime, B12)</li> <li>• "(...) uma pessoa vem habituada a... a certos tipos de hábitos... e de manhas, e de mentiras... e de encobrimentos, e de manipulações... [as pessoas quando chegam à comunidade] vêm com... vêm com esse jogo todo... e já de anos nisso..." (Jaime, B18)</li> <li>• "... sozinho já sei o que eu vou fazer, e deixo de fazer... mas (...) com outra pessoa (...) dou as ideias, depois (...) há sempre uma ideia má... outra ideia bem, depois... a coisa aqui nunca combina... as pessoas não são bem... profissionais, não... outros não têm mesmo... mesmo (...) vontade... de maneira que, para trabalhar, [com] uma pessoa sem vontade... melhor trabalhar sozinho (...) agora chega aqui um.... uns dois minutos, depois já vai... deitar, ou vai para casa, ou está lá dentro... não sei quê..." (Dário, C12)</li> <li>• "(...) a falar e eu tento... não falar nada, não sei... virar as costas... é melhor..." (Dário, C26)</li> <li>• "... ele [o Mandrake] (...) até que falou bem... falou umas coisinhas que não devia falar, mas também... do resto falou bem... falou por exemplo duas verdades... e falou três mentiras..." (Dário, C27)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Sim, sim, e eu também gosto muito da minha privacidade, compreende, é porque quando estou sozinho... enquanto estou no meio fica-me um bocadinho sem ideias... quer dizer, sem miolos, sem ideias, e... e eles ficam sempre com ideias, (...)" (Dário, J15); "Não é sem conversa, programação, estou a falar da minha vida, a</li> </ul>
-----------------------------	---	--

Análise de discurso

<p>Palcos e comunicação (cont.)</p>	<p>Nós e os outros – comunicação na comunidade (cont.)</p>	<p>programar a minha vida, e quando eles entram no quarto, eu estou com eles, e não tenho tempo de tratar do que é que distinguir o que é que é com a minha vida, ...”(Dário, J16)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “A gente saía à noite, na zona do café, estávamos ali um bocadinho... mas eu sou uma pessoa muito fechada, também não gosto de falar com ninguém (...) Elas puxam por mim, mas eu não...”(Mário, L9); “(...) depois aqui há dias fui ali ao café com o António [monitor], “eh, estás muito gordo, estás isto, estás aquilo...”, as pessoas por um lado são boas, mas por outro lado são más, não gostam bem da gente...”(Mário, L29)</li> <li>• “[O meu dia preferido] É o sábado, é mais sossegadinho, não está aqui quase ninguém...” (Mário, L38)</li> <li>• “(...) são pessoas iguais a nós, são toxicodependentes que estão... também estiveram metidos na droga, sabem o problema, e então pode-se falar com eles, damo-nos bem, sabe-se, ajudamo-nos uns aos outros, sabemos de onde vieram, sabemos o que estivemos a fazer lá fora (...)” (Nela, M14)</li> <li>• “(...) a partir do momento em que sei lá, acontece, qualquer coisa, que às vezes acontece, estão aqui muitas pessoas, vêm de muitas... vêm de muitos sítios, uns vêm de um sítio, outros vêm de outro, é natural que às vezes se confrontem uns com os outros, ah... têm que se saber ouvir, não se pode tomar logo decisões precipitadas, porque às vezes nem um diz a verdade nem o outro (...)” António, P8)</li> </ul>
<p>Palcos e comunicação</p>	<p>4. Nós e os outros – conflitos, antagonismos</p>	<p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) esteve aqui um utente, (...) o António (...) não tinha mão neles,... eles faziam o que queriam e lhes apetecia, está a perceber, e então, houve uma vez ... um fim-de-semana em que ele foi a casa, e apareceu aqui já embriagado, e o António estava-lhe a chamar a atenção, a dar-lhe um correctivo, e ele começou a alterar muito a voz (...) e aí eu interfeiri (...) sabe o que é que ele fez?... agarrou numa faca e veio atrás de mim (...) era um indivíduo muito agressivo (...) só por eu me ter metido no meio (...)” (José, G31; 32)</li> <li>• “(...) ele próprio [o indivíduo que andou atrás de mim com uma faca], aliás porque ele nem para ele era bom, que ele cortava-se todo aí (...) aliás, ele precisava era mais de... cuidados psiquiátricos... porque ele (...) segundo se consta ele consumiu... bastantes anos, cocaína, e aquilo afectou-lhe altamente o cérebro...” (José, G34)</li> <li>• “(...) não é que eu acredite que as regras tenham de ser quebradas, não é por aí, é... às vezes faz falta um bocadinho de flexibilidade... e acho que a partir daí se tornou um bocadinho mais fácil, deixei de ter aqui zaragatas (...)” (António, P7)</li> <li>• “(...) ainda há pouco tempo tive... tive que expulsar uma pessoa de cá, começou aí ao soco, deu aí um soco fodido, e puxou duma faca e começou a correr atrás do José, com a faca... tive que chamar a GNR...”</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Palcos e comunicação	5. Nós e os outros – os que saem	<p>(António, P16)</p> <p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) não entendo, não entendo... [aquela que entrou] já está naquela de que quer-se ir embora sexta-feira, quer dizer, veio para cá domingo, sexta feira já... dois dias, só... já se sente melhor, já.... já está, quer-se ir embora..." (Carlos, A8)</li> <li>• "... vou-lhe contar... uma despedida aqui, domingo passado... foi um moço que eu trouxe da CM [local], que estava à beira da morte, e ajudei-o aqui... em tudo... ao ponto.. ao ponto que toda a gente aqui dizia que eu era o padrinho dele, e eu era o pai dele, e... ele saiu... e para mim isto é gratificante, pelo menos saber que ele aguentou aqui seis meses, a tentar por a cabeça dele no lugar... ao fim de seis meses talvez não... não achasse que era isto que ele queria..." (Jaime, B17)</li> <li>• "[O Mandrake]... foi expulso, não é... foi expulso... mas (...) era uma boa pessoa... enfim..." (Dário, C28)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) no grupo [quando entrei], destes que estão aqui, só cá estava o Francisco, mais ninguém, é o único sobrevivente... alguns já fizeram uma passagem, de dias só, uma semana, duas, a do Rogério, por exemplo... estive cá doze dias... foi-se embora, e agora regressou e está cá há dois meses (...) agora o resto é tudo malta que está aí há um mês, um mês e pouco (...)" (José, G5)</li> <li>• "(...) [O tempo que ficamos aqui, uma semana] é pouco tempo... eles próprios dizem, os meus colegas aqui dizem, no mínimo dois, três meses, para uma pessoa sair... é complicado, depende das vidas que se leva lá fora, quem trabalha, quem tem obrigações é complicado..." (João Miguel, H14)</li> </ul>
Palcos e comunicação	6. Trabalho lá fora (enquanto interno)	<p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) estive seis meses parado, seis meses no tempo do Rodrigo, e também afectou-me muito porque agora posso contar, o meu documento caducou e o meu patrão não queria renovar-me porque não está a fazer descontos..." (Dário, J7)</li> <li>• "(...) o trabalho está bom, o meu patrão, dou-me muito bem com ele... já há muito tempo que estou a trabalhar para ele, sempre... e já acabei algumas obras, naquelas onde eu lá estive, o patrão não tem obras definidas só para mim..." (Dário, J13)</li> <li>• "(...) Sim, falo com o [director da comunidade], se o [director] me deixar ir trabalhar... e vou..."(Mário, L26)</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Palcos e comunicação	7. Consumo na comunidade (omissão)	<p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) tenho a televisão a preto e branco, mas eu preciso de uma, vou comprar uma... uma televisão como deve ser, nova... uma televisão, uma aparelhagem, coisa assim, e aí começo a juntar as minhas coisas, aquilo que der para comprar e mais dia menos dia posso... já tenho as minhas coisas organizadas... e já posso meter a cabeça no raciocínio, para pensar isso aqui... pronto, quando eu tiver umas coisas... uma casa, quando me for embora já tenho umas coisas (...)” (Dário, J6)</li> <li>• “(...) há dois rapazes que falaram comigo se eu queria ganhar algum dinheiro, para que lhes passasse a roupa a ferro, eles estavam à procura de uma mulher, lá fora na rua, para pagar a uma mulher, o António [monitor] falou comigo, porque era melhor dar-me o dinheiro a mim para que eu lhe passasse a roupa a ferro, preferia dar-mo a mim do que a alguém lá fora... e agora também como estamos à espera que tratem dos trâmites, e não temos dinheiro, não temos nada, estamos mesmo sem dinheiro, e depois eu disse “sim, sim, sem problema, para mim é melhor”, e então também passo a ferro a roupa do António [monitor] e do Dário. O António [monitor] e o Dário são os dois rapazes a quem passo a roupa a ferro, e a quantidade, dez euros, cinco euros, não me importa... a quantidade põem eles...” (Nela, M18)</li> <li>• “(...) na altura do Rodrigo eu bastantes vezes tinha chocolates e essas coisas, a minha família vinha cá todas as semanas, traziam-me sempre montes de chocolates, eu metade partilhava com todos, e a outra metade guardava para mim (risos) (...) O que é certo é que a metade que guardava para mim, nem metade da metade eu comia (risos) (...) Acabava tudo por desaparecer (risos)...ah... pronto... hoje em dia, até se estragam lá na gaveta... e toda a gente sabe que lá tenho... “vai lá e tira, come”...” (António, P15)</li> </ul>
Tempo social	1. Ocupar o tempo	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) esta rotina é complicada... (...) é assim, uma pessoa (...) quando vive na toxic dependência, uma pessoa vai até ao extremo das situações... com tudo... a pessoa deixa de ter sentimentos, ou se os tem têm-os trocados... (...) e quando entra aqui, com o tempo os sentimentos começam a vir, com o tempo a pessoa começa-se a sentir mais frágil, com o tempo começa a ser mais sensível... e... tudo isso mexe com a pessoa...” (Jaime, B34)</li> <li>• “(...) o meu dia começa assim: levanto-me, (...) arrumo logo a minha caminha... depois vou tomar o pequeno-almoço... depois quando saio, sento-me aqui cinco minutos, dez... prontos, depende, fumo o meu cigarro, depois quando chega às nove horas mais ou menos, então aí começo a levar as minhas tarefas... faço aquelas que são minhas, e as que não fazem (...) vai tudo a eito... pronto... e depois é assim, (...) o básico vá lá... está feito... mas são dez da manhã... ou dez e meia da manhã... eu não me vou assentar... não vou,</li> </ul>

Análise de discurso

Tempo social (cont.)	Ocupar o tempo (cont.)	<p>porque não dá para mim, ... então começo a andar pela casa, ... o que é que há para fazer... há sempre qualquer coisa... quanto mais não seja para mim, há sempre qualquer coisa para fazer..." (Maria, E25)</p> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Sim, sim, normalmente as pessoas não têm o sono... estas pessoas, tóxicas, não têm muito sono assim durante a noite... às vezes acordam, às vezes vão à casa de banho, não têm sono, às vezes... perdem o sono durante a noite, pronto, e no momento dá para puxar um cigarro para fumar... eles com eles não faz muita coisa, mas para mim já é uma coisa que não... para uma pessoa que não fuma já faz... eu chego a estar na sala... até na sala, imagina, cinco pessoas a fumar ao mesmo tempo e um que não fuma... já aí é um bocadinho complicado... e todos fumam... eu que não fumo, uma pessoa tem que sair, não vou dizer a eles "aqui não fumas", não pode ser... e na sala mesmo, podem fumar... só no quarto é que não... no quarto não, no quarto não devia fumar... mas pronto, eles podem fumar..." (Dário, J14)</li> <li>• "[De dia] Ando de um lado para o outro, eu e eles, aí a fazer limpezas...depois estou ali um bocadinho, e vou para o meu quarto, vou para o meu cantinho...eu sei como é que é a vida lá fora..."(Mário, L12)</li> <li>• "Faço, quando há para aí qualquer coisa, faço... tenho andado a limpar os telhados (...) coitados, também não têm quase nada para a gente fazer [materiais]... eu estou a desmanchar o telhado, limpar o telhado agora, mais logo pinto, (...) isto é uma grande obra que está aí... isto está podre, para quem anda aí nos telhados, pode de repente aquilo cair, e a gente vem cá parar a baixo (...) já lá estive (...) tem que se andar, mas com cuidado... eu sou o mais leve deles todos, tenho que ir lá cima (...) a gente tem que andar com cuidado, é andar no tecto... meio solto (...) e pedras... tem muita coisa lá em cima... está aí... agora tenho que ir lá cima, tapar umas coisas, telhas que estão partidas (...) (Mário, L14)</li> <li>• "(...) é antiga, uma casa como esta tão grande, e a horta, também, tratou da horta, dos animais, os animais antes, o chão dos animais estava cheio de porcaria, de porcaria dos patos, e tudo, e estava tudo desarrumado, e ele pôs tudo arrumado, tudo limpinho, toda a ferramenta colocada, as gaiolas todas limpinhas, tudo nos animais... tudo limpinho, a horta também, tratámos da horta, passamos o dia aqui... passa-se a voar..." (Nela, M22)</li> <li>• "(...) aqui até se descansa... há aquele período de tempo, que é o tempo livre, até às quatro, três e meia, ou o que é, eu estou sempre [a dormir] até às quatro... sempre um bocadinho mais (...) Quase todos, praticamente todo o mundo [faz a sesta aqui]" (Óscar, N30)</li> </ul>
Tempo social	2. Ocupar o corpo e o espírito	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) é que eu ando aqui mas...a minha cabeça nunca está cá...[está] fora daqui, eu isolo-me desta gente</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Tempo social (cont.)</p>	<p>Ocupar o corpo e o espírito (cont.)</p>	<p>porque... não consigo, estou noutro lado..." (Carlos, A1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) mas para trabalhar, não é... (...) tanto [faz estar] fora como dentro... desde que estou a trabalhar, estou bem..." (Dário, C10; 11)</li> <li>• "... quando estou a trabalhar... estou mais distraído, mais divertido... o tempo passa melhor... o tempo passa, enquanto uma pessoa... sentada, assim, uma hora não passa... depois é bom para o corpo, também..." (Dário, C16)</li> <li>• "(...)... e depois é bom para a saúde, para o nosso... depois uma pessoa está parado fica com o corpo muito mole e pesado, não sei...depois estamos a trabalhar e o corpo está... é... ginástica... o corpo está sempre (...) sempre em activo (...)" (Dário, C17)</li> <li>• "(...) às vezes (...) ainda sinto aquele vazio, parece que me falta qualquer coisa... mas pronto, eu aqui tenho um sistema, (...) quando começo a sentir isso... para já estou sempre a trabalhar, estou sempre a mexer-me, (...) não paro (...)" (Maria, E24)</li> <li>• "(...) há duas semanas (...) foi num sábado (...) fiz as tarefas de casa... e digo assim, "ai Jesus, mas isto é tão cedo (...) eu não posso estar aqui parada"... e ao sábado, nós limpamos a casa, e temos depois o resto para... para ver televisão... o dia é nosso... comecei a olhar para as escadas, "oh pá, isto não pode ser assim... ", [fui] buscar o balde, buscar o sabão, o esfregão, a escova... comecei a limpar aquilo... a escadaria toda (...) "ó Maria, o que é que tu estás a fazer, tu estás maluca?" (...) e então é o que eu digo, "estou stressada! Não digas nada..." (...)" (Maria, E26; 30)</li> <li>• "[Estar stressada é estar a pensar] (...) naquilo que não devo..." (Maria, E27)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) estar ali a fazer comida para doze, treze pessoas, diariamente, e estar uma pessoa sozinha, é assim, um (...) no verão aquilo é uma sauna, a pessoa sai dali todo partido, chega à hora do almoço, eu acabo de almoçar, e se não for descansar um pouco não sei se aguento o resto do dia, ..." (José, G35)</li> <li>• "Ah, por um lado é bom, por outro lado... tenho que estar sempre aqui, vinte e quatro horas... quando estive cá a primeira vez, já há quatro anos, estava cá o senhor Né [monitor], a gente saía, a gente ia ao café, agora já não vamos ao café, já não vamos sair... agora não, não pode (...) depois agora está cá este casal e a gente não pode sair..." (Mário, L8)</li> <li>• "Não, não é obrigado... a gente está à cozinha, é à cozinha que fica... no refeitório mete as mesas, mas eu gosto... eu não gosto de estar parado... estar parado também me custa, estar aí sem saber o que</li> </ul>
---------------------------------	--	--

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

Tempo social (cont.)	Ocupar o corpo e o espírito (cont.)	<p>fazer...”(Mário, L18)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Um dia de trabalho, normal, lá fora? Levantas, limpas a casa, pegas em qualquer coisa, entretido, porque não é obrigatório trabalhar....quem trabalha é quem quer... bom, é as tarefas da casa, a limpeza, eu desde que vim para aqui comecei com a hortazita, entretive-me com a horta, e ando na horta... dá para passar o tempo...” (Oscar, N27); “Gosto [da horta]... é onde passo o tempo, ou aí ou a dormir a sesta... é muito raro que eu veja televisão...” (Oscar, N28)</li> <li>• “(...) a gente de manhã acordávamos às oito horas, sete e meia, vá lá, eu por norma acordo às sete, sete e meia, (...) só que vejo que há aqui pessoas que precisam mais, tenho pessoas aqui que têm SIDA, estão mais debilitados, outros que têm hepatites c's, (...) outros têm tumores cancerígenos... enfim, e as pessoas é natural que se sintam cansadas, e precisem de descansar, (...) não era por causa de mais meia hora ou de menos meia hora que eu me ia andar a chatear com ninguém, e então resolvi adaptar, a uma hora que por exemplo no verão, o sol já nasceu há duas horas ou à três, e a pessoa sem querer por si só acorda, (...) oito e meia, já o sol nasceu há duas horas, a pessoa acaba por acordar por si só, parece que acorda bem disposta(...)” (António, P6)</li> </ul>
Tempo social	3. Espaços	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) gosto de estar mais cá fora... mais cá fora, [lá] dentro... há momentos em que tenho que lá ir... para ver televisão ” (Dário, C7); “... bom, sinto-me fechado, sinto-me (...) num mundo, num mundo que não vê, não vejo as coisas... não vejo horizonte...” (Dário, C8)</li> <li>• “... a distância longe, ali eu... vejo a paisagem... vejo os montes, fica mais... eu vou ali e melho a cabeça... vou lá dentro e só penso que estou lá dentro... fica mais... se calhar não sei explicar direito, mas fica mais... independente, não é.... a vida...[lá dentro] fica um bocadinho mais fechado...” (Dário, C9)</li> <li>• “(...) a minha mãe ficou encantada [com a capela da comunidade]... ela veio aqui ver-me, um dia... pronto, eu andei a mostrar a casa, aí... e a minha mãe é muito agarrada, a isso (...) e então levei-a, sabia que ela ia gostar... mesmo estando naquele estado (...) e ela ficou encantada e realmente é verdade... ela é bonita... se estivesse recuperada, estando bem... bem estimadinha... mas pronto, é o que se pode arranjar, não é (risos)...” (Maria, E36)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Acho um espaço agradável, bonito, podia ser mais aproveitado, podia ser mais bem cuidado, mas se calhar não há mais, paciência...” (Cristina, F40)</li> </ul>

Análise de discurso

Tempo social (cont.)	Espaços (cont.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) por exemplo, não estou a dizer uma pessoa que vem ressacada... estou a dizer uma pessoa que vem para ficar um ano, dois anos, (...) ao fim de passar a ressaca, (...) as tarefas que eles têm que fazer, não é... (...), por exemplo: as torneiras ali de fora do jardim, pingam água constantemente... a correr (...) como é a câmara que paga, não faz mal, deixa-se correr a água... acho isso um desperdício... acho que isso é gozar com a falta de água das pessoas que não têm uma gota para beber (...)" (Cristina, F41; 42)</li> <li>• "(...) é pá, (...) não vou ter agora a cozinha aberta, a qualquer hora e qualquer minuto lhes apetece, vão para dentro da cozinha e vão-se servindo... isto não é assim, aqui tem que haver umas regras, e tem que haver..." (José, G28; 29)</li> <li>• "(...) Mudei... lá para cima, porque enfim, eu não fumo... e depois eu tenho o meu trabalho, e depois tenho os planos e os papeis, por exemplo os meus documentos, coisas do banco, e não sei quê, e pronto, não fazia sentido por exemplo estar ali com eles, deixo os meus documentos, não tenho lugar para fechá-los... depois eles como fumam no quarto durante a noite, e eu para mim era um pesadelo e uma carga de trabalhos... acordar e estar com o fumo, e isto assim (...), e depois pedi para ficar aí em cima, e pronto... ele [António, monitor] aceitou, estou mais sossegado, estou mais tranquilo..." (Dário, J5)</li> <li>• "(...) às vezes umas coisas, por exemplo que eu não gosto, (...) uma pessoa está na cozinha em tronco nu... a fazer comida para comer... mas também eu não me vou meter nisso... tudo porque o António [monitor] permite..." (Dário, J10)</li> <li>• "(...) o quarto quando nós chegámos tinha as paredes a cair, caíam, toda a pintura, e como o Óscar [marido] é forte, (...) ele usa ventoinha à noite, não consegue dormir sem ventoinha, senão sente-se mal, e então com a ventoinha a dar na parede, soltava-se mais parede, e caía em cima de nós... e em cima da cama, e ele arranhou uma tinta, uma tinta de borracha, deu uma demão de pintura e quando secou ficou segura a parede, já não cai, porque a tinta na parede, assim plástica, já não cai..." (Nela, M21)</li> <li>• "(...) parecia um infântário, aqui em baixo, o jardim ficou cheio de brinquedos, de carros...de bonecos, de tudo, a entrada da porta estava toda cheia de bonecos, parecia um infântário..." (Nela, M37)</li> <li>• "(...) [mudava o que se passa na cozinha] , o tema da cozinha, sempre foi um sítio que eu tive por sagrado, haver um cozinheiro fixo, e não entrar ninguém na cozinha, isso sim, disso não gosto..." (Óscar, N31)</li> <li>• "Prefiro o verão, não o inverno, depois aproveito sempre ali o tanquinho, para dar uns mergulhos, e apanhar ali um bocadinho de sol, fazemos sempre ginástica, corremos..." (Rogério, Q21)</li> </ul>
Memórias de consumo	Atribuições causais	2005

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Memórias de consumo</p>	<p>1. Consumo/ Recaída por dificuldades</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) revoltava-se contra tudo e contra todos... e aqui foi o que ... caminho, para certas coisas, não é... a minha maneira de ser..." (Jaime, B11)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) quando começámos a andar assim [depois dos problemas entre a sogra e a mulher], começámos a estragar, logo... e logo a Nela... bem, os dois quase ao mesmo tempo (...) fumámos... p'ro fim era injectada, um pouco... uns quinze dias... até tive uns problemas, fui parar ao hospital e tudo, por causa do fígado, e tive que deixar..."(Oscar, N20)</li> </ul>
<p>Memórias de consumo</p>	<p>2. Consumo/ Recaída por acompanhamento do consumo</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "... juntei-me novamente com a Fátima... você conheceu a Fátima... a gente juntou-se... juntámo-nos em Março... saí daqui em Fevereiro... juntámo-nos em Março... só que ela consumia, eu não sabia... e então, vi-a consumir... depois olha, eu acabei por ir... acabei por saber e acabei por... ir, também..." (Jaime, B4)</li> <li>• "(...) tenho um irmão mais velho, que eu... que começou a consumir... heroína (...) e eu... achava ele estranho (...) não conseguia alcançar o que era, pensava que era por causa de estar em depressão por causa de o nosso pai ter falecido assim daquela forma (...) e aquilo fazia-me confusão, até que há um dia que (...) fui falar com outro amigo nosso, fui dizer "eh pá o que é que se passa com o meu irmão?", "Então não estás a ver o que é?" (...) e ele diz-me "eh pá o teu irmão anda-se a drogar... não estás mesmo a ver o que é? Deve andar com heroínas, ou coisas dessas..." (...) e o que é que eu faço... era um gaiatito, de vinte anos, na altura... vou ter com ele... cara a cara, só que ele, é claro... é quase do dobro do meu tamanho... ah, e depois... como a ligação é muito forte... em vez de dar para chorar ou para outra coisa qualquer... e pedir-lhe por tudo para parar, não... deu-me para... me agarrar a ele à pancada a ele (risos) e ele a pedir por tudo para eu estar sossegado...para estar sossegado que não... "ó António, está quieto, não faças isso, pá" (...) "não faço isso, então tu andas-te a matar, pá... estás parvo", mais assim, mais assado... e o gajo não parava com aquilo... eu todos os dias em cima dele, (...) há um belo dia que entro no quarto, o nosso quarto era comum... entro no quarto está ele a consumir (...) ele fumava... e eu assim: "ouve, ou tu paras com isso, ou eu começo também, e depois vais ver o que é que te dói"... foi assim a primeira vez... que eu comecei a consumir..." (António, D5)</li> <li>• "... a nossa vida era uma vida de... o negócio era um negócio que é muito de bar, de café, de restaurante... a gente comprávamos e vendíamos automóveis batidos, e essas coisas assim (...) então isso é um negócio onde se bebe muito à mesa e come-se muito à mesa... está-se três quatro horas... há um dia... (risos) já... com uma "ganda touca" (...) até fui eu que olhei para ele... e ele olhou para mim e disse-me "não, nem penses nisso" (...) nesse dia não fomos... no dia a seguir ele faz-me o olhar e sou eu que digo... "não não, não vamos</li> </ul>

Análise de discurso

<p>Memórias de consumo (cont.)</p>	<p>Recaída por acompanhamento do consumo (cont.)</p>	<p>não"... ao terceiro dia, o olhar é dos dois... montámos no carro fomos direitos a Lisboa... "ah, é só desta vez, para... a gente (...) desanuviar"... assim foi... consumimos esse dia..." (António, D12)</p> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) comecei com amigos que não... que fumavam charros, eu não fumava, comecei por fumar o meu primeiro charro sozinha, sem ninguém, e depois foi um caminhar...:" (Cristina, F4)</li> <li>• "Se eu consumo com o João Miguel? (...) praticamente não consumo sozinha... depois isso também é outro mal, foi nós termos... fui eu ter permitido que o João Miguel quisesse fumar... o João Miguel não queria fumar, ao princípio... não queria que eu fumasse, e para tentar que eu deixasse, ele começou ele a fumar... a lógica estúpida dele... era que se eu visse que ele estava-se a agarrar, que eu ia deixar de fumar (...)" (Cristina, F33; 34)</li> <li>• "(...) nós já temos tanta cumplicidade os dois (...) que basta (...) nós olhámos um para o outro e eu já sei o que é que ele está a pensar, e ele sabe o que é que eu estou a pensar, eu já sei se ele tem alguma coisa, ele já sabe se eu tenho alguma coisa (...) De consumir..." (Cristina, F38;39)</li> <li>• "(...) há sempre alguém... à espera para oferecer, "Ah, estás tão bacano"... é a palavra banal, "estás tão bacano"... "anda cá, só um fuminho não te faz mal", é sempre a conversa, é sempre a mesma conversa..." (José, G24)</li> <li>• "(...) o meu caso é um caso um bocado complicado... já conhecia um bocado a droga, não dentro dela... depois comecei a consumir quando comecei a andar com a... com a Cristina..." (João Miguel, H4a)</li> <li>• "(...) sozinho não consumo... (ri) [consumimos] heroína (...) Nunca quiz aprender a fumar, ela é que me dá o fumo... (ri) (...) talvez com medo de um dia acabasse com ela e depois... não continuasse com a droga, talvez isso... um refúgio, talvez... como não sabia, ela começou-me a dar e acho... primeiro experimentei... e só consumo quando estou com ela .... (ri)... é um bocado assim..." (João Miguel, H8)</li> <li>• "(...) é só com ela [Cristina, que consumo]... só os dois... ela consome sozinha, quando tem de consumir... eu não... quase nunca... uma vez ou outra, às vezes, quando não posso estar... mas quase nunca... sempre com ela... eu não me ajeito, a dar o.... não consigo (ri)..." (João Miguel, H21)</li> <li>• "(...) foi com ela que comecei isso, não é... conheci-a, ela já era toxicod dependente... eu não... sabia e não sabia, mais ou menos... o problema... ela fumava sempre ao lado comigo, no carro, até um dia... experimentei..." (João Miguel, H23)</li> <li>• "Foi por causa de um namorado que tinha, o primeiro homem que conheci, já estava há muitos anos metido na</li> </ul>
------------------------------------	--	---

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho.

Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Memórias de consumo (cont.)</p>	<p>Recaída por acompanhamento do consumo (cont.)</p>	<p>droga, tinha estado na prisão, também, tinha saído da prisão, e conheci-o no grupo onde parávamos, e juntei-me e comecei a consumir com ele, primeiro provei, e depois de ter provado já era quase todos os dias, fumando, (...) até que não pude deixar de parar, comecei a consumir quase todos os dias, assim estive cinco anos sem parar, consumindo heroína e cocaína, fumadas...” (Nela, M15)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) sei que dei por mim e já estava a consumir, já estava outra vez a ressacar (...) eu sei que saímos um fim de semana e a partir daí não me lembro de mais nada... amigos que não conhecia, amigos novos, mas sacaram daquilo no momento, ali na mesa, e começamos a consumir... e quando eu já quis coiso... já me vi com ela, já... agarrado, já a ressacar... já tinha consumido duas ou três vezes, lá com o meu amigo do trabalho, mas quando saímos o fim de semana, eram gente... que nem sabíamos que fumavam... e apareceu isso na mesa e...” (Oscar, N36)</li> <li>• “(...) depois foi aquelas coisas de fim de semana, e senti-me mal, a primeira vez que experimentei, senti-me mal, senti-me mal disposto, com vontade de vomitar, assim coisas desse género, e depois olhe, a segunda vez foi um fim de semana, com uns amigos, e experimentei outra vez, e a sensação aí já foi diferente, foi uma sensação assim calma, assim calmo, relaxado (...)” (Rogério, O6)</li> <li>• “(...) é difícil de explicar, porque depois chega a uma altura que o nosso circulo de amigos... andam todos... prontos, andam todos metidos na mesma coisa... na droga, consomem todos... e nos o quê... damo-nos com essas pessoas... e juntamo-nos todos...” (Rogério, Q12)</li> </ul>
<p>Memórias de consumo</p>	<p>3. Consumo/ Recaída por contacto com um traficante</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “E lá fui... isto parece que... eu costume dizer que as pessoas têm um iman... não é... e... neste aspecto eu devo ter tido... assim que cheguei à A.[Pais] conheci logo um turco (...) Prontos... estragou-se tudo (...) O turco (...) lá deve ter olhado para mim, lá deve (...) ter visto (...) o passado que andava aqui...(Maria, E8)</li> </ul> <p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) por exemplo, naquela altura, era uma pessoa que vendia, que íamos a casa dessa pessoa, comprávamos e consumíamos lá... pronto a pessoa está ali, chegava ali, sentávamo-nos, comprávamos lá, fumávamos lá, estávamos ali um bom tempo, às vezes na conversa, ... prontos, e era assim... saía de casa, parece que não tinha sitio nenhum para onde ir, ia logo directo ali (...) era logo de manhã!” (Rogério, Q13)</li> </ul>
<p>Memórias de consumo</p>	<p>4. Consumo/ Recaída por causa de um momento crítico</p>	<p>2005</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “a minha ex-mulher disse-me, não é...” olha, não te disse nada mas a tua mãe já faleceu...” (...) saí, e assim que saí estive uma semana bêbedo, de dia e de noite, estendido (...)” (Carlos, A14)</li> </ul>

Santuário. Transição, percursos e resistência no contexto de uma instituição total.

Dissertação conducente à obtenção do grau de Mestre de Margarida P. de Almeida Simões Cardoso. Orientadora Prof. Doutora Paula Godinho. Antropologia, especialidade de Movimentos Sociais. FCSH-UNL.. 2007

Análise de discurso

<p>Memórias de consumo (cont.)</p>	<p>Consumo/recaída por causa de um momento crítico (cont.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "...depois ela [Fátima, com quem vivia] teve um avc, faleceu em Dezembro (...) depois andei desvairado... de doze de Dezembro, até... até cinco de Janeiro, andei... andei na corda bamba..." (Jaime, B6)</li> <li>• "até que (...) o meu pai faleceu... ah... inesperadamente (...) foi em três dias (...) e deram-me a notícia... no dia 31 de Dezembro, estava eu numa passagem de ano... foram ter comigo, foram-me buscar... logo aí foi um... fiquei assim um bocado desequilibrado..." (António, D4)</li> </ul> <p><b>2006</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) depois dos charros foi os meus pais terem-se separado (...)" (Cristina, F5)</li> <li>• "(...), depois de ser operado pela primeira vez, (...) isto foi uma chicotada psicológica que eu levei tão grande, tão grande, quando tive o problema do cancro do colon, que após a operação, eu tirei os pontos, não é, isto começou a cicatrizar, e eu estava em casa a repousar, não aqui no centro, estava em casa da minha mãe a repousar, (...) todos os dias eu pensava neste problema, de ter sido operado, que eu ia morrer, e prontos, foi um trauma que eu ganhei, e eu entrei naquela, já que vou morrer, vou morrer mais depressa... acredite, foi mesmo assim (...) e eu andei para aí o quê, um mês, seguido, a fumar novamente a droga, andei, eu estou a ser sincero, (...) mas depois entrei na real, entrei na real, comecei a pensar, "eh pá mas espera lá, isto de começar a fumar, vai-me matar, mas realmente vai-me matar... mas é lentamente... eu vou é sofrer..." (José, G49)</li> <li>• "Eu comecei foi quando o meu pai morreu... eu tinha amigos, mas os amigos... fumávamos só aqueles charros... e então eu comecei por aí, depois comecei a fumar coca, e depois comecei-me a injectar..."(Mário, L2)</li> <li>• "Foi quando soube que a minha mulher estava grávida, e era uma menina... e eu deu-me um pensamento...e comecei outra vez... depois já estava..." (Mário, L33)</li> </ul>
<p>Memórias de consumo</p>	<p>5. Consumo/Recaída com a festa</p>	<p><b>2005</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) já na altura [os meus amigos consumiam] heroína... começaram pelo axis... essas coisas, depois... já na altura, heroína... não era assim grandes consumos, era aqueles consumos esporádicos.. festas (...) só que havia muitas festas... o problema é que havia muitas festas...." (António, D2)</li> <li>• "(...) depois já não se bastava só as festas... e eu acompanhava com eles.. embora não consumisse... quando eles consumiam eu ia para ali... afastava-me..." (António, D3)</li> <li>• "(...)... fomos fazer a passagem de ano lá para cima, para o norte... já para fugir do ambiente, porque o meu</li> </ul>

Análise de discurso

<p>Memórias de consumo (cont.)</p>	<p>Consumo/ recaída com a festa (cont.)</p>	<p>pai tinha falecido... era... é sempre uma data chata (...) por sorte ou por azar tava lá um ... um rapaz conhecido (...) do mundo (...) que... tinha tinha... tinha heroína com ele. Foi assim... fizemos lá uma ganda festa, não é... "Eh pá tenho e coiso, então estão aonde?"; "Eh pá estamos ali na pensão" e tal (...)" (António, D13)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) pronto e então... isso é como tudo... enquanto não se está mal, vão dando (...) oferecem... era festas (...) era muita droga, pronto, que é mesmo assim... era muita droga (...) só... cocaína... enquanto aquilo foi andando, lá... entretanto, chegou a um ponto que já não... não dava..." (Maria, E9)</li> </ul>
<p>Memórias de consumo</p>	<p>6. Consumo por curiosidade</p>	<p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...)e depois foi o querer conhecer mais (...)" (Cristina, F8)</li> <li>• "(...) foi a novidade, e eu não conhecia, não é, como os outros, também, que caíram... porque a gente na altura... eramos miúdos (...)" (José, G17)</li> <li>• "(...) até que apareceu essa droga, a heroína, a cocaína, e depois foi uma novidade, depois é aquela... a novidade, fora de... não tem nada a ver com a idade (...)" (José, G19; 38)</li> <li>• "(...) começou por curiosidade, a primeira vez que experimentei foi heroína, não gostei, fumei, achei aquilo um sabor horrível, eu até lembro-me de comentar como é que eles conseguem fumar isto, isto tem um sabor, uma coisa esquisita (...)" (Rogério, Q5)</li> </ul>
<p>Memórias de consumo</p>	<p>7. Consumo por proximidade/ por disponibilidade</p>	<p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) eh pá, aqui, o stress das coisas, a proximidade dos sítios... eh pá não sei (...) faz com que as coisas se proporcionem, não sei.. em dez minutos meto-me (...) na cova da moura..." (Cristina, F31)</li> <li>• "[Sarrar a marca da toxicodependência] (...) depende da... da gente mudarmos de zona, ou de situação, de vida, eu acho que isto tem muito a ver..." (José, G12)</li> <li>• "(...) eu por acaso tive a sorte de... comecei com trinta e um ano, mas quando eu comecei com trinta e um ano, (...), muitos jovens na altura que ela apareceu (...) começaram a consumir com dezasseis e dezasseite anos... porque foi na altura que ela apareceu..." (José, G20)</li> <li>• "(...) passou a ressaca, aquela parte da ressaca, e mais não sei quê, e depois como trabalhava, o corpo tinha que me mexer, e mais não sei quê, e pronto, tive que aguentar, até que passou... cheguei cá, jurei para mim, "não, não vou tocar mais naquilo", assim que cheguei cá, no dia a seguir, tumba, voltei outra vez..." (Rogério, Q11)</li> </ul>

Análise de discurso

<b>Memória histórica</b>	<b>1. Situar os motivos do consumo no contexto histórico</b>	<p>2006</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• “(...) foi (...) naquela altura da independência, quando vieram muitos... os retornados, começou a haver muitas drogas, muito haxixe, muita erva, foi nessa altura que eu comecei a drogar-me...” (Cristina, F7)</li><li>• “(...) eu comecei de miúdo, apareceu aí a erva, que vinha do ultramar, e a gente fumava, os nossos charros, pá, é mesmo assim... falando bom português, a gente fumava os nossos charros... e entretanto depois apareceu o axis, e a gente continuou a fumar, não é, aquilo era um estímulo (...) talvez fosse por um prazer (...) Não era o vício, era o prazer de fumar...” (José, G18)</li></ul>
--------------------------	--	--